

MARIA ADÍLIA MONTEIRO GOUVEIA

“O hábito não faz o monge”: Por uma (in)destinação de cada qual, num Lugar patrimonial que já foi agora.

Professora Orientadora: Orquídea Coelho

Professor Cooperante: Manuel Castro Mendes

Escola Secundária Francisco de Holanda

2023

Maria Adília Monteiro Gouveia

“O hábito não faz o monge”: Por uma (in)destinação de cada qual, num Lugar patrimonial que já foi agora.

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Professora Orientadora: Orquídea Coelho

Professor Cooperante: Manuel Castro Mendes

Escola Secundária Francisco de Holanda

Ano letivo 2022/23

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE AUTORAL

Eu, Maria Adília Monteiro Gouveia, declaro que o presente Relatório de estágio pedagógico do mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, intitulado «“ O hábito não faz o monge”: Por uma (in)destinação de cada qual, num lugar patrimonial que já foi agora», é o resultado da minha investigação pessoal e independente. Confirmando que não recorri à prática de qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas nas referências bibliográficas, tal como todas as citações, paráfrases e alusões diretas ou indiretas têm a devida indicação ao longo do trabalho, de acordo com as normas académicas. Mais declaro que conheço e que respeitei as informações da Comissão de Ética da FPCEUP.

Resumo

A investigação em torno do estágio, desvelou determinantes patrimónios histórico-sociais e educacionais de uma escola centenária. Compreender o processo evolutivo de adaptação, tendo como estudo, a minha presença, naquele lugar. Neste relatório tecem-se considerações relativas a essa região impregnada de artefactos têxteis e a sua industrialização. Mas necessariamente mescladas na aplicação ao ensino das artes e no olhar sobre o padrão modular, com uma lente holística, como gramática do desenho e trabalhado no grupo focal do 10º ano. A designação titular deste relatório é claramente polissémica, o que vem enfatizar uma posição de instabilidade e questionamento, relativamente ao destino ensino escolar. O desígnio é abordar o limiar existente entre a padronização generalizada na escola e o equilíbrio instável, com a almejada autonomia. A inquietação, que a situação de desequilíbrio, instalado apesar do reforço de possibilidades ou impossibilidades, que raramente é aplicada nas escolas, para além da interação, nem sempre saudável, com as instituições museológicas. E simultaneamente, o corroborar do sentido desenfreado da arte contemporânea, do momento, as dúvidas, e os questionamentos que isso provoca na educação artística, nas pessoas docentes, discentes e na população em geral. O relatório vai desfiando as temáticas complementadas de (re)construções das vivências e memórias convocadas a um só lugar como auxiliares de uma identidade do ensino artístico per si.

Palavras-chave: Arte - Educação - Lugar - Padrão - Patrimónios - Têxtil

Résumé

L'enquête entourant le stage a révélé les déterminants du patrimoine historique, social et éducatif d'une école centenaire. Comprendre le processus évolutif d'adaptation, en prenant comme étude ma présence à ce lieu. Ce rapport présente des considérations relatives à cette région riche en objets textiles et à son industrialisation. Mais nécessairement mixte dans l'application à l'enseignement artistique et dans l'étude du modèle modulaire, avec une optique holistique, comme la grammaire du dessin et travaillée dans le groupe de discussion de 10e année. Le titre de ce rapport est clairement polysémique, qui met l'accent sur une position d'instabilité et d'interrogation sur le sort de l'enseignement scolaire. L'objectif est de franchir le seuil entre la standardisation généralisée à l'école et l'équilibre instable, avec l'autonomie souhaitée. L'inquiétude, c'est la situation de déséquilibre, installée malgré le renforcement des possibles ou des impossibilités, rarement appliquée dans les écoles, en plus de l'interaction, pas toujours saine, avec les institutions muséales. Et simultanément, la confirmation du sens débridé de l'art contemporain, du moment, des doutes et des questions que cela suscite dans l'éducation artistique, chez le corps enseignant, chez les étudiants et dans la population en général. Le rapport dévoile les thématiques complémentaires des (re)constructions d'expériences et de mémoires rassemblées en un même lieu comme auxiliaires d'une identité d'enseignement artistique en soi.

Mots clés : Art - Éducation - Lieu - Motif - Patrimoine - Textile

Summary

The investigation surrounding the internship revealed determinants of the historical-social and educational heritage of a century-old school. Understand the evolutionary process of adaptation, taking as a study my presence in that place. This report presents considerations relating to this region full of textile artefacts and its industrialization. But necessarily mixed in application to arts teaching and in looking at the modular pattern, with a holistic lens, such as the grammar of drawing and worked on in the 10th year focus group. The title of this report is clearly polysemous, which emphasizes a position of instability and questioning regarding the fate of school education. The aim is to address the threshold between widespread standardization at school and the unstable balance, with the desired autonomy. The concern, that the situation of imbalance, installed despite the reinforcement of possibilities or impossibilities, which is rarely applied in schools, in addition to the interaction, not always healthy, with museum institutions. And simultaneously, the corroboration of the unbridled meaning of contemporary art, of the moment, the doubts, and the questions that this causes in artistic education, in teaching staff, students and the population in general. The report unravels the complementary themes of (re)constructions of experiences and memories summoned to one place as auxiliaries of an identity of artistic teaching per se.

Keywords: Art - Education - Place - Pattern - Heritage - Textile

Agradecimentos

- ✧ Estou extremamente grata à Professora Orquídea Coelho, a minha Orientadora, que foi muito além do que a função supõe e me apoio incondicionalmente, que humanamente me ouviu, sendo um elemento crucial na conclusão deste relatório.
- ✧ Agradeço ao Professor Cooperante Manuel Castro Mendes pela disponibilidade e apoio e encorajamento para ultrapassar alguns constrangimentos.
- ✧ Aos/às professores/as pelos desafios criados que me incitaram a questionar as minhas próprias convicções.
- ✧ Aos/às discentes da ESFH, com quem trabalhei, particularmente à 10AV2, pelo respeito, interesse e trabalho desenvolvido.
- ✧ À minha família pela constante motivação, que suportou a alternidade do meu humor, e a compreensão pela minha ausência no acompanhamento familiar.
- ✧ Ao meu parceiro de estágio, amigo Diogo pelo apoio e colaboração mútua que se desenvolveu neste último ano.
- ✧ À colega e amiga Joana pelo apoio alternado e simultâneo que tivemos ao longo desta jornada do MEAV.
- ✧ E a todos e todas que me apoiaram e incentivaram nesta caminhada.

Siglas, Abreviaturas e Acrónimos

AAELG - Associação dos antigos Estudantes de Guimarães

AEFH - Agrupamento de Escolas Francisco de Holanda

AMAP - Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

AE - Aprendizagens essenciais

CT - Concelho de Turma

DAC - Domínios de Autonomia Curricular

DGE - Direção-Geral da Educação

DGPC - Direção-Geral do Património Cultural

DT - Diretora de Turma

EE - Encarregados/as de Educação

ERASMUS - (European Region Action Scheme for the Mobility of University Students)

ESFH - Escola Secundária Francisco de Holanda

IPA - Inventário do Património Arquitetónico

ITV - Indústria Têxtil e do Vestuário

M. - AGDP - Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património

MEAV - Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

PAA - Plano Anual de Atividade

PASEO - Perfil do Aluno à Saída da Escola Obrigatória

PE - Projeto Educativo da Escola

PISA - Programme for international Student Assessment

SIPE - Sistema de Informação do Património Edificado

SMS - Sociedade Martins Sarmento

UC - Unidade Curricular

UD - Unidade Didática

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UP - Universidade do Porto

UT - Unidade de trabalho

XICO- Escola Francisco de Holanda (tradicional e carinhosamente)

Índice

Resumo	4
Lugar da primeira laçada	10
Arranjo matricial	11
ENSEJO I	13
Lugar do onde e do porquê	13
Patrimónios culturais	13
Tecido socio-educativo	18
A criação da Escola Industrial	24
ENSEJO II	30
Lugar proprioceptivo das 306 horas	30
Observações e deambulações	31
A sala D21	33
Os tempos letivos	35
Além das disciplinas	42
ESFH fora de portas	49
Olhar sobre padrão modular	57
Caracterização do grupo focal	67
A voz da turma no desempenho da “disdocente”	70
ENSEJO III	73
lugar da (não) aceitação da padronização	73
(Com)fiar no ensino das artes	78
Instituição museológica versus escola institucional	81
ENSEJO IV	85
Lugar do funambulismo da arte e do objeto museal	85
(des)fecho de duas entradas	91
Referências bibliográficas	94
Apêndices	99

Lugar da primeira laçada

As laçadas que se desenham foram tecidas sobre a *urdidura*¹ complexa da história e os diversos patrimónios que envolvem vínculos à instituição em estudo.

Existe, desde logo, uma intensa polissemia em torno o título. É, por isso, um pequeno retalho de uma peça mais elaborada, ao qual acrescento os textos utilizados na malha expositiva para memória futura! Valorizando cada fio e cada laçada que se entrelaçam com os saberes da escolarização artística que é atravessada com múltiplas técnicas e pela cultura pessoal de cada um. Usarei, por vezes, mas propositadamente, ao longo do relatório, vocabulário, habitualmente, utilizado na Indústria Têxtil e do Vestuário (ITV), naturalmente, contextualizado.

A investigação, em torno do contributo da história, da tecnologia para o desenvolvimento da indústria têxtil e as alterações educacionais, saiu, neste estudo, generosamente beneficiada pela fertilidade das escolas e cursos criados e desenvolvidos! Não será essa uma confeção saudável no caminho para uma boa *vestibilidade*² societal? O meu desígnio não é fixar-me num *posto* fechado. Mas *funcionar* em contínuo processo reflexivo que inclui diferentes bitolas³?. Uns mais disruptivos perante determinada *fileira de operações* e outros de relativa aceitação em trabalho contínuo, que acompanha e evolui, com os componentes mais *saudáveis*, para uma cadeia produtiva com participação do grande todo⁴.

Este relatório pretende ser um semblante de desassossego e procura. Onde este lugar de *debuxo de letras*, molda peças que se cosem e por vezes descosem, em cooperação com *manejos* experimentais, talvez *defeituosas* ou até de desconforto e desafiadora que podem até *desgastar-se*. A sua titulação metafórica atravessa tecidos entre os vários espaços temporais, para o entendimento da unicidade de cada

¹ Urdidura - conjunto dos fios ao longo do tear, por entre os quais se passa a trama; enredo; intriga; pagamento à tecedeira. No Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, Porto Editora –Termo muito utilizado na ITV.

² Vestibilidade - Qualidade ou estado do que é vestível. No Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vestibilidade>. Termo muito utilizado na ITV.

³ Bitola - Medida que serve como referência, em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/bitola>. Termo muito utilizado na ITV.

⁴ O grande todo - O Universo. "*todos*". em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/todos>.

indivíduo, com maior enfoque, no contexto escolar do ensino das artes visuais e as diversas padronizações dos elementos que podem penetrar em cada discente e docente, as possibilidade castradora ou impossibilidades da alteração de cada persona.

Arranjo matricial

A partir das delimitações das secções que, naturalmente, nunca são estanques, irão desenvolver-se, com diferentes materiais e *aviamentos*⁵, para esta *obra*⁶ conversas dialógicas mas, inúmeras vezes um solilóquio de pensamentos. Devo esclarecer que as palavras e expressões que surgem em itálico, são minhas, num contexto do reforço ou do significado menos convencional. Acorrem, igualmente, passagens de discursos informais, que não foram entrevistas, mas opiniões espontâneas, verbalizados, pelos Professores Cooperante Castro Mendes, o Professor de História e Cultura das Artes e responsável do museu da escola de estágio, Viana Paredes, o Professor de Português Agostinho Ferreira, colaborador na manutenção do museu escolar e o Professor José Falcão de geometria descritiva A. Estas conversas, em respostas aos meus questionamentos, no final dos tempos letivos, na sala ou no corredor frente às salas de aula ou noutros casos, no museu da escola, foram transferidas para a escrita no diário gráfico/*caderno diário* e transcritas para estes capítulos, com a leitura e aval dos diversos atores. Lembro, igualmente, diálogos com discentes, uns públicos, outros mais privados que, sem dúvida, enriquecem, naturalmente estas reflexões. Acrescento, como esclarecimento, que a denominação da Unidade Didática (UD), termo mais recorrente no MEAV, surge igualmente como Unidade de Trabalho (UT), empregue na Escola Secundária Francisco de Holanda. Nestes 4 *ensejos* que exponho como oportunidades temáticas, subdivididas nos diferentes lugares propriocetivos surgem, assim, sítios de relatos, constatações, reflexões ou incertezas. Envolvem, ao longo deste relatório, *estampas* conscientes mas de um equilíbrio instável, talvez

⁵ Aviamientos - no sentido de preparos, miudezas (para uma obra), em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa , 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/aviamentos>. Termo muito utilizado na ITV.

⁶ Obra - Produto de um agente. Ou qualquer trabalho. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/obra>. Termo muito utilizado na ITV.

provocatório ou divergente.

No ensejo I, procurei definir o desígnio desta *trama e a sua diagramação* e os diferentes meios que interagem para o desenvolvimento da minha reflexão.

irei localizar-me nas origens, desde o século XIX da escola de estágio em Guimarães. *Desfiar* os diferentes patrimónios identitários da região que se mantiveram ou se desenvolveram ao longo tempo, principalmente as características geopolíticas e sociais na origem da escola em estudo, sem esquecer as movimentações culturais existentes que contribuem, assim como as anteriores, para a evolução deste atual modelo de sociedade vimaranense. Descrever as diversas paisagens percorridas pela Escola Secundária Francisco de Holanda , desde a sua criação.

Na secção II, Descrevo as observações do meu lugar de paragem, quem me viu e quem eu vi, quem me conheceu e quem eu conheci. Convivi na escola de que já tinha muitas imagens emprestadas. Socializei com um *corpo padronizado* de elementos não docentes desiguais. Aprendi com uns *módulos* divergentes, outros convergentes, de um *corpo* que os une pela docência. Estudei com uma malha de um corpo discente irregular, repleto de elementos emaranhados, em que cada um é único mas ligado por uma ou várias qualidades, esses módulos que noutro lugar se padronizam de outro modo através de outras características. E ainda, *virei do avesso* a heteroavaliação . Na parte III, Este enorme *lençol* interminável de *padronização, desdobra-se* em múltiplos *módulos* que vão coexistir *confeccionados* de modo regular e irregular, *defeituoso* ou *errante*. Por um lado, a visível tendência para a padronização hermética e limitadora e por outro, o padrão como malha deformável e heterogénea nas diversas qualidades dos seus módulos. Ainda a possível *permeabilização da falta de acabamento do tecido*, na educação artística e *o seu parceiro museológico*. No ensejo IV e último deste meu relatório, apresento uma reflexão sobre o fino fio existente e também, inexistente da arte contemporânea funcional, mercantilista e o objeto museal no caminho do produto de design. Trabalha-se para alguém *escolher* e vender ao público o que esse alguém definir? Com as preocupações globais, atuais, as *consciências* não estarão a começar a trabalhar no mesmo sentido? Ou estarei a ser demasiado *desafiadora*?

ENSEJO I

Lugar do onde e do porquê

A Escola Secundária Francisco de Holanda, que passarei a designar por ESFH, lugar de estágio, está localizado na cidade de Guimarães, no distrito de Braga. A ESFH situa-se a cerca de 600 metros do centro da cidade. Guimarães é uma cidade histórica, conhecida pelo seu passado, sendo considerada o berço da nação portuguesa, local de nascimento do primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques e com muitos outros pontos turísticos reconhecidos, que serão apontados pela pertinência do seu enquadramento sociocultural. E aprofundadas pela minha premência de conhecimento holístico, da razão deste lugar de estágio, não de passagem mas de presença.

Patrimónios culturais

“De acordo com o que reza a tradição, terá sido em Guimarães que nasceu e foi baptizado aquele que, em 1179, viria a ser coroado o primeiro Rei de Portugal , D. Afonso Henriques; Guimarães assumiu um papel de grande relevo no tempo do Condado Portucalense, pois era a sua villa mais importante; Guimarães terá sido palco da batalha de S. Mamede, cuja vitória de D. Afonso Henriques foi decisiva para a fundação da Nação Portuguesa ao garantir a independência do Condado Portucalense face ao Reino de Leão.” (Em Município de Guimarães :s/p)

A origem da cidade volve a uma “villa”, nesse tempo nomeada “Vimaranes”, que se supõe ser proveniente do apelido individual de descendência germânica “Vimara” ou “Guimara”, o qual deveria ser um dos senhorios do local. Naturalmente, com o atravessar dos séculos, o nome “foi evoluindo para Guimarães por via do latim” (idem). No entanto, ainda hoje os habitantes de Guimarães são designados por “Vimaranenses”.

A cidade é um destino turístico popular acrescido, devido ao seu património histórico e cultural bem preservado. O centro histórico de Guimarães é considerado Património Mundial pela Comité do Património Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, na sigla em inglês), desde 2001. Entre os locais mais lembrados incluem -se “o Castelo de Guimarães, o Paço dos Duques de Bragança, a Igreja São Miguel do Castelo, o Teleférico de Guimarães, a Igreja Nossa Senhora da Oliveira e a Igreja Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos. Para além de espaços culturais, que preservam a história e cultura da região em harmonia com a contemporaneidade, como: a Casa da Memória, Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Centro Cultural Vila Flor, o Museu de Alberto Sampaio ou o Espaço Oficina, entre outros. Além disso, a região possui tradição no artesanato, com destaque para a produção de tapeçarias, bordados e cerâmicas e curtumes de couros e peles em especial para a ITV. A cidade de Guimarães possui uma vida social e cultural ativa: a cidade contém uma agenda cultural intensa, com festivais, eventos desportivos e atividades ao ar livre, especialmente no verão. O Festival de Música de Guimarães e o Festival Manta são exemplos de eventos que atraem artistas nacionais e internacionais.

Assim como, a Contextile, a Bienal de Arte Têxtil Contemporânea, que não poderia deixar de mencionar, pela satisfação e interesse que tenho, pela temática e em visitar. Em 2022, realizou-se a sua 6.^a edição, entre 3 de setembro e 30 de outubro de 2022, *festejando* o seu 10.^o aniversário. A Contextile criou-se em harmonia com esta *geocultura* têxtil vimaranense, aquando Guimarães Capital Europeia da Cultura. É, sem dúvida uma celebração da Arte e da Cultura Têxtil. Como se pode ler no website da Contextil, “Dez anos volvidos, a bienal é, reconhecidamente, uma referência no âmbito da arte têxtil contemporânea. Como é, também, um acontecimento cultural e artístico ímpar, que transforma a região no epicentro de um processo de interação e ligação entre artistas, criadores, comunidades, indústria e territórios.” (Contextile, 2022:s/p).

Além dos mencionados anteriormente, Guimarães é palco de diversos outros eventos e efemérides ao longo do ano. Deixo aqui alguns exemplos: Festa Gualteriana: É uma festa popular que ocorre no final de junho, em honra a São Gualter, o padroeiro de Guimarães. Durante a festa, há desfiles, concertos, feiras, atividades desportivas e muita animação nas ruas da cidade. Celebradas no dia 24 de junho, as Festas da Cidade comemoram o Dia de São João, um santo popular em Portugal. As festividades incluem

concertos, espetáculos de dança, fogo de artifício e uma tradicional procissão.

Realizada anualmente no centro histórico de Guimarães, a Feira Afonsina é uma recriação histórica da época medieval. Durante o evento, as ruas são decoradas a rigor e as pessoas vestem-se com trajes medievais.

Ou ainda, segundo a página eletrónica do município, a Festa do Pinheiro é uma das celebrações mais populares da cidade de Guimarães, no início do mês de dezembro e incluída nas Festas Nicolinas, que são as festas dos estudantes dos liceus da cidade em honra de São Nicolau de Mira. A Festa do Pinheiro inicia as “Nicolinas” e é conhecido como a “noite mais longa do ano na cidade-berço”. O ritmo dos tambores dura até de madrugada, numa tradição que se perpetua há vários séculos. Milhares de pessoas estão na rua, apesar do frio .

“No centro do cortejo, uma junta de bois enfeitados, animais imponentes que nada temem, carregam um pinheiro”. A árvore será enterrada do outro lado da cidade. Mas a noite começou muito antes, com as ceias Nicolinas em (quase) todos os restaurantes da cidade, com rojões, grelos, papas de sarrabulho e vinho verde.

Esta *celebração* do Pinheiro é uma das festas mais populares da cidade de Guimarães. “A primeira referência a estas festas remonta ao século XVII, após a construção de uma capela e o aparecimento de estatutos da Irmandade de São Nicolau”.

Enterrado o pinheiro, as festas continuam em Guimarães até 7 de Dezembro, com o Pregão de São Nicolau, versos satíricos “lançados ao vento”, ao jeito dos antigos pregões que traziam notícias em tempos medievais. No comunicado da comissão de festas podemos ler que “Chegado o dia do seu nome, Nicolau. Segue-se a efeméride das “Maçãzinhas” oferecidas às raparigas, que voltarei a abordar mais à frente, “o Baile Nicolino e a Roubalheira”. É uma época muito animada para visitantes e vimaranenses!. Voltarei a tocar neste tema ao abordar uma das atividades realizada na ESFH.

Ocorrem ainda, apresentações de música e diversas atividades temáticas. Guimarães Jazz: Um dos eventos mais recomendados da cidade, o Guimarães Jazz acontece todos os anos em novembro. É um festival de música jazz que traz artistas nacionais e internacionais para se apresentarem em diversos locais da cidade; Festival Internacional de Curtas-Metragens de Guimarães: É um evento dedicado ao cinema de curta-metragem, reunindo diretores, produtores e cinéfilos. O festival exhibe uma

seleção diversificada de curtas-metragens e promove debates e atividades relacionadas com cinema.

Esses são apenas alguns exemplos dos eventos que sucedem em Guimarães. A cidade tem uma programação cultural ativa ao longo do ano, com festivais de música, teatro, dança, exposições de arte e muito mais, proporcionando opções de entretenimento e enriquecimento cultural para moradores e visitantes.

No que diz respeito às atividades económicas de Guimarães, a cidade possui uma diversificada base industrial. Para além de ser conhecida pela indústria têxtil, vestuário e dos curtumes, com várias empresas do setor localizadas na região. Guimarães também conta com empresas de tecnologia, metalurgia, produção de móveis e construção civil. “A cidade tem-se destacado no setor da inovação e empreendedorismo, com o crescimento de startups e incubadoras de empresas.”

No campo social, pode considerar-se que “Guimarães tem uma boa qualidade de vida . A cidade possui uma boa infraestrutura em termos de serviços de saúde, educação e transporte”. (Em site Município de Guimarães, s/d)

Além disso, parece ser uma cidade segura e possui uma comunidade acolhedora.

Em resumo, é uma cidade histórica e encantadora, com uma economia diversificada, oferece uma agradável cobertura cultural e social, com um património bem preservado, festivais, eventos e uma boa qualidade de vida para seus habitantes.

Todavia, sinto a necessidade de enfatizar , o meu reconhecimento a Guimarães, o seu perfil de cidade industrial, porém, implica conhecer uma parte, por vezes, injustamente, menos valorizada, mas nem por isso menos relevante, da sua história. O capital histórico-industrial, um elemento diferenciador que aporta distinção, prestígio, relevância e notoriedade, assentes numa riqueza que poucos territórios podem orgulhar-se de deter.

Esse passado, e essa história de hoje, dizem muito da relevância dos arquivos empresariais, da necessidade de preservação da arquitetura industrial dos séculos XIX e XX, da preservação das máquinas, laboratórios, instrumentos e objetos, pois deles deriva o fio condutor que relaciona o passado com o futuro.

“A função social cruza-se nas naturais implicações que a indústria tem na vida da população, e no testemunho que se replica como herança familiar, atravessando gerações, convertendo-se numa espécie de impressão digital-cultural inegável”.

(Nogueira,2019:52)

Este interesse sustentado com a investigação, robustece a historiografia industrial, permite destacar o património industrial e afirma a memória das indústrias num território cuja identidade tem nas (suas) fábricas, uma raiz profunda. Possui, por isso, função cultural. Se associada a dinâmicas de comunicação e divulgação, da ciência, da tecnologia e da Arte têxtil, compreende uma função pedagógica possível de se traduzir para diferentes públicos e de se orientar para diferentes objetivos.

“Reconciliar Guimarães com a sua memória histórica industrial é, também, um exercício de recomposição da memória individual daqueles que corporizaram essa história ao longo de décadas, atribuindo-lhe vida e dignidade à memória.” (idem:53).

Na minha modesta opinião, não se trata “apenas” de indústria e proveitos económicos (que não deixa de ser o sustento da sociedade), mas de uma arqueologia industrial, de valor cultural e museológico identitário de uma região.

Mais uma nota para salientar esse tecido patrimonial vimaranense, pela sua importância e todas as atividades empresariais e industriais, as associações, os agentes culturais, os poderes públicos, os investigadores e os colecionadores, como afirma Mário Machado⁷, “todo esse cluster que envolve e depende da indústria têxtil” e no contexto deste relatório, as instituições escolares para a continuidade educativa desses saberes. E que todos possam entender o valor do gesto protetor, estendendo-o à cidade, que é Património Cultural da Humanidade e à *roupagem* de Guimarães: o mundo da ITV, esse tear em funcionamento permanente. Devo dispor deste momento, sabendo que a entregue deste trabalho será posterior à data do acontecimento, para lembrar ou informar que a UNESCO aprovou a ampliação⁸ de zona classificada como património mundial da cidade de Guimarães, a 19 de setembro de 2023, isto é, este alargamento territorial envolve muito do património industrial do concelho

⁷ Mário Jorge Machado é Presidente da Associação Textil e de Vestuário de Portugal (ATP), em entrevista por canal em 31 de julho de 2023

⁸ Os 19,4 hectares até agora classificados como Património Mundial estendem-se a uma área de 38,4 hectares, passando a abranger o conjunto denominado como 'Zona de Couros', relativo à área de manufacturas de curtumes ao longo do Rio de Couros. Também ao nível da área envolvente, de protecção à área classificada, há uma área mais alargada que passa agora a ser de 129,3 hectares (a anterior abrangia 99,2 hectares)", detalhou a câmara no mesmo comunicado.(Jornal Público 19/09/2023)

vimaranense. Para o presidente da autarquia, Domingos Bragança, “a ampliação hoje aprovada, afirma Guimarães como cidade de património preservado e fruível [...] atesta a importância da zona de Couros como um dos núcleos fundamentais para a constituição do burgo vimaranense”. A UNESCO aprova uma ampliação de zona classificada como património mundial em Guimarães, passando a abranger o conjunto denominado como “Zona de Couros”, relativo à área de manufacturas de curtumes e outras, ao longo do Rio de Couros. (Jornal Público 19/09/2023)

Tecido socio-educativo

“(...)Para que se educa um ente racional? Em relação à natureza, para filho, esposo e pae;- em relação à sociedade civil e ao Estado, para cidadão, súbdito ou soberano; - em relação a Deus, para religioso; determinadamente nós, para christão.”

A.H.Roeder(1881)⁹

O entendimento que pretendo acerca da escola de estágio *obriga* a um recuo temporal dos acontecimentos, na sua origem e no seu desenvolvimento, até como justificação do conjunto de fios entrelaçados. Neste caso estendo pedaços do rolo infinito de tecido composto por elementos socio-educativos e socioeconómicos, sempre que possível, mais trabalhados na *geo-cultura*, da instituição em causa neste estudo. A partir de 1950, segundo Cidália Henriques, as ideologias revolucionárias provocaram o aparecimento do se poderá ser “entendido com o movimento naturalista na educação”, isto é, uma propensão educativa mais emocional ao invés do intelectual, “mais democrática do que aristocrática”.(2001:41). Porém, no final do século XIX, em Portugal, a problemática em volta das condições de trabalho de um professor eram discutidas. Para José Saraiva, “A situação material dos professores era a de semimiséria”. (Saraiva 2004: 446-451). E sustenta a sua posição, descrevendo a precariedade dos professores, através de questionamentos e indignações de Eça, em 1872, “Sabem quanto ganham os professores do ensino primário? 120\$000 por ano, 260 réis por dia! Têm de se

⁹ Anton Herman Roeder nasceu em 26 de março de 1829 e faleceu em 29 de abril de 1892. Foi um pintor alemão que se especializou em retratos e pinturas históricas.

alimentar vestir, pagar uma casa e quase sempre comprar para a escola papel, lápis, lousas, etc, com 13 vinténs por dia¹⁰! Que realidade inacreditavelmente atual, digo eu. O vencimento anual do catedrático era então de 800\$000, o de professor efetivo de liceu¹¹ de Lisboa 400\$000.” (Idem, 448). O ensino primário desenvolveu-se pouco e devagar. O nível dos primeiros anos de escola era muito baixo, não havia “casas”¹² nem professores preparados. Por graça ou pelo menos curiosidade, poderá afirmar-se que o nível da formação de um professor primário seria correspondente ao da remuneração, por “de 1687 professores inspecionados, por essa mesma época, só 263 tinham habilitações literárias¹³, e desses só 172 foram julgados «zelosos»”. (Idem). Nestes *moldes*, verificamos que avaliação externa já era rigorosa! A escola era, por lei, obrigatória¹⁴, durante 3 anos, para crianças dos 7 aos 10 anos, mas esses pequenos *seres* já eram trabalhadores diários. “[...]Tem a altura de uma enxada e a utilidade de um homem[...]” (idem:450). Escreve Saraiva apoiando-se no discurso de Eça da época. Porém a solução do ensino noturno, tentada várias vezes, dada por Eça também não vingou. Apenas por solidariedade dos operários das cidades, mas meio rural fracassou.

Quanto à arte, em geral, refletiram a evolução da sociedade e da economia”[...] foi de penúria e rotina.[...] a gente rica não investia”, mesmo a Igreja realizou menos obras. No entanto, no norte, onde *havia* um intenso espírito religioso do povo e um generoso “caudal das esmolos”, a edificação de alguns grandes monumentos de devoção continuou. “E manteve-se a, em grande parte, a tradição artesanal”. (Idem).

Apenas, com a reanimação da vida económica no final do século, revelou o aparecimento de alguns artistas, (que diríamos, agora, pró-ativos e empreendedores?),

¹⁰ Saraiva refere-se ao ensino primário, pela sua obrigatoriedade, na época, E suponho, se as condições não forem favoráveis para vulgo, “quem ensina e para quem aprende”, e escolaridade cairá por terra para uma grande maioria.

¹¹ Segundo Saraiva, o liceu era exclusivamente para preparação para entrada na universidade, havendo inexistência de ensino intermédio. Não sendo considerado a pequena burguesia.

¹² A título de exemplo, arrendava-se uma loja térrea, num convento abandonado, ao qual Eça chamava de “variante entre o celeiro e curral” (em Saraiva. 2004)

¹³ Devo anotar que, presentemente, na minha modesta opinião, exclusivamente as habilitações académicas não fazem um indivíduo, obrigatoriamente um/a bom e boa docente, seja de qualquer área que for. É preciso, no mínimo, ser detentor de valores democráticos, de generosidade e essencialmente de vocação para a profissão. É preciso escolher ser professor/a e não ser um mero plano B.

¹⁴ Segundo Saraiva de carvalho essa obrigatoriedade era fictícia, perante a inexistência de qualquer artigo que comprovasse essa obrigação e qualquer meio que a impusesse. [...] “não vemos nestas palavras a declaração da obrigatoriedade do ensino”. (2004:450)

como Raúl Lino e o “estilo da casa portuguesa”, na escultura, Soares dos Reis e Teixeira Lopes. Porém, a sociedade burguesa *comprava* mais pintura que escultura, o que justifica um pulular de grandes pintores como Malhoa, Columbano, Silva Porto, Henrique Pousão, Condeixa, Marques de Oliveira, Carlos Reis. “O retrato encomendado, auto-homenagem que se expunha no salão do palacete, era a principal fonte de receita dos pintores.”(idem,452). Os *clientes*, desses grandes mestres, que foram famosos ainda em vida, pertenciam a alta burguesia. Decorreu, contudo uma exceção, Rafael Bordalo pinheiro, caricaturista e *escultor de cerâmica*. Os seus *produtos* era *reproduzidos* aos milhares. [...] “entraram na estima popular e foram um dos mais eficazes instrumentos da crítica da sociedade[...]” burguesa, elitista, monárquica e clerical.

“As artes patenteiam ao homem as proporções justas dos seus interesses, e, com o adjutorio das sciencias, tornam-o engenhoso, activo, laborioso, civilisado, respeitador das leis; Ambas devernser altamente estimadas, favorecidas, incitadas, porque uma é a riqueza, outra o prazer da alma educando a razão. Unidas ou separadas, são o encanto da sociedade, os laços mais suaves que vinculam :os povos.(Adolpho Salazar, 1884:80¹⁵)

Só em 1860 , a disciplina de Desenho, com esta denominação, foi incluída, nos plano de estudos de ensino liceal.(Henriques C. 2001:44) Na origem, a escola moderna, refiro-me à instituição e organização escolar pública portuguesa, exigiu algo que a maioria dos agregados familiares portugueses não possuía ou talvez não desejaria possuir, a disponibilidade total das crianças e jovens para frequentar a escola. Isso significou que as crianças foram dispensadas da família e das tarefas domésticas para que pudessem participar plenamente na experiência escolar. “Ora, nesta aparente disputa pela tutela das crianças e dos jovens, a escola portuguesa perdeu durante longas décadas.”(Vieira, 2005:521). Esse novo paradigma de infância, que valoriza a individualidade da criança e a prepara para uma desconhecida vida adulta, surgiu contrariando a ideia pré-moderna de que as crianças eram apenas miniaturas dos

¹⁵ Revista de Guimarães Publicação da Sociedade Martins Sarmento A CIÊNCIA E A ARTE. SALAZAR, Adolfo Ano: 1884 | Número: 1

adultos e viviam em comunidades onde as tarefas eram compartilhadas. A *libertação* desses novos indivíduos do seu meio *analfabetizado* para a escola ... e de “[...]as tarefas que aí lhe estão imputadas representa a afirmação de uma nova concepção de infância e, simultaneamente, a condição necessária para o êxito da acção escolar”.(Vieira 2005:519). O *conserto* entre a escola e o trabalho, discute o papel da instituição escolar na socialização das crianças e jovens. Em que a escola é vista como um espaço que separa as crianças do mundo adulto e dos saberes práticos, transmitindo conhecimentos universais que ultrapassam os particularismos culturais locais e familiares. Enquanto a socialização prática baseada na imitação e na experiência direta é comum em contextos locais ou familiares, a escola enfatiza a aprendizagem abstrata e descontextualizada da época.

Poder-se-á pensar que a escola pública e obrigatória surge como uma nova forma de socialização, que retira à família e à comunidade o papel de protagonistas na educação das crianças. Ramalho Ortigão refere, num artigo do “Diário da Manhã” de janeiro de 1880, exaltando “a ideia de que o desenho deve ser a base de todo o ensino escolar e de toda a educação do homem. A fonte de todos os conhecimentos Humanos é a observação ”[...].(Henriques C. 2001:47) No entanto, o processo de escolarização da população portuguesa foi marcado por um persistente afastamento de grande parte das crianças e jovens face à escola, sendo que apenas em meados do século XX a maioria das crianças em idade escolar passou a frequentar a escola primária. Para Catarina Martins, a existência das artes na educação, “dirigidas às crianças e aos jovens «em risco», as artes em pleno século XIX pareciam conter a dose de disciplina e de autogoverno; ligadas às elites, transportavam em si poderes simbólicos ativadores de uma distinção social.”(2017:14).

Existem também, outros motivos associados às altas taxas de analfabetismo, em Portugal, a disparidade entre cultura popular e erudita, em contradição com o quotidiano das populações e a limitada flexibilidade social que a escola proporciona. “Em 1900, a taxa global do analfabetismo era ainda de 80%, só uma quinta parte da população sabia ler, e essa era formada pela classe média dos proprietários e por uma parte do povo urbano.”(Saraiva,2004:449). Assim, *estendendo-se* a distância entre o campo e a cidade, poucos ficavam no campo. Nas fábricas de diversos setores descritas como artesanais, ou “indústrias a domicílio”(Nogueira,2019), baseadas em trabalho

manual feito por operários/as analfabetos/as e sem qualquer instrução técnica, muito mal retribuído e irrisório, especialmente para as mulheres, embora competentes e conhecedores/as da *sua arte*. Na aldeia, os poucos indivíduos alfabetizados, motivados pelo comércio, emigravam para a cidade, os restantes emigravam para o Brasil. Com estas características sociais e vivências quotidianas, das classes mais abastadas, estas distinguem-se com discrepância da miséria integral dos pobres e remediados. Forçados à submissão em relação aos proprietários e comerciantes da cidade, pelo trabalho, pelas sopas desprovidas e por outros tipos de ajudas com que se tentava solucionar a fome que então *reinavam* por todo Minho.

Ao serem cruzadas as variadas leituras do Saraiva, Vieira, Nogueira e o relatório de 1884 da Sociedade Martins Sarmento (SMS) e ainda as histórias contadas pela minha mãe e pelo meu pai, referentes à frequência e escolar, com o total de alunos que se submetiam aos exames, revela-se que estes constituíam uma pequena parte dos que frequentavam a escola. Dessa forma, pode-se verificar que a frequência escolar, nem sempre, se traduz em alunos contabilizados ou mesmo possuidores das habilitações exigidas para se concluir a instrução elementar. A frequência, mesmo com algum aproveitamento escolar de certas habilitações não comprova oficialmente, os níveis intermédios da cultura escrita daquelas pessoas que, por algum motivo, cedo abandonaram a escola sem concluírem a instrução elementar, saindo, a maior parte delas, quando possuíam rudimentos de leitura, escrita e aritmética. Assim como, de outras que foram alfabetizadas através do ensino doméstico ou em idade adulta, sem realizar o exame imprescindível para a demonstração do nível escolar que tinham atingido. Do mesmo modo que acontecia na totalidade da região do Vale do Ave, complementavam-se três atributos, afirmando Guimarães como geograficamente ideal no estabelecimento da indústria têxtil: "abundância de recursos hídricos, mão de obra à disposição e subsistência como necessidade". (Nogueira, 2019:18).

Verifica-se que apenas uma pequena parcela dos alunos que frequentava a escola se submeteram aos exames, "[...] significando que a frequência escolar não se traduzia em alunos creditados ou que concluíram a instrução elementar."(idem).

À instituição escolar é atribuída a missão de *disseminar* saberes universais que se distanciam das especificidades culturais familiares. E simultaneamente, como refere

Durkheim, o poder de zelar pela proteção dos princípios básicos em que *alicerça* a nova ordem social; o “respeito da razão da ciência, das ideias e sentimentos em que se baseia a moral democrática” (1972:49). Contrariamente aos modos pessoais e diretos de aprendizagem, a sua dinâmica decorre institucionalmente, pautado por regras impessoais, cuja validade *inunda* os limites do contexto local, dissipando-se a todo o espaço nacional. A frequência da escola promove, ela própria, o reforço das sociabilidades juvenis, que se manifestam em pleno, nas *brechas* do trabalho escolar, nas interrupções letivas, nos fins de semana, nas férias escolares. Consagrando, assim, esse tempo que constitui a outra face do trabalho escolar e da condição de aluno a tempo inteiro: o tempo do lazer. Num tempo de inclusão da democratização da sociedade, afirmava-se que todas as pessoas careciam aceder à instrução artística, intrínseco à particularidade do *produtor* de obras de arte, mas, igualmente “como produtor e consumidor de objetos industriais” usufruídos diariamente por cada indivíduo. Como abordarei mais à frente, essas necessidades irão impulsionar o nascimento das escolas industriais e do desenho industrial.

Ao longo de mais de um século, aproximadamente desde 1970, com a reforma de Veiga Simão, foram-se tornando evidentes os dois problemas centrais do processo de democratização do sistema de ensino e de integração das artes no currículo escolar: por um lado, a formação dos professores das diferentes disciplinas artísticas, (nos diversos níveis de ensino), por outro, o modo efetivo de integrar essa diversidade no currículo letivo.

O próprio “conceito de educação artística” era problemático, pois os seus “objetivos” e “conteúdos” eram “objeto de várias interpretações” que se confundiam ou com a “educação pela arte”, a iniciação a algumas das artes, em particular às artes visuais, a “arte infantil”, a “educação estética” e a “formação de artistas profissionais”. (Perdigão, 1981, p285). A disciplina de Desenho, na escola do século XIX, separavam-se em duas designações: “o artístico e o industrial”. todavia, segundo Cidália Henriques, a ambivalência era explícita nessa bifurcação, uma vez que encontramos “nas academias de belas artes, vocacionadas para a formação de artistas, aulas de desenho dirigidas à preparação de operários industriais”, que eram direcionadas na mesma conceção do ensinamento de artistas.(2001:43)

Todos/as fomos alunos/as ou conhecemos alguém que o seja. Não há mãe, pai,

político/a, investigador/a, operário/a, comentador/a que não tenha uma ligação ao sistema educativo ou uma opinião acerca dele. Mas nem sempre abundaram os dados e as análises que nos ajudassem a ir mais além do senso comum ou mera opinião.

Um dos instrumentos que se destaca, a partir do ano 2000, é o Programme for international Student Assessment (PISA), permite analisar dados dos sistemas educativos, revelar, sucessos e expor fraquezas. São 79 países e economias que participam naquela que é a maior avaliação feita nesta área, realizada de três em três anos, envolvendo cerca de 600 mil alunos de 15 anos, de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e não só. Mas ao contrário dos outros testes, a pressão não recai sobre o grupo estudantil. Porque a avaliação é dada aos sistemas educativos, aos governantes e às suas políticas. E sejam bons ou menos bons, os resultados são expostos. E passíveis de serem analisados.

“Qual o maior desafio do ensino? Edgar Morin, responde: Não inserimos no programa temas que podem ajudar os jovens, sobretudo quando virarem adultos, a enfrentar os problemas da vida. Distribuímos o conhecimento, mas não dizemos que ele pode ser uma forma de traduzir a realidade e que podemos cair no erro e na ilusão.[...] Não ensinamos a compreensão do outro, que é fundamental nos nossos dias, não ensinamos a incerteza, o que é o ser humano, como se nossa identidade humana não fosse de nenhum interesse. As coisas mais importantes a saber não se ensinam”.(2019:s/p)

A criação da Escola Industrial

Principalmente a partir da segunda metade do século XIX a indústria têxtil era um importante foco para industrialização nacional e, nesse quadro, o Vale do Ave¹⁶ revelou ter condições geográficas, sociais e tradicionais, favoráveis ao seu desenvolvimento. Na sua bacia hidrográfica multiplicaram-se edifícios que aproveitaram a força motriz da água, a rede de caminhos de ferro e rodoviária para se instalarem. Foi igualmente decisivo, para essa multiplicação de fábricas, a disponibilidade de uma mão de obra iletrada – mais barata e menos reivindicativa e

¹⁶ Vale do Ave é a zona territorial ao qual pertence o concelho de Guimarães

organizada que o operariado urbano – facilmente ajustável à nova produção de transformação do algodão, pela longa tradição local de cultivo, fiação e tecelagem do linho. Estes foram fatores importantes para a rápida disseminação do sector têxtil no território e para o conseqüente aparecimento de novos focos urbanos.

Em 1884, durante a Exposição Industrial de Guimarães, promovida pela SMS, foi dada voz à exigência da “reparação de uma injustiça”: a publicação, no início daquele ano, de um decreto que pretendia instituir uma escola industrial na Covilhã e oito escolas de desenho industrial em diferentes localidades, ignorando Guimarães. No dia 22 de março de 1884, durante a discussão do Orçamento de Estado na Câmara dos Deputados, Mariano de Carvalho propôs que fosse incluída no orçamento das obras públicas uma verba destinada à criação de escolas de desenho industrial em Guimarães e em Portalegre. (SMS, 1884). Passo decisivo para a criação da instituição.



Figura 1 - Escola Industrial Francisco Holanda (entre 1887 e 1901). (Quinta do Proposto, com pavilhões construídos para esse efeito, ainda em construção.) Créditos M.-A.G.D.P.

No mesmo ano, a escola Industrial de Guimarães seria criada no dia 20 de dezembro de 1884¹⁷. Instala-se a então chamada Escola de Desenho Industrial, embora com o

¹⁷ Após cumprir os requisitos legais: em 1884, a 3 Dezembro, foram criados dos estatutos da Escola Industrial de Guimarães; Dois dias depois, foi denominada como Escola Industrial Francisco de Holanda

estatuto da Escola Industrial de Francisco de Holanda, no dia 14 de Janeiro de 1885, na casa do visconde de Pindela, no largo Martins Sarmiento, numa sala da SMS.

Segundo a biografia expressa pela Imprensa Nacional, de Francisco de Holanda, originalmente Francisco d'Olanda, (Lisboa, 6 de setembro de 1517 - Lisboa, 19 de junho de 1585) a denominação da instituição justifica-se pela personagem que foi; um humanista, arquiteto, escultor, desenhador, “iluminador” e pintor português. “Considerado um dos mais importantes “vultos” do renascimento em Portugal”, também foi ensaísta, crítico de arte e historiador. A sua obra, quer literária, quer plástica, permaneceu praticamente silenciada até meados do século XVIII, início do século XIX. O artista afirmava, assim, a origem “divina” da pintura ou desenho. Segue-se a sua definição:

“Principalmente chamo desenho aquela ideia criada no entendimento criado, que imita ou quer imitar as eternas e divinas ciências incriadas, com que o muito poderoso Senhor Deus criou todas as obras que vemos; e compreende todas as obras que têm invenção, ou forma, ou formosura, ou proporção, ou que a esperam de ter, assim interiores nas ideias, como exteriores nas obras; e isto baste quanto ao desenho.” (Em Imprensa Nacional. s/d)

A instituição escolar Francisco de Holanda, sob a regência e direção do Professor António Augusto Cardoso¹⁸. Passados 2 anos, do funcionamento da escola industrial, em 1886, António Augusto de Aguiar, então ministro das Obras Públicas, ministério esse, ao qual as Escolas técnicas pertenciam, no caso também a escola de desenho industrial em Guimarães e no quadro das novas reformas, “para colmatar a falta de professores e mestres qualificados para lecionar nas escolas de ensino industrial e técnico, o Governo abriu concursos públicos internacionais para admissão de candidatos estrangeiros.” Essa oportunidade de recrutamento levou até Guimarães 3 estrangeiros determinados a ensinar: “Martin Braun para fiação e tecelagem, Paul Von Wagner para desenho de ornato e Alfred Schwarz para desenho de máquinas”. (Nogueira. 2019:33) Mais uma prova da nosso *descolamento* formativo, *desse momento*.

A ESFH, segundo o Sistema de informação para o património Arquitetónico

¹⁸ António Augusto da Silva Cardoso era sócio da SMS, de Guimarães, desde a sua fundação, e quando aquela Sociedade fundou um Instituto de Instrução Primária e Secundária, propôs e redigiu as bases de um curso de desenho profissional, de cuja regência foi incumbido. Devotou-se carinhosa e gratuitamente a essa missão, chegando até oferecer aos seus discípulos pobres os compêndios de desenho que necessitavam. (wikipédia)

(SIPE) viria a instalar-se por mais 6 locais¹⁹, que naturalmente , não irei descrever aqui, direi apenas que, como na década dos anos 50 do século passado "os mais de 2000 alunos já não cabiam nos pavilhões da Quinta do Proposto"(Idem,s/p). Determinou-se edificar uma nova escola na Alameda Dr. Alfredo Pimenta, lugar, onde se encontra atualmente. A 31 de dezembro de 1961²⁰, "a obra de construção, efetuada pela Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, estava concluída."(Idem,s/p). Segundo a Sistema de Informação do Património Edificado (SIPE), na figura 3, do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP), verificamos que a escola assentava já em corpos de planta retangular, "dois deles com módulos curvilíneos, de fachadas em betão e cantaria de granito, rasgados por portas e janelas de verga reta"(Idem,s/p). Uma expressão de solidez e organização, principalmente, no bloco de onde de destaca, a fachada semicircular virada para a entrada principal, "onde se rasgam amplos vãos em cada piso, enquadrados por moldura saliente em betão. Possui na fachada lateral esquerda revestimento a azulejos, onde figuram elementos da flora e da fauna."(SIPE: s/p), nas figuras 2 e 3 abaixo. Onde, à época, a cerâmica, em Guimarães também era trabalhada. Nesta fase , a ESFH lecionava cursos profissionais mas também, o ensino secundário regular.



Figura 2 - Azulejos na fachada do lado esquerdo. Créditos SIPE



Figura 3 - Aspeto geral da escola em 1961. Créditos AMAP

¹⁹ Durante 87 anos a ESFH manteve-se a funcionar em: Rua de Paio Galvão, Casa dos laranjais, Quinta do Proposto, Cas do Barão de Pombeiro, Convento de Santa Clara, volta à Quinta do Proposto. Apenas em 1961, se constrói um edifício novo. No atual endereço.

²⁰ A conclusão da construção foi considerada em 1959, inaugurada a 27 de junho e em 1961 a obra estava concluída.

Passados 56 anos, o edificado da ESFH sofreu uma nova e última intervenção, à data do ano de 2023. As obras na ESFH, da empresa Construção Pública E.P.E., mais conhecida pelo projeto “Parque Escolar” e caracterizou-se pela “remodelação das instalações existentes, ao nível do seu reordenamento interior, beneficiação dos revestimentos interiores e manutenção das condições estruturais.” (Em site Parque Escolar)

O edifício principal foi conservado na sua “identidade formal”, em contrapartida o espaço análogo às oficinas foi assimilado pelo novo edifício, que derivou da soma de dois novos blocos laterais referentes às novas salas de aula. Com um aspeto valioso, quanto a mim, é a possibilidade de aceder às salas através de 4 pontos dispersos em que um deles, o bloco principal continua a cerca de 5 metros do portão da entrada, possibilitando percorrer a escola toda no interior do edifício, condição de conforto, que não existe em todas as escolas que sofreram igualmente intervenções. Os corredores são amplos, o que é muito positivo, aquando a saída e entrada dos corpos discente e docente das e para as salas. Apesar de considerar que as salas de aulas deveriam ser um pouco maiores, mas essa característica observa-se em todas as escolas que conheço, em que a única vantagem é economicista, julgo eu, para contabilizar mais salas de aulas. O novo edifício acolheu o amplo espaço de refeitório/sala de convívio, área polivalente com vista e passagem para o grande pátio exterior triangular, que constitui um espaço central de convívio. É um local aprazível onde são colocadas mesas, cadeiras e guarda sol, nos dias amenos dos nossos dias, porém a quantidade de lugares era insuficiente, principalmente, nos maiores intervalos. Aquando requalificação da escola contemplou ainda a execução de arranjos exteriores e poderia ter sido pensado algumas árvores de maior porte ou até fruteiras, especialmente, no muro oposto a fachada lateral esquerda em que a vegetação é rasteira e o que se observa das janelas é muro.



Figura 4 - ESH atualmente - créditos Parque Escolar



Figura 5 - ESH, bloco frontal

Quanto ao pavilhão desportivo, essa área foi rebaixada e ocupou o espaço do parque de estacionamento dos utentes da escola. Segundo o Professor Castro Mendes , não teria sido necessário eliminar a zona de estacionamento. Lamenta que os responsáveis não tivessem ouvido os docentes. Bastaria que o pavilhão não tivesse demasiado pé direito, isto é, manter o parque no piso 0 e alinhar, o pavilhão, pelo piso 1 podendo ter pé direito até ao 2º piso. Em boa verdade, o estacionamento dos veículos é sempre no exterior da escola e os lugares mais próximos são todos pagos, “a melhor hipótese é chegar cedo e estacionar no parque do campo de futebol do Vitória” (Clube de Futebol de Guimarães), segundo o professor Cooperante. Todavia, é um lugar agradável para trabalhar. Relativamente à Parque Escolar, não irei *emaranhar-me* na gestão do edificado ou até nas respostas arquitetónicas, não é esse o meu intuito, aqui. As obras foram, naturalmente, portadoras de grandes melhorias das condições físicas das instituições escolares. Todavia, cumpre-me *sacudir o pano*, lembrando que a escola não é apenas construção física , inerte. Não posso contentar-me com fotografias deslumbrantes de escolas (até premiadas), sem que as entidades competentes não se preocupem com os corpos vivos orgânicos que interagem no seu interior. Afinal qual é o desígnio da escola? É ser *bonita* como é *suposto* ser a arte?²¹ Devo, novamente, abrir parêntesis, perdoem-me quem não *pesponta* destas notas intrinsecamente vivenciais, porém estas analogias pertencem ao meu caderno *diário*. A minha jornada pela Cooperativa de ensino artística árvore, na década dos anos 80 do século passado, foi das aprendizagens mais enriquecedoras a nível artísticos, claramente, mas também humanamente. À data queixava-me em casa, das condições físicas do edifício,

²¹ Trarei essa questão no ensejo IV.

tínhamos salas com soalho em completa decomposição, havendo espaços que conseguíamos ver o piso inferior, quando chovia ,a turma acumulava-se apenas num canto da sala, entre outros. Repito que não foi devido às boas recordações, nem de excelente preparação. Assim sendo, “ a necessidade aguça o engenho²²”, (ou como me dizia o meu pai. A necessidade faz o artista). O que pretendo enfatizar é que: “ o homem é o lugar, o barro, a pedra, o gesso, o papel com que se faz o cenário. O material de um guarda roupa; isto é que é o homem, um todo, o homem que trabalha com o que tem ao alcance da mão.” (José Rodrigues, 2016).

ENSEJO II

Lugar proprioceptivo das 306 horas

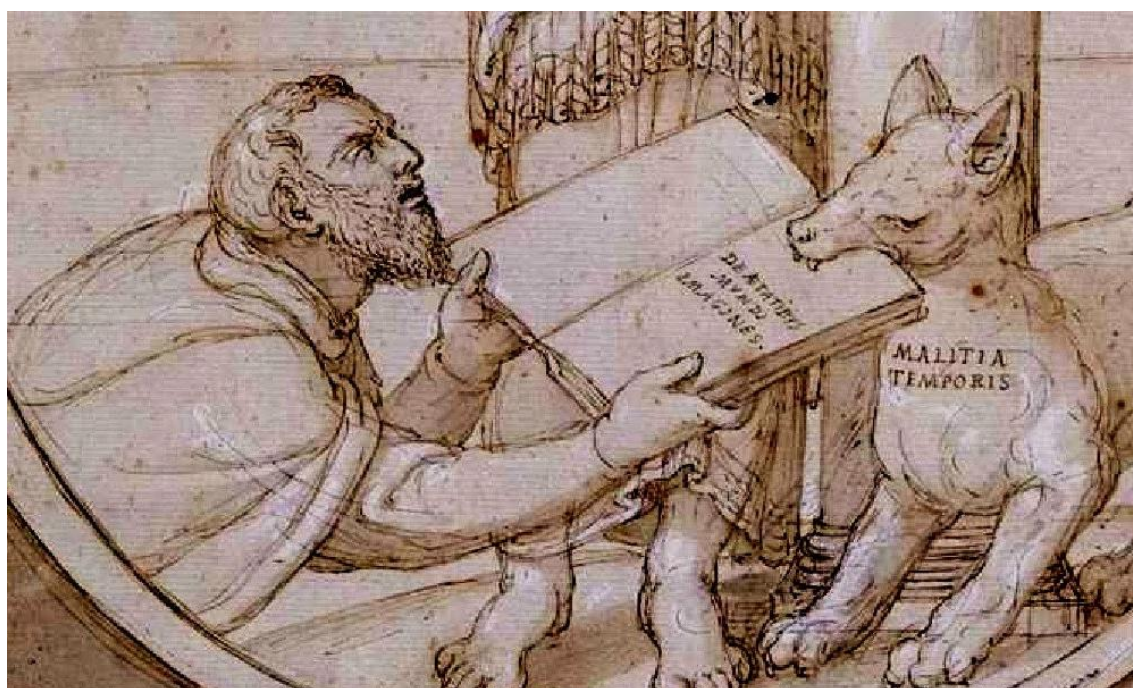


Figura 6 pormenor do Auto-retrato de **Francisco de Holanda**, dando o seu livro à malícia do tempo, em *De Aetatibus Mundi* Images, f. 89r (Em Lousa,2013).

²² Provérbio- em o grande livro dos provérbios de José PedroMachado (1996), Editorial Notícias- 3ª Edição.

Observações e deambulações

A escolha da Escola Secundária Francisco de Holanda, onde desenvolvi a Unidade Curricular (UC) de estágio pedagógico foi, desde logo, a minha primeira opção e por isso não poderia ter ficado mais satisfeita quando confirmei que o meu estágio se iria desenvolver na Escola Secundária Francisco de Holanda, que passarei a designar de ESFH. Não foi apenas pela proximidade geográfica da minha residência, mas também pela história e imagem que sempre me transmitiram, tanto através da minha irmã que concluiu o 12º ano na “Xico”(ESFH), assim como o meu marido que frequentou durante 3 anos o curso profissional de mecânica também na “Xico”, ainda nas antigas oficinas, no final da década dos anos 80, do século passado.

Para além destas duas pessoas, tenho o parecer muito positivo de alguns colegas docentes que já passaram pela escola e a minha própria imagem histórica e visual da instituição escolar e da própria cidade que tenho como muito agradável e convidativa.

A minha entrada na ESFH, foi sentida com muita satisfação, apesar da inquietude, que julgo comum frente ao desconhecido. Porém, no meu caso, mais uma escola que vou conhecer, pensei eu, que vou poder observar e, neste caso, ainda com mais afinco, pois o estágio pedagógico, tem, naturalmente, esse propósito. A permanência, nesta escola, foi, então mais um momento de evolução, crescimento e enriquecimento pessoal e profissional.

Digo isso, desse modo, pelo facto de ser professora contratada há vários anos e habitualmente para substituições de docentes o que implica já a passagem por um número considerável de escolas com diversidades geográficas, condições físicas adversas, regulamentos e normas diferenciadas, a partir, naturalmente características de cada comunidade escolar intrínsecas aos elementos que a compõem.

Para além disso, sempre me foi dito, que sou muito observadora e aceito. E faço muitas analogias entre os lugares e os elementos que neles se situam e participam. Julgo ser um dos modos de entendimento próprio de cada um dos elementos e de todos, por consequência. Como, aquando da leitura de vários autores, é ou deve ser

retirada a própria opinião. Esta nota aparece neste relatório, talvez, como justificação da minha postura e do meu modo de olhar, das vivências como participante ou com observadora passiva, se considerarmos a possibilidade de a observação ser uma atividade passiva.

Volto ao meu pensamento sobre a entrada na escola, sendo a primeira análise a localização da escola relativamente à cidade de Guimarães; esta fica a 600 metros do centro urbano, o que denota uma grande proximidade com a atividade citadina, como já foi citado no Ensejo I, provocando uma interação e socialização saudável com as pessoas externas à escola, no entanto, poderão, nalguns casos ser, igualmente, momentos perturbadores como por exemplo para as pessoas que chegam à instituição pela primeira vez.

Assim como outros edifícios escolares, o recinto está murado, no entanto, o portão encontra-se aberto, com porteiro, é certo. No entanto, após apresentações, não fomos mais intercetados para nos identificarmos.

Terei, novamente, que abrir parênteses para esclarecer a aplicação do verbo na primeira pessoa do plural: não fui a única pessoa do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no Terceiro Ciclo do ensino básico e Ensino Secundário, (MEAV), a estagiar na ESFH. Também o Diogo Cardoso pertencente à minha turma do 1º ano do ano letivo anterior, passou a ser o meu colega de estágio. Apesar de já o conhecer e ter sabido no início do mês de setembro de 2022, até agora não tínhamos *grande* contacto, pelo facto de ambos sermos Estudantes trabalhadores e não termos trabalhado juntos em nenhuma atividade grupal nas UC, do ano anterior. Após este pequeno esclarecimento que senti a necessidade de expor, pois o meu colega de estágio será, naturalmente pelo companheirismo criado e presença diária, mais vezes citado ao longo do meu relatório, volto assim, ao local do estágio. Encontram-se docentes e discentes do lado de fora do portão da escola, no passeio, juntos com transeuntes. Recebe-se uma lufada de liberdade e simultaneamente de responsabilidade. Mais tarde ficaria a saber que uma larga maioria de alunas e alunos, confirmado pelo Professor Castro Mendes que quase todos/as tinham autorização de saída da escola. Existe um comportamento padronizado de passar o portão da escola, talvez uma necessidade inconsciente de libertação do espaço escolar. Um padrão desviante?

Quando se pensa em padronização associa-se à standardização ligado à

indústria, ao aumento da produtividade, à obtenção de resultados. Não há dúvida que esse perigo pode acontecer na educação, (quando me refiro a educação é formal e pública), privando e despojando o indivíduo de criatividade que “é a força que transforma a ordem em caos e caos em ordem. É a qualidade da mente que transcende o que é imediatamente visível e nos permite dar sentido ao mundo e encontrar novas soluções para problemas complexos”. (Eisner,2002:47) Todavia, apesar desse conceito de padrão que noutra circunstâncias poderá ser redutor²³, não será fundamental *trabalhar sobre rede* e ocupar os espaços irregularmente e organicamente produzidos e (como o tecido que se vai descobrindo na relação da teia com a trama, mas que se pode desenvolver de infinitas formas sobre essa *base alicerçada!*), construir uma matriz que possa recorrer a *modelos* irregulares e flexíveis, que não castrem a liberdade e a criatividade, mas pelo contrário a potenciem. Uma nova teia orgânica onde se poderá encontrar o lugar para o erro e para a descoberta. Todavia, este tema será mais desenvolvido, por variadas vezes, mais à frente e *encadeada* com o equilíbrio entre funções do/a estagiário/a, neste caso é mais da possibilidade de queda do funâmbulo, não correr *risco de vida* na função de docente.

A sala D21

A sala de aulas com a designação de D21, onde decorriam as aulas do Professor Cooperante e, igualmente, as reuniões do Departamento de Artes, situa-se no bloco D, ao fundo do largo corredor. Era o único que, segundo o Diogo Cardoso e eu, deixava, por vezes, a porta da sala aberta, durante as aulas, especialmente nos momentos de trabalho individual e em que cada aluno ouvia a sua própria música. Criando uma sala que se prolonga para outro lugar, um ambiente de abertura, tanto para os indivíduos interiores à sala na, como para quem passasse no corredor. Estas *pequenas posturas* contribuem, diria, inconscientemente, para *grandes valores*, enquanto cidadãos, simultaneamente em resposta ao Perfil do Aluno à Saída do Ensino Obrigatório (PASEO), em que transcrevo apenas dois pontos relativos aos desígnios da visão do aluno: “livre,

²³ O conceito de padrão será desenvolvido ao longo do relatório, especialmente na minha Unidade didática.

autônomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia; que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta”(2017:15); e ao Projeto Educativo (PE) de todo o agrupamento, no seu ponto 4.5 da página 14,[...]”a Escola é um agente social e cultural de alta intensidade cívica, sobretudo na defesa e salvaguarda dos direitos fundamentais dos cidadãos mais frágeis, e dos que ainda não são cidadãos, sob as mais variadas formas. A dimensão curricular e valorativa da educação para a cidadania decorre, pois, das tarefas e obrigações imediatas que decorrem da responsabilidade social da escola.” Já no espaço da sala de aula, os estudos dos trabalhos eram afixados, e muito bem, no meu ponto de vista, na parede lateral onde existia um revestimento apropriado, mas sempre no mesmo espaço mural. Seria saudável surgirem em espaços menos convencionais, colados no teto, lembrando um episódio contado pela Professora Alexandra Costa, na UC de Psicologia das Instituições Educativas, durante uma aula do 1º ano MEAV ou ainda 2º semestre, os momentos de reflexão escritos, colados na parede oposta ao olhar frontal da turma sentada, como aconteceu, com a Professora Catarina Martins na UC de Didática das Artes Visuais, de ao longo do semestre. De acordo com Foucault, a disciplina, no ambiente escolar permite a manipulação dos estudantes em relação à sua movimentação e permanência. Esse ambiente acaba por ser um espaço em que o “estudante é constantemente monitorizado”, tanto dentro quanto fora da sala de aula, (2004), seja por meio de filas ou pelo arranjo cuidadoso das carteiras”. Tenho, eu própria na função de docente, a tendência de trocar de lugar, a mim e ao grupo de alunos/as, independentemente de irem trabalhar em conjunto ou não, naquele momento. Mas *simplesmente*, para cada um sentir outro olhar do mesmo lugar espacial, compreenderem que um espaço ou um objeto depende do lugar do observador e da possível existência de novos elementos descobertos. (Devo dizer, nas refeições à volta da mesa ou no sofá nas sessões de cinema “caseiras” , no seio agregado familiar em casa, fazemos isso, conscientemente, um quotidiano com alguma frequência). A posição estática pode interferir na julgamento daquilo que achamos que vemos.

Os tempos letivos

“ [...] O real é sempre o objeto de uma ficção, ou seja, de uma construção do espaço onde se entrelaçam o visível, o dizível e o fazível [...].” (Rancière)

O estágio na ESFH, iniciou a 11 de outubro de 2022, todavia, existiu um encontro com a Professora Orientadora Orquídea Coelho, a 29 de Setembro de 2022, na FPCEUP, com uma reunião de apresentação dos intervenientes, sendo, a Professora Orientadora Orquídea Coelho, o Professor Cooperante Manuel Castro Mendes, o estagiário Diogo Cardoso e a minha pessoa, Adília Gouveia, igualmente estagiária.

Foram dadas informações como alguns procedimentos inerentes ao estágio e as disciplinas que contemplam o horário do Professor Castro Mendes e as disciplinas lecionadas por outros Professores que poderíamos assistir. E ficou constatado: todo o corpo não docente (desde D^a Júlia, rececionista, ao Sr. Carvalho, operacional) e todos/as docentes foram logo muito cordiais e simpáticos, com especial enfoque no Professor Castro Mendes que logo demonstrou total disponibilidade no apoio aos estagiários.

Com o horário acertado²⁴ na ESFH, acompanhei de forma assídua e ativa, às 3 disciplinas lecionadas pelo Professor Castro Mendes, ou seja, Desenho A da turma 10AV2, Oficina de Artes da turma 12AV1, ambas do ensino regular e Desenho de Comunicação da turma 10TDC do ensino profissional, esta última turma não será tão descrita, primeiro por não ser o grupo focal e segundo por contemplar apenas dois tempos letivos que correspondem a 90 minutos, por semana, para além de incluir uns conteúdos modulares muito similares ao currículo de desenho A do 10^o ano. Nos primeiros dias foram essencialmente de observação, dentro e fora da sala de aula, mas rapidamente os/as discentes recorreram ao nosso (do Diogo e de mim) apoio, nas 3 turmas. Na apresentação às turmas, o Professor Cooperante, informou que éramos Professores estagiários, do mestrado da Universidade do Porto, mas que o tratamento deveria ser equitativo ao dele, por isso deveriam dirigir-se a nós como Professores.

O próprio professor Cooperante recomendou-nos que *vagueássemos* pela sala

²⁴ Ver apêndice números de horas e distribuição semanal.

e apoiássemos os/as discentes. E aconselhou a dirigirmos-nos aos serviços administrativos, no sentido de solicitar os cartões da escola, para identificação na escola e podermos utilizar, na reprografia e no bar da escola. Criou-se, passados poucos dias, uma relação muito empática e saudável entre os estagiários e as turmas, em simbiose com o Professor Castro Mendes, sabedor das leis, decretos e normas, que com quase 40 anos de tempo de serviço, está inteirado e viveu múltiplas reformas educativas e ainda afeito ao acolhimento de estagiários nas suas aulas e, muito experiente no discernimento das características de cada turma e das particularidades de cada aluno/a. Informou-nos que poderíamos obter os manuais das disciplinas que pertencessem ao nosso horário semanal, enviando às editoras, uma declaração de estágio da ESFH, e assim fiz. As normas *padrão*, dentro da sala de aula, estas, necessárias, quanto a mim, ao bom funcionamento do grupo, já tinham sido transmitidas antes de chegarmos, (o Diogo e eu), à escola para estagiar. Porém, percebeu-se que os alunos estavam livres de ouvirem música, cada um com o seu telemóvel, após a apresentação de um novo trabalho e de modo a ouvir sempre, os comentários do Professor durante as aulas, apesar de alguns marotos e algumas marotas se esquecerem por vezes de baixar o volume em consonância com a função. No final de cada aula, a sala deveria encontrar-se limpa, de acordo com o aspeto que tinha quando entraram. O grupo focal foi desde logo, acolhedor, tornando-se cada vez mais afável e ávido da nossa orientação. Já no caso da disciplina de Oficina das Artes, o Professor requeria mais autonomia²⁵ para as resoluções dos desafios e os projetos exigiam mais pesquisa e estudos. As aulas sucediam de forma livre e flexível. Quanto à avaliação decorriam com uma estrutura nas três disciplinas eram contemplados os domínios da participação, comportamentos e atitudes na avaliação.

Como já descrevi, O meu horário na escola de estágio também contemplava as disciplinas semanais, de História e Cultura das Artes de uma turma do 11º ano, lecionada pelo Professor Viana Paredes, em que a exposição dos conteúdos dominava o tempo de aula, a aula anterior ao teste sumativo funcionava em estudo autónomo durante a aula, com a possibilidade de colocar as dúvidas. Sobre a disciplina de Geometria Descritiva A, lecionada pelo Professor José Falcão, igualmente do 11º ano,

²⁵ A autonomia surgia pela própria natureza da disciplina que aparece no 12º ano de liberdade de gestão do tempo,

em que era observadora, mas simultaneamente executava os exercícios propostos durante a aula. Já com menos regularidade, assistia a aulas de multimédia com o Professor Carlos Guerra que como apoio de tutoriais, resolviam projetos individuais e em grupo. No Clube da Gravura coordenada pela Professora Augusta, a proposta para o 3º período, foi a criação de gravuras em sacos de pano-cru²⁶ e ainda um workshop aberto a toda a comunidade.

Nessa data lecionava Oficina Artística, nas atividades de enriquecimento curricular, do 1º ciclo do ensino básico, no Agrupamento de escolas Tomás Pelayo, em Santo Tirso, numa mancha horária da parte de tarde, que permitia a minha presença, na escola todas as manhãs e por vezes, almoçar lá. Todavia ser estudante/trabalhador é sempre uma posição mais condicionada.

Porém, a 8 de novembro fiquei colocada no AEPBS em Joane para lecionar a disciplina de Educação Visual, ao 3º ciclo de ensino básico, com um horário quase completo onde existiam algumas sobreposições e por isso ponderei rejeitar a colocação, no entanto, após esclarecimento e encorajamento do Professor Cooperante responsável pelo estágio na escola, acabei por aceitar e obviamente, comunicar o sucedido à Professora Orientadora Orquídea Coelho. E, apesar de completar as 9 horas médias semanais, previstas no regulamento, passei a assistir às aulas da manhã de segunda-feira, por um tempo letivo, à turma 12AV1, para não perder contacto com a turma e à quarta-feira de tarde, saía direta da escola de Joane, para na ESFH continuar a acompanhar as aulas todas da turma 10AV2, o que me provocou um grande esforço e desgaste. Todavia, essa situação apenas durou dois meses e meio. A partir daí, voltei ao horário inicial, onde acabava sempre por participar em mais de nove horas por semana, por vontade própria, aliás tanto eu como o meu parceiro de estágio Diogo Cardoso.

Relativamente ao acompanhamento tanto do grupo focal como a turma de Oficina de Artes, Participei, em parceria com o meu colega Diogo, nas montagens das exposições dos trabalhos realizados pelos/as alunos/as das turmas 10AV2 e 12AV1. Criando listas nominais e orientando os/as discentes na própria fundamentação titular

²⁶ Pano-cru- Variedade de tecido de algodão que não foi corado, depois da tecedura. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/pano-cru>.

do trabalho, nos procedimentos oficinais de grupos de trabalho, na sala de aula, na colocação do trabalho nas molduras, e os dispositivos na costa do caixilho e no próprio espaço de exposição, na “galeria da escola”. Estas atuações repetiram-se nos 3 períodos, o que é louvável, pelo esforço despendido por parte do Professor Castro Mendes, mas simultaneamente, compensado pelo resultado visual e especialmente, pelo incentivo que provoca nos/as discentes, e ainda pela experimentação nas diferentes etapas e operações dos percursos artísticos, necessárias à apresentação do *feito*. Para além, da imagem dinâmica que cria, também promove, naturalmente, o pensamento crítico a todos os passantes da “galeria da escola”, num dos corredores mais largos e de principal passagem para os restantes corredores de acesso, às salas, às escadarias, ao elevador . Um corredor nem sempre poderá ser um lugar de encontros, socialização e reflexão, pelo menos segundo Marc Augé, deverá ser “um não lugar”, lugar de passagem, concordo. Porém, na minha modesta opinião, este caso poderá ser uma das exceções à regra, pela sua amplitude, local central e lugares sentados, que mais se assemelha a um ponto de encontro.

É já no 1º período, que os estagiários (Diogo Cardoso e eu própria) colaboramos na 1ª preparação e montagem de 2 exposições, das turmas do 10º ano de Desenho A e do 12º ano de Oficina de Artes: “No âmbito da disciplina de Oficina de Artes do 12º AV1, esteve patente uma exposição na galeria dos alunos da ESFH, que recai sobre a interpretação do trabalho de dois artistas de referência portugueses, como princípio para introduzir a técnica de simplificação por nivelamento/acentuação, comum a todos os trabalhos, que estão contextualizados numa narrativa singular onde cada um narra uma história. Esta proposta de trabalho pretende desenvolver a reflexão crítica sobre os conhecimentos, sobre as interpretações possíveis e que promovam espírito de inquérito e capacidades de agir, utilizando processos de pensar e de fazer. Neste conjunto de trabalhos, o espetador pode não só confrontar-se com várias técnicas e estilos de trabalho, como também, contemplar e questionar aquilo que os alunos propõem a partir dos seus lugares de fala através de imaginários que certamente nos levarão a outras arenas.

Quanto à exposição do 10º ano: Caducifolia | Arte e Cultura: que ainda acompanhamos a parte final da sua execução. Os trabalhos elaborados pelos/as alunos/as, os trabalhos encontram-se expostos na “galeria” dos /as discentes da ESFH

e constituem um exercício de desenho com técnica mista. São representações visuais de folhas caducas (caducifolia) sobre papel. Esta representação foi concretizada não só através da observação dos elementos, como também da sua rotação e translação. Posto isto, os trabalhos foram pintados com ecoline.

Esta UT foi, igualmente, acompanhada pelos professores em estágio da FPCEUP 22/23²⁷.

Acrescentando uma nova exposição da turma 10AV2, ainda no 1º período. Com o título: “O objeto no património”:

Esteve patente uma exposição na galeria dos alunos da ESFH, que recaiu sobre um exercício com técnica mista (tinta da china e pastel de óleo) com “grattage”, que consistiu na conjugação de um elemento paisagístico da praça de São Tiago (Guimarães), com um ou vários elementos conjugados, dentro da lógica de um trabalho por acentuação.

O objetivo desta proposta, foi a combinação de atividades que valorizem simultaneamente, a descoberta e a interrogação, a aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoal e a reflexão individual e coletiva, dentro de um processo de trabalho, com um tempo de execução adequado a todos, respeitando os ritmos de cada aluno. Desta forma, os juízos emitidos sobre “o que se vê, foram manifestados com interesse, evidenciando o conhecimento de cada um no contexto das atividades da disciplina.

Continuando, ao longo do ano letivo, as UT e as exposições, que constituem todo o trabalho desenvolvido nas disciplinas, serem acompanhadas pelo Diogo Cardoso e por mim.

Tive curiosidade em saber mais, no que concerne a existência dos Patrimónios e nesse sentido, questioneei, numa conversa Informal, em final de aula, o Professor Cooperante :

- AG: Constatei, logo no 1º período que um dos critérios para 2ª unidade de trabalho incluía considerar um elemento ou vários elementos, que pertencessem ao património natural e arquitetónico da cidade de Guimarães, no trabalho a desenvolver.

²⁷A contextualização da exposição, pode ser lida assim como os trabalhos vistos, na página do Facebook do departamento de Artes da ESFH - com o endereço: FHdepartes

Considera que é importante, na própria Escola, especialmente nas disciplinas artísticas, sensibilizar para os diferentes patrimónios?

- Professor Cooperante: “Claro que sim, todo o desenvolvimento da educação artística a diversidade do mundo, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico, para formar indivíduos autónomos e responsáveis e os com a preocupação da aprendizagem em aprender a conhecer, na base da educação e formação ao longo da vida.”

seguidamente, ainda no 2º período, uma nova exposição no espaço já habitual, no âmbito do Projeto de Turma, na disciplina de Oficina de Artes, os alunos do 12º AV1, realizaram para a XLII semana aberta da ESFH, Intitulada: “As consequências das alterações climáticas”:

“Na sequência da temática proposta na disciplina de Oficina de Artes, relativa às alterações climáticas, os alunos abordaram os trabalhos a partir da experimentação e criação com diversos materiais, procurando assim, conhecer em profundidade os processos artísticos como modo de intervenção na sociedade e na comunidade, utilizando estratégias metodológicas alicerçadas na capacidade de análise e de síntese e na realização de projetos de diferentes áreas disciplinares artísticas e/ou interdisciplinares, que possibilitaram a aquisição das propostas consideradas no programa de Oficina de Artes e para o desenvolvimento das áreas de competência previstas. Desta forma, os alunos tiveram em mãos, o desenvolvimento de um projeto artístico individual onde foi desenvolvido: o conceito de projeto, a relação interdisciplinar, a criação artística e os aspetos que envolvem a conceção e fruição da obra de arte no âmbito de um processo de trabalho, que provocou fases e itinerários de formulação do projeto.

Assim, para além desta exposição problematizar a temática das alterações climáticas, também pretende refletir as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo da comunidade em que está inserido.

Já no 3º período, ainda tive oportunidade de colaborar em mais uma exposição de trabalhos da turma 10ºAV2, produto final do trabalho colaborativo do Professor Titular Castro Mendes e do Diogo Cardoso de eu própria, incluindo as 3 UT, sobre a temática global: “Representação gráfica, com a exploração das capacidades de

síntese;” este trabalho descrito com mais pormenor mais à frente. como já referi, também participava na aula de Geometria Descritiva A (GD), em que, confesso não era tão assídua. Na ESFH, as turmas do 11ano são todas atribuídas ao Professor José Falcão. E convido-vos, claro com o devido aval do docente para assistir a uma aula. Não, apenas, pela sua postura na da exposição oral, na sala de aula, ou até pela aplicabilidade prática, concreta da disciplina, mas pela sua competência enquanto professor, pelo discernimento que consegue ter, de cada aluno/a durante a execução dos exercícios Isso não é apenas *dar* uma aula, mas saber observar de modo apurado, o comportamento do ser humano, nos diferentes momentos. Quando o/a discente está a executar, concentrado, ou empenhado, motivado ou com dificuldades em acompanhar, ou desinteressado, ou ainda outras manifestações possíveis de serem sentidas e com pequenos pormenores, apenas são detetáveis quando conseguimos observar todos/as simultâneo. Durante uma das aulas que assisti, houve um episódio em que uma aluna pediu para ir lá fora e explicou porquê. Quando voltou disse aos colegas em volta, o sucedido, da uma aluna que faltava desde o dia anterior, gerou-se um burburinho que passou barulheira em 2 segundos, o Professor com uma voz calma mas assertiva: - Sei que isso é muito grave para vocês, mas o assunto está a ser tratado. O que podem fazer aqui na escola, dentro da sala? Deixou passar alguns segundos; Ora onde é que íamos? O Professor está sempre disponível, antes, durante ou após a realização dos exercícios. Aproxima-se do aluno /a e pergunta se está a compreender, sem que seja interpelado. É um indivíduo que antes de ensinar a disciplina em causa , é Professor! Conversa informal com o professor Falcão da disciplina de Geometria descritiva A²⁸

- AG: Na sua opinião, porque razão os/as alunos/as, geralmente, têm dificuldade no acompanhamento da disciplina de GD? Havendo necessidade de lecionar todos os conteúdos, principalmente devido aos exames. Em que medida, a alteração do currículo da GD não seria benéfica, para que houvesse, por exemplo: interdisciplinaridade e aplicabilidade direta noutras disciplinas? os conteúdos não fossem tão densos e prolongados? ou, eventualmente, a carga horária ser aumentada?

- Professor Falcão: “A disciplina de GD é muito peculiar, pois depende da capacidade de perceber o espaço, que é uma característica desigual de indivíduo

²⁸ Conversa informal, no final da aula, mas transcrita por mim e enviada ao professor entrevistado para seu conhecimento e aval.

para indivíduo. Com isto quero dizer que há alunos com uma predisposição especial para a disciplina e outros com “resistências” evidentes para com a mesma. Para os primeiros será fácil acompanhar a leção dos conteúdos e para os segundos será sempre bem mais complicado acompanhar as aulas, sendo-lhes exigido muito mais trabalho. Quanto ao programa, de facto até tem vindo a ser aligeirado, pelo que não defendo a sua simplificação, pois iria impedir os alunos que pretendem seguir algumas áreas no ensino superior, de adquirirem conhecimentos fundamentais.”

A interdisciplinaridade será sempre uma mais valia, mas sem prejuízo da carga horária destinada à leção dos programas, uma vez que esta é equilibrada mas não permite grandes desvios. Esta carga horária poderia ser aumentada para permitir apoiar melhor os alunos com maiores dificuldades, desde que os mesmos se esforcem, pois este é um outro parâmetro, vital, que não é exclusivo da geometria descritiva. Por último, o exame nacional poderia ser aplicado apenas aos alunos com interesse no mesmo para o futuro percurso no ensino superior.

Além das disciplinas

O museu da escola é uma visita obrigatória aquando da chegada de novas pessoas discentes à escola, para além disso, serão visita esporádicas em caso raro de alguma consulta ou porventura estar à procura do Professor Viana Paredes. Para mim vai muito mais além, permite conhecer o património académico, apresentando-o como testemunho de uma longa história de contributo para o progresso da ciência e do conhecimento, não só do Agrupamento de Escolas Francisco de Holanda (AEFH) mas para toda a sociedade. O património exposto é, contudo, muito diverso, e muitos dos elementos que o integram não são frequentemente entendidos na perspectiva patrimonial. É o caso dos arquivos e das bibliotecas, mas também dos artefactos, e do equipamento que neles se foi acumulando ao longo das décadas e os próprios expositores, que devemos promover para a criação de narrativas relevantes para os nossos dias.

A saber, diversas peças e livros foram já, em algumas ocasiões, requisitadas por outras entidades externas para enriquecer as exposições relacionadas, maioritariamente, com o património industrial e cultural geográfico ou temático. A 1ª

vez que lá entrei, naturalmente após cumprimentar, afirmei , logo à entrada: - Adoro este cheiro! E Professor Viana Paredes respondeu: - Cheira a pó, não é? e eu retorqui: - Não, absolutamente. Para mim, cheira a história!

Não havendo qualquer apreciação, no plano anual de atividade, o Dia dos museus, dia 18 de maio, por exemplo, talvez fosse uma efeméride adequada para relembrar e destacar o papel crucial que a escola deve desempenhar na preservação, manutenção preventiva, reparação, restauração, reabilitação, renovação e reaproveitamento do seu património, especialmente deste museu que é dela. Isso é feito com uma ética de proteção e cuidado que deve permear toda a política académica. Além de divulgar o trabalho realizado pela instituição, o Dia dos museus ofereceria a possibilidade de promover encontros e partilhas que, poderiam, ter um efeito multiplicador, inspirando toda a comunidade académica a adotar uma ética de responsabilidade e novos olhares sobre o património e vontade de participar nesse recolha e organização, preservação e divulgação.

Como instituição, a escola deve ter a responsabilidade de preservar o património. No entanto, é papel da comunidade dar-lhe vida e usá-lo para abarcar o conhecimento, fortalecer sua identidade e relações de pertença e cuidado, bem como para o benefício das comunidades das cidades e regiões. Sendo, o museu um lugar que me é caro, acabei por questionar, com a mesma relevância, o professor cooperante, como os docentes que cuidam do espaço, no entanto, naturalmente, que as conversas sobre o museu foram um pouco mais alongadas com os responsáveis do museu. Relativamente ao tema do espaço museológico, conversei informalmente, no intervalo, com professor Castro Mendes:

- AG: *Na sua opinião, qual é o papel do museu da escola, nesta AEFH e na própria comunidade local?*

- Professor Castro Mendes: A organização e preservação dos espaços, de uma escola centenária é importante, preservar e valorizar o património histórico, artístico, cultural, natural, local e regional. No PEE (projeto educativo da escola), refere, dirigido-se para o computador da sala: AEFH tem, nas suas escolas, um vasto património histórico, cultural e científico, que se reflete na imagem que ele tem na sociedade em que se insere e num conjunto vasto espólio que se conservou até hoje e que deve ser respeitado e promovido. O Museu da Escola Francisco de Holanda é disso um exemplo,

que deve ser melhorado e prosseguido com uma organização documental e instrumental e replicado a outro património das escolas que o compõem. Além disso é necessário que todo esse esforço seja partilhado com a comunidade educativa e melhorado através dessa interação. Num plano mais vasto, e tendo em conta a relação institucional do AEFH, a defesa do património cultural e edificado deve ser uma preocupação que enforme o ato de educar, saindo por isso do património próprio para um património cultural e edificado mais vasto que, na nossa comunidade, e também através da ação educativa deve ser promovida e divulgada”.

Conversa informal com Professor Agostinho:

- Professor Agostinho: “O museu é, antes de mais, um espaço de memória. Preserva documentos, obras de arte e uma quantidade assinalável de peças didáticas. A documentação existente retrata a evolução da sociedade vimaranense ao longo de várias gerações. E permite perceber a evolução do sistema de ensino. As peças didáticas, assim como a produção de materiais feitos por alunos, mostram que a vertente prática era essencial nas escolas industriais, sobretudo nas áreas de metalomecânica, eletricidade e têxtil. Por outro lado, a Escola teve, nos seus quadros docentes, em diferentes tempos, alguns dos maiores artistas de Guimarães, o que proporcionou a existência de um notável espólio, sobretudo no campo da pintura e da escultura. O museu, que está aberto a toda a comunidade (desde que requisitado), permite, para além da visualização de peças de inegável interesse, a investigação com base na riqueza documental (atas, registo de pagamentos, registo de remessas de entradas e saídas de documentos e materiais, quadros de pessoal docente e não docente, registo de matrículas, pautas, etc.)”.

- Professor Viana Paredes: “Como se sabe, o museu é por natureza um espaço da memória. Manifesta-se como um testemunho da já longa vida da escola, nos seus aspetos mais diversos: aqui encontramos objetos didáticos, artísticos, decorativos e documentais. Tal espaço constituirá, para muitos, motivo de orgulho de estar ou ter frequentado uma escola mais que centenária, já, e que em muito contribuiu para o desenvolvimento da indústria e do comércio no Vale do Ave. Constitui-se pois como uma referência no património e no estudo da cidade”.

- AG: *Em que medida, acha importante uma parceria entre escola e outros museus e outras instituições locais?*

- Professor Agostinho Ferreira: É claro que a parceria entre museus é sempre enriquecedora. Frequentemente temos cedido, por empréstimo temporário, peças do museu. No entanto, há muito trabalho prévio para fazer. Temos vindo a organizar e a identificar peças e outros materiais. Estamos agora a tratar da parte documental que é de uma enorme riqueza e variedade e que dará trabalho para os próximos anos. Entretanto, poderão ser feitos protocolos de intercâmbio com outras instituições locais (museus, escolas, autarquias, etc.). O docente e membro da direção do museu, Viana Paredes, tem feito um excelente trabalho de recuperação de peças didáticas e de obras de arte. A ele se deve a preservação de grande parte das peças expostas e de outras que estão guardadas.

- Professor Viana Paredes: Indiscutivelmente da maior pertinência e até uma certa urgência. O museu, através dos seus responsáveis, tem vindo a desenvolver atividades nesse sentido, promovendo essa interação.

O Professor Viana Paredes é, indiscutivelmente, uma pessoa muito zelosa, que com graciosidade restaura e mantém o museu nas melhores condições, apesar de admitir que não tem colaboradores suficientes para o acervo que ainda está “engavetado”. Para além de todas estas dinâmicas, visitei várias vezes, o Museu da escola, pelo meu interesse pela história, ainda no 1º período e continuei no 2º, fiz um levantamento fotográfico e variadas consultas em livros temáticas e atas, para documentar a minha Unidade de Trabalho e a temática do meu relatório, sabendo que a instituição escolar ainda como Escola Industrial ensinava Debuxo e bordados e que ainda encontramos vestígios como teares e outros utensílios de tinturaria nos corredores assim como no museu. E sem esquecer as conversas e respostas do Professor Viana às minhas questões.

Voltei ainda no último período, várias vezes, pois a cada visita descobri novos factos, em documentos dos primórdios da escola. Todavia, contrariando a minha vontade tive que iniciar outras pesquisas, sob pena de me *perder*.

Curiosamente, nos relatórios do Observatório da qualidade do AEFH, onde se descrevem as alterações relativas a todo o espaço escolar, trimestralmente, em cada ano letivo, não aparece nenhuma descrição acerca do museu, apesar de se revelarem ao longo do ano, novas peças restauradas e novas documentações, que ainda de encontravam em acervos, e agora estarem devidamente classificadas e arquivadas.

No entanto, para além do museu que é permanente na escola, uma das atividades extra curriculares que se insere nas festas tradicionais já abordada anteriormente, são “as maçazinhas”. Este ano, a “Xico”, foi a vencedora do melhor carro alegórico, concurso lançado a todas as escolas de Guimarães, para esse efeito. Esta tradição continua na ESFH e noutras escolas secundárias da cidade. Na “Xico” foi ornamentado um carro alegórico que, este ano letivo, a coordenação da atividade, ficou a cargo do Professor Guerra. Este informou os alunos que o mais viável seria trabalhar com material reciclável e reutilizável. A escola possui, nas salas de desenho e oficinas, pequenas arrecadações, assim como armários com materiais e ferramentas. As alunas e os alunos concordaram de bom grado e comprometeram a contribuir para obter os materiais necessários em falta, através, essencialmente, de pessoas de empresas, já habitualmente colaboradoras com a ESFH e com as pessoas Encarregadas de Educação (EE) que cederam materiais como pacotes de leite e caixas de ovos (vazios). Evidencio que a tarefa é extra curricular e que as pessoas que participam são voluntárias.

A ESFH venceu o Prémio para o *melhor carro* das Maçazinhas, atribuído pela Câmara Municipal de Guimarães, no âmbito das Festas Nicolinas. O prémio monetário de 500 euros em material didático para a própria escola visa, também, incentivar os alunos a participarem no Cortejo das Maçãzinhas. O júri, constituído pelo Vereador da Cultura da Câmara Municipal, Paulo Lopes Silva, representantes da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG) e da Associação Casa da Marcha, deliberou atribuir ainda duas menções honrosas para a Escola Secundária Martins Sarmiento e a Escola Profissional Afonso Henriques (Menção Honrosa). Apesar de algumas incompatibilidades nos meus horários, colaborei, voluntariamente, nos adereços para o carro alegórico da festa das maçãzinhas, atividade coordenada pelo Professor Carlos Guerra em que cheguei a deslocar-me propositadamente à escola, fora do horário (no dia da tolerância de ponto na ESFH, sem atividade letiva, devido à festa do Pinheiro), onde junto com alguns alunos e o Professor Guerra estive a executar os pormenores, com caixas de ovos recortadas que formavam rendilhados e flores a

serem inseridos nas lanças²⁹. Realizadas em cartão prensado e cana de bambu e posteriormente colocadas no carro alegórico, que viria a ser montado dois dias depois, igualmente com a minha colaboração. São atividades coletivas ao qual me sinto confortável e gosto de participar. Os participantes trabalharam em grande grupo, num ambiente oficial e posteriormente ao ar livre, durante a montagem do veículo para o desfile. Curiosamente, a escola acabou por ganhar o prémio do concurso, promovido pela câmara Municipal de Guimarães, pelo melhor carro alegórico do cortejo.

Estive, também presente, com bastante regularidade, nas reuniões de Departamento de Artes, tanto online como presencialmente, onde o Professor Cooperante é também Coordenador do departamento. Pude conhecer todo o corpo docente das artes e ouvir as comunicações expostas, mensalmente, que me colocavam a par das atividades do agrupamento, e de algumas dificuldades na concretização de projetos a serem implementados. Existiu, da minha parte, um melhor entendimento do desenvolvimento das atividades a propor no Departamento ou em articulação com outros departamentos ou parceiros institucionais e as suas viabilidades. O Professor Castro Mendes que é elemento integrante do Conselho Pedagógico transmitia informação do âmbito legislativo e normativo vindas desse Conselho.

Como atividade extra curricular, existe, também um Clube de gravura e fotografia, em que as atividades são desenvolvidas no mesmo horário, semanalmente, à quarta feira de tarde a partir das 15:30h até às 18:30h, sendo de louvar a motivação desses/as docentes que oferecem aos/interessados/as essas oficinas artísticas livres. No entanto pelo número de participantes, este ano, a partir do 2º período, o espaço para a gravura teve de ser deslocado do compartimento, sem luz direta, onde se desenvolve a fotografia, para uma sala de aula. Isso envolveu uma logística mais rigorosa com a ocupação das salas de aulas e momentos mais demorados para a utilização dos materiais e secagem dos trabalhos. Esse constrangimento será, certamente, resolvido no próximo ano letivo, pois o Coordenador do Departamento de Artes, encontra-se ao corrente e já tem outro espaço em vista a ser deliberado em Conselho Pedagógico.

²⁹ Esta lanças são a representação de lanças executadas em alumínio e zinco para espetar a maça a oferecer as donzelas nas varandas. Tenho consciência que não é uma atitude inclusiva, mas neste caso é um revivalismo desta festa.

A nível desportivo os/as alunos/as, mais que necessário é fulcral, parafraseando uma frase muito conhecida, corpo são, mente sã, assim podem frequentar, o clube de voleibol é coordenada pelo Professor Baldaia de Educação Física e também acontece semanalmente, que treinam e organizam torneios.

No final do 2º período, durante Semana Aberta, decorreram torneios inter-turmas, em que mais de metade do grupo focal faltou a uma ou mais aulas durante a semana. Do resultado desses jogos saíram os finalistas para jogarem com outras escolas no final do 3º período.

A título informativo, das participações externas da escola, o longo do ano letivo, decorreram Programas Erasmus (European Region Action Scheme for the Mobility of University Students) , tanto para discentes como para docentes. Este ano Um grupo de alunos e docentes do ensino profissional da Francisco de Holanda encontra-se a participar num evento europeu em Umbria, Itália: Social Hackathon 2023. O evento consistiu numa competição de aptidões profissionais relacionadas com várias áreas técnicas e científicas, nomeadamente tecnologias e programação, design de produtos, promoção de produtos e serviços e intervenção social. Outra mobilidade de alunos, levou um grupo de alunos até Seyne-Sur-Mer, França, entre 9 e 13 de abril. Realizou-se, ainda um evento de Disseminação Erasmus+ dirigido a docentes ligados ao ensino profissional da ESFH. Alguns dos docentes que participaram no ano letivo anterior em atividades Erasmus+ partilharam as suas experiências e falaram sobre o impacto que as mesmas tiveram para a sua prática letiva e, mesmo, para a sua vida pessoal. Ao longo do encontro foram ainda esclarecidas dúvidas, nomeadamente sobre a tipologia de projetos Erasmus+ e questões práticas ligadas à sua implementação, gestão e candidatura. Entre outras *malhas* que me possam *ter caído!*

No âmbito da Semana Aberta do AEFH decorreu entre os dias 24 de março a 1 de abril, com o propósito de contribuir para “aprendizagens mais transversais, estreitando os laços entre a escola e a comunidade”. Esta prevê a participação das turmas (de forma coletiva ou individualmente) em atividades/ateliers de natureza prática e diversificada. Naturalmente, em todos os ciclos de escolaridade, não apenas no secundário. Poder-se-á considerar *estas semanas abertas anuais*, que acontecem em quase todas os agrupamentos de escolas públicas, apenas momentos quase obrigatórios de uma *despadronização* do quotidiano e de realização de atividades

inseridas no plano anual de atividades. No entanto, na minha modesta opinião, estes *galões* podem despertar para uma necessidade de continuidade e criar uma resposta positiva à titulação do texto da Catarina Martins (2017): “E agora vai voltar tudo a ser como era? Claro que, tendencialmente, acontece, porém, pode ser uma via para um caminho experimental.

No que concerne a disciplina de Oficina de Artes, os alunos do 12º AV1, expuseram os trabalhos já descritos no ponto anterior. Exposição, essa que se encontrou na galeria dos alunos da ESFH para a XLII semana aberta. Intitulada: “As consequências das alterações climáticas”, incluída no projeto anual da turma.

Apesar de não ser necessário a inclusão de todas as efemérides, a semana da educação artística destacada pela UNESCO, não foi assinalada na ESFH, neste caso faria sentido aproveitar esses momentos específicos para atividades artísticas para a sua promoção, visibilidade e inclusão nas diversas disciplinas, cursos e turmas. Cito o último parágrafo da mensagem de Audrey Azoulay, Diretora geral da UNESCO, por ocasião da Semana Internacional da Educação Artística 23-29 maio 2022:

“[...] apelo, portanto, a todos os parceiros da UNESCO, aos governos e às instituições educativas para que coloquem a educação artística e cultural na vanguarda: para construir o mundo de amanhã, precisamos de compreender a diversidade das culturas em todas as suas formas. riqueza e precisamos aprender a ler, escrever e contar tanto quanto a cantar, dançar e desenhar.”

E ainda participei, como observadora, nas reuniões de Conselho de Turma (CT) do final do 2º período, às 3 turmas do professor Cooperante, que acompanhei ao longo do ano: 10AV2, 12AV1, 10TDC. Acrescento que, no CT do 12AV1, por solicitação da Diretora de Turma (DT) Augusta Rodrigues, executei as alterações indicadas e discutidas, assim como, leitura pública desses textos descritivos da avaliação global de cada aluno/a da turma do 2º período, após o devido consenso. Essa ação foi, no sentido de libertar a DT e o secretário Professor Guerra, para outros assuntos simultâneos. Que como sabemos, esses momentos estão repletos de formalidades.

ESFH fora de portas

Visita de estudo das turmas de Artes a Lisboa. Nos dias 26 e 27 do mês de janeiro de 2023, os alunos do 10º Ano (Turma 10AV2) e do 12º Ano (turma 12AV) da ESFH realizaram uma visita de estudo a Lisboa, programada no plano anual de atividade da escola (PAA), tendo como tema "Descobrir a Obra de Arte e o Design, com os seguintes objetivos: Desenvolver as capacidades de observação, interrogação interpretação de obras de arte e a sensibilidade estética, assente no conhecimento de obras relevantes".

O roteiro programado foi confirmado na última reunião de departamento de Artes do 1º período. Em que os responsáveis pela realização deste evento os professores foram: Manuel Castro Mendes, coordenador do departamento de Artes, Professor de desenho A da turma 10AV2, de Oficina de Artes da turma 12AV1 e professor cooperante; Augusta Rodrigues, Diretora de turma e Professora de Desenho A da turma 12AV; Carlos Guerra, Professor de Desenho Assistido por Computador, responsável e dinamizador do clube de gravura e fotografia; Carlos Baldaia, Professor de Educação Física e responsável dinamizador do clube de Voleibol; assim como ambos Professores Estagiários, como acompanhantes. Devo salientar que o Diogo Cardoso e eu própria não tivemos qualquer despesa na viagem, nem dormida, apesar da nossa insistência nessa participação, sendo afirmado pelo nosso Professor cooperante que fazíamos parte do grupo e que apenas seria mais difícil no caso do número de pessoas ultrapassasse o limite de lugares no autocarro, o que, obrigaria ao aluguer de outro veículo, isso, acabou por não acontecer, para minha satisfação.

Assim na data marcada, às 7h30 minutos do dia 26, o autocarro partiu em direção a Lisboa. Por volta das 10 horas, alunos e professores, efetuaram uma paragem, na área de serviço de Pombal, para tomarem o pequeno almoço, onde pude observar uma certa timidez, por parte de muitos elementos das turmas, em situar-se no espaço da cafetaria da estação de serviço. Essa atitude que se veio a repetir em diversos locais, denotou a estranheza e o constrangimento que sentiam em deslocar-se, em especial, isoladamente, nos espaços que desconheciam.

Uma constatação que havia sido comentada³⁰ comigo, por 6 alunas do 10º ano, em grupo e outras isoladamente, nomeando outras colegas também, pelo facto de

³⁰ Conversa informal com alunas, nos intervalos.

nunca terem ido a Lisboa. Essas conversas, nas aulas anteriores à visita, não se resumiam a idas a Lisboa, mas a qualquer espaço museológico ou cultural, como por exemplo a Serralves, no Porto. Comprovaram que, a possibilidade de se enriquecer culturalmente e artisticamente, provém exclusivamente da escola.

Já em Cascais, cumprindo o plano desta visita de estudo, alunos/as e professores/as entravam na Casa das Histórias para apreciarem a exposição “História de todos os dias. Paula Rego, anos 70”. Observaram-se um conjunto de obras relevantes que a pintora produziu e a linguagem que Paula Rego usou para contar as suas histórias, evidenciando uma complexa interação entre humanos, animais, vegetais e híbridos. Como se pode confirmar através da Catarina Alfaro Curadora/Coordenadora da Programação e Conservação da Museu Casa das Histórias; “[...] confere aos animais que retrata uma dúplice condição que preserva por um lado a sua singularidade mas que, por outro, acumula com a sua humanização, fundada em estereótipos relacionais. Os animais servem-lhe porque as emoções humanas são neles facilmente identificáveis por associações que vêm da cultura popular e que se estabelecem de imediato”. Tivemos também, a pedido, no local, a oportunidade de *espreitar*, na sala 0 do edifício, a exposição “Paula Rego e Salette Tavares: Cartografias da criatividade feminina nos anos 70”³¹. É fundamental, como educadores lembrar aos nossos discentes, que os/as artistas são *seres humanos* e que, por exemplo, Rego no rescaldo da revolução de 25 de abril de 1974 e do fim da ditadura em Portugal, enfrentou, juntamente com a sua família, graves problemas financeiros, resultado da falência da empresa herdada do pai. No entanto, continuou a trabalhar na sua arte e, as suas obras sendo apresentadas ao público nacional e internacional, como um bom exemplo significativo da qualidade e da originalidade da arte contemporânea portuguesa. E obrigo-me a acrescentar a grande perseverança imprescindível, e que os resultados advém de um trabalho contínuo e persistente, de todas e todos para a obtenção dos resultados desejados. Esses valores são de uma importância fulcral, a serem transmitidos aos e às alunos/as. Creio que é sempre mais cativante e motivador para um/a leitor/a ou um/a ouvinte, em crescimento quando se humaniza

³¹ A duas conheceram-se por volta de 1964 e para além de amigas também foram companheiras no mundo da Arte. A exposição, com curadoria de Catarina Alfaro e Leonor de Oliveira, comemora a relação e revela os caminhos distintos mas cruzados e a celebração do centenário de aniversário de S. Tavares, mas ensombrado com o incidente da morte de Paula Rego no mesmo ano.

a/o protagonista e se contam particularidades que se aproximam de cada qual. Assim como fazia La Fontaine nas suas fábulas moralistas, em que as personagens eram animais falantes e únicos. E já agora, também mais interessante, para o emissor, seja ele ou ela qual for, docente ou não. A satisfação de sentir que a mensagem foi recebida é deslumbrante. Assumo que especialmente no papel de profissional de educação em alguma instituição, apesar de ser, claramente, defensora ambiental e zelosa dos meus deveres de cidadã, no entanto, no que concerne folhetos, folhas de sala ou descritivos das exposições, solicitava sempre à saída, no papel de professora da escola, toda a documentação que pudessem dispensar. Da Casa Das Histórias de Paula Rego cederam bastantes folhetos descritivos repetidos que entreguei ao Professor Cooperante já na escola, pode distribuir na biblioteca, na Reprografia e na sala dos Professores. Já que a exposição iria manter-se até maio. Assim aconteceu no MAAT, no entanto apenas tive acesso a folhetos em inglês, pois curiosamente, ou não, por estarmos em Portugal, a documentação em português estava esgotada. Como não é a primeira vez que me acontece, faz-me parecer que, entre outras hipóteses, ou imprimem folhetos em português a menos ou visitaram, em maior número pessoas tendo como língua materna o português! A esse respeito transcrevo *umas linhas* de Helena Cabeleira, “[...] no universo da publicação académica, cada vez mais se impõe que abdicuemos de escrever na nossa língua materna, e privilegiemos a escrita naquela que é a língua de maior circulação e legibilidade (ou visibilidade) internacional - o inglês, essa espécie de esperanto académico. Escrever em inglês é hoje a maior exigência (obrigação!) que se impõe a quem escreve e, sobretudo, a quem quer publicar aquilo que escreve [...] de certas disciplinas ou campos de conhecimento (como é o caso da própria educação artística)”. (2017:6)

Voltando à nossa visita, o grupo de docentes encaminhou as alunas e os alunos para o Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT). Antes de entrarmos, para vermos mais uma exposição houve tempo para contemplar a arquitetura do edifício e subir à superfície da pala do edifício, apreciar a paisagem envolvente. Sempre com o rio Tejo presente. Já no interior do edifício, alunos/as e professores/as deram início à visita das várias exposições, começando por; “Exist /resist - trabalhos de Didier Fiúza Faustino: 1995-2022”, com Curadoria de Pelin Tan. Artista que abordarei, novamente, no Ensejo IV, deste relatório. No piso 0, vimos a exposição comemorativa do 14º Prémio

Novos Artistas Fundação EDP, que por curiosidade, foi participada no concurso, por um universo de 700 candidaturas. Expondo Adriana Proganó (Lucerna, 1992), Andreia Santana (Lisboa, 1991), Bruno Zhu (Porto, 1991), Maria Problema (Porto, 1989), René Tavares (São Tomé, 1983), Rita Ferreira (Óbidos, 1991), com curadoria de Luis Silva, Luísa Santos, Sara Antónia Matos. Foram obras, quase todas, que os alunos puderam *experimentar* e especialmente, por isso “muito interessante”, segundo uma aluna da turma 12AV1.

Nesse espaço, o grupo de discentes observou, inicialmente, com alguma apreensão e dúvida, perante as obras, mas como ouvintes atentos às explicações orais e escritas no local, denotava as feições de concordância sobre os resultados artísticos. Por vezes, interpelava um/a ou outro/a jovem aprendiz que me suscitasse algum ceticismo, para tentar elucidar informações ou obras menos compreendidas. Ou, em outros momentos, vinham ao meu encontro, especialmente a turma 10AV2, em que “as criaturas” são bem mais imaturas que na turma 12AV, e indiciam mais inseguranças nos saber/ser e saber/saber. Por outro lado, este grupo esteve mais horas de contacto comigo, até à data da visita.

Estes comportamentos e atitudes, são normativos, mas curiosamente ou não, pela linguagem expressa pela artista, foram menos verificados na Casa das Histórias de Paula Rego. Essas posições demonstram, no meu ponto de vista, a incompreensão da cultura estética atual e de entendimento de obras não figurativas, pelas alunas³², tema que, de certa forma, abordarei num retalho do Ensejo IV, como sendo o discernimento da finalidade da arte contemporânea.

Feita a visita ao MAAT, o autocarro tomou o rumo à Pousada de Juventude de Almada. Com uma atitude respeitável e ordenadamente, cada um tomou os seus aposentos. Já toda a gente jantava e conversava sobre os acontecimentos do dia, um modo muito natural para que cada indivíduo convivesse e que, informalmente se conseguia perceber o contentamento de estar naquele lugar e naquele momento.

Assim, em concordância com Saramago: “O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa,

³² Por opção, utilizei apenas a denominação alunas, sabendo que as duas turmas em causa compõem mais de 80% de indivíduos do género feminino

a pessoa havia transformado o lugar³³". Saramago, s/d.

Ainda não tinha feito o reparo, mas naturalmente, os registos fotográficos realizados essencialmente pelos/as alunos/as, eram numerosos não apenas para as suas próprias recordações, mas, igualmente, às obras observadas. Os/as educandos/as de ambas turmas tinham sido alertados para a necessidade desses materiais para a UT seguinte, em aula, nas disciplinas de cada turma, Desenho A e Oficina das Artes.

No dia seguinte, algumas alunas estavam indispostas, presumo que pelos petiscos que continuaram noite fora a depenicar. Desde logo, estive mais atenta e mostrei-me disponível.

Iniciávamos a visita à exposição "Em matéria de matéria Prima", no Atelier-Museu Júlio Pomar. Mas passado poucos minutos, apenas ouvimos a apresentação da exposição pela curadora da exposição Sara António Matos explicou durante a visita: Júlio pomar," [...] sem pudores cromáticos, [...] molda o espaço da tela, suscitando um intrigante território pictórico[...]as pinturas de Pomar capturam momentos únicos e irrepetíveis [...], portadores de uma atração inquietante. E é essa atração inquietante que podemos referir quando pensamos nas obras, André Romão, Jorge Queiroz e Suzanne Themnitz". E as alunas abeiraram-me e prontamente informei ao Professor Castro Mendes que ia sair com quatro alunas para se sentissem mais à vontade. A visita deu seguimento ao programa de exposições do Atelier-Museu que, regularmente, procura cruzar a obra do Júlio Pomar com a de outros artistas, de modo a estabelecer novas relações entre a obra do pintor e a contemporaneidade. Quando voltamos já todos/as se encontravam, na zona de "compras", passagem obrigatória para a saída, facto que acontece em qualquer espaço museológico neste momento. A sobrevivência obriga? "Criar um museu é relativamente simples, o problema é mantê-lo" (Silva³⁴.1998:33)

Alunos/as e professores/as concentraram-se à entrada do Centro Cultural de Belém (CCB), onde foi dada liberdade, em companhia grupal e por consequência, responsabilidade, de onde almoçar nas proximidades, para que visita iniciasse às 15 horas. Foi com muito interesse que se observaram e se ouviram as explicações de

³³ Saramago, em Palavras para uma cidade (s/d,s/p)

³⁴ À data, Raquel Henriques da Silva presidente do IPM em 1998

Fabília Valente³⁵, uma pessoa muito experiente tanto na educação como na investigação e de uma clareza impecável de uma contadora de histórias, (que tenho o prazer de já conhecer profissionalmente e admiro pela sua competência e visível paixão pela arte contemporânea), sobre a “ Coleção Berardo, Do primeiro modernismo às novas vanguardas do século XX”. A coleção reúne um conjunto com mais de mil obras notáveis e significativas de determinados momentos que marcaram a história de Arte e permitem uma leitura alargada e criteriosa da evolução das Artes plásticas do século XX e início do século XXI. Também estão representados o percurso dos artistas que, num quadro de próspero desenvolvimento económico no ocidente, marcado pelo consumo e cultura de massas³⁶, que testemunham a tensão entre as tendências da abstração e da figuração.

Já no final da tarde, o autocarro iniciou a viagem de regresso. Às vinte e duas horas e trinta minutos, conforme estava previsto, o autocarro chegou à Alameda Alfredo Pimenta, quase em frente à Escola Secundária Francisco de Holanda.

Fazendo um breve balanço desta visita de estudo de dois dias, ficou a ideia de que para contemplar arte, o tempo é sempre escasso, para quem quer saber mais, conhecer, estimar e fruir a arte. A visita foi muito benéfica e profícua.

Todavia, ressalvo a atitude de algumas alunas em procurar-me para o esclarecimento ou ajuda, preocupação do Professor Castro Mendes, apesar da minha atitude pró-ativa, em requisitar a minha presença e acompanhamento, sempre que fosse necessário atender a algum constrangimento de elementos do género feminino, da turma. Essa atitude não foi inédita da visita de estudo, apesar de mais frequente, pois em algumas aulas acompanhei diferentes alunas, tanto fora da sala, como no espaço mais recatado para ouvir as preocupações ou mal-estar momentâneo. Acho o gesto muito atencioso, haveria (culturalmente) empatia espontânea, por ser do género feminino?! E também, talvez, uma atitude prudente, por parte do Professor Castro Mendes de outros professores? Sabendo até que uma maior aproximação ou contacto físico de um professor do género oposto, pode mais rapidamente ser mal interpretado.

³⁵ Fabília Valente - Arquitecta, Mediadora cultural, autora e professora

³⁶ Com inspiração no gesto de Marcel Duchamp e no ready-made, testemunhando a nova realidade urbana através das suas obras. E no pós-guerra, a par de um regresso à figuração, coabitam informalismos, abstrações, arte cinética, espacialismo, neodadaísmo, descolagismo, Nouveau Réalisme e pop art.

Recordo um episódio, numa escola, em que o Prof. que dava apoio a uma aluna com síndrome de autismo de uma das minhas turmas de 9ºano de escolaridade e que frequentava as minhas aulas da disciplina de Educação Visual, saiu com ela da sala, para acompanhar à casa de banho, ficando à porta como era habitual, mas apareceu repentinamente à sala para pedir ajuda, porque a aluna saiu do WC, com as calças abertas, desabotoadas e insistia que queria ajuda para se compor. O Professor em causa tinha sido informado pela Professora de Educação Especial, que a aluna era, nesse aspeto, apenas preguiçosa. Trocamos, então, no momento de funções. Sei que estes episódios não representam a mesma ação, ainda assim fazem questionar a complexidade das soluções e a formação necessária para a sua saudável resolução! Existem diferentes práticas e funções para os diferentes géneros? O visível, é que para uma grande percentagem populacional, sim!

Relativamente ao enriquecimento artístico da visita, é claramente essencial que haja um esclarecimento ou reavivar do contexto de pelo menos da vida das autoras e dos autores ou do momento de criação das obras expostas. Todavia, neste caso, as visitas foram sempre guiadas o que contribuiu para um maior sucesso deste momento culturalmente rico e que pela informação dada anteriormente, ainda em aula, pelo Professor da disciplina de desenho, algumas obras fruídas, à escolha do/a discente seriam trabalhadas na próxima UD em sala de aula, pelo Professor Titular, e , igualmente, mobilizados e revisitados esses momentos e elementos, na minha UD, à qual esclarecerei a sua aplicação, mais à frente, neste relatório. Não posso deixar de salientar, que estes momentos também são sociais; visitas exteriores, a novos locais, fora da zona de residência das pessoas que estudam na ESFH e, neste caso, do norte de Portugal, para a capital. Com dormida numa pousada e visitar espaços culturais com isenção de despesas, se não fosse através da escola, continuam a ser para muitas, as únicas, possibilidades de desfrutar desses momentos. Descobrir novas experiências e libertar as suas mentes, visitando exposições e passeando por outros lugares, aprender com novas paisagens. “Todo o conhecimento é também geográfico ”(Martins³⁷, 2022: s/p). O nosso lugar, onde nos posicionamos, também é geográfico.

Porém no quotidiano da vida da maioria desta juventude escolar, é definido por

³⁷ Palavras proferidas Pela Professora Catarina Martins aquando da ARENA 6 a 10-10-2022, na FPCEUP

um padrão diário, incluindo horário na escola. Sabendo até antecipadamente conteúdos que serão desenvolvidos e se o entenderem, através por exemplo dos manuais escolares, que deveriam, ser *apenas*, cadernos de apoio e não escritas de verdades absolutas. Para Foucault," a regra das localizações funcionais vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço[...]. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil". (1975:123). Assim como em casa, semanal, mensal, saídas para diversão, anual, dias de férias na mesmo local, na qual dificilmente inclui deslocações a espaços museológicos. Sabendo momento a momento, o padrão a seguir. Segundo durkheim, "A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios, sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento, que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela." Relativamente à visita, esta decorreu, de forma admirável, no seguimento do roteiro apresentados e divulgado pelo Coordenador do Departamento de Artes, o Professor Cooperante Manuel Castro Mendes.

Olhar sobre padrão modular

A minha Unidade Didática (UD) mais normalizado no MEAV ou Unidade de Trabalho (UT) como é estabelecido no AEFH , sobre padrões modulares, incluída nos conteúdos da planificação anual da ESFH elaborado pela devido departamento de artes, à disciplina de Desenho A do 10ºano, teve como linha orientadora o património industrial local. A intenção de sensibilizar para a arqueologia industrial e o património têxtil , assim com a apresentação de conceitos menos explorados sobre de espaços, que serão descritos a seguir, foram basilares para o desenvolvimento da proposta da UT. Desde já, ressalvo, que não foi meu desígnio evidenciar nenhuma dinâmica peculiar na minha UT, nem sequer tentar abordagens não convencionais. O mapa concetual que apresento, a sua leitura pode ser no seu todo, elemento a elemento, por coluna por ordem crescente ou decrescente ou por linha da esquerda para a direita ou vice versa. Dependendo do modo de olhar de cada qual. O meu intuito foi que fizesse sentido para todos e todas, independentemente das lentes de origem.

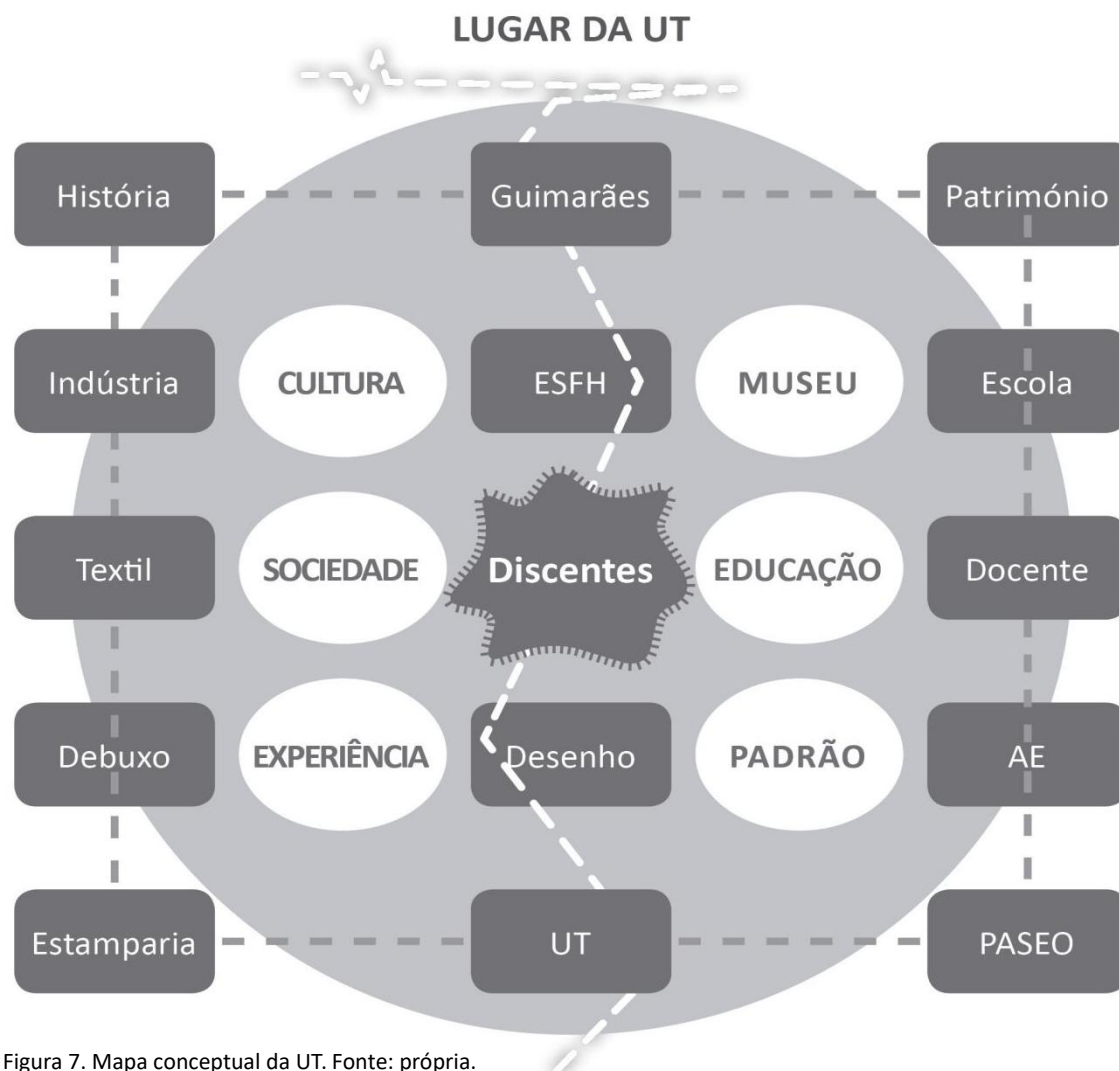


Figura 7. Mapa conceitual da UT. Fonte: própria.

Foi entregue à Professora Orientadora a síntese da proposta da UD , em Dezembro de 2022, em consonância com o solicitado pelo Meav, assim como ao Professor Cooperante. Que continha as *peças* que passo a descrever: relativamente à primazia entre as opções das disciplinas, sugeridas pelo Professor cooperante, deveríamos optar entre Oficina de Artes ou Desenho A, devido ao horário do titular e dos tempos semanais de cada uma. A minha propensão, partiu do pressuposto de ser a única disciplina e turma em que observava e assistia a todas as aulas, da disciplina de desenho A, do horário semanal da Turma 10AV2; correspondente a 6 tempos letivos semanais. Pois nas restantes turmas, no final do 1º período, a minha presença acontece, apenas, em parte da carga semanal de diferentes disciplinas.

A calendarização da apresentação e desenvolvimento da UD, deu-se em harmonia com o Professor Castro Mendes e a Professora Orquídea Coelho. Porém, deveria ter sido colocada em prática durante o 2º período, entre 15 de janeiro e 28 de fevereiro, composta por 6 tempos letivos e em que um ou dois tempos foram calendarizados e assistidos pela Professora Orquídea Coelho. Originalmente, na

proposta, a minha UT, iria desenvolver-se em colaboração, *somente*, com a proposta do Diogo Cardoso, que também trabalhou a disciplina de desenho A com a mesma turma, naturalmente com outros conteúdos. Porém, o Professor Castro Mendes demonstrou disposição em que os conteúdos das nossas unidades fossem sequenciais e agregada à do próprio Professor, foi, sem dúvida, um desafio, especialmente para os/as alunos/as. No momento em que o Professor Cooperante Ihes referiu para guardar o projeto da UT em curso, que seria incluída com as UT do Professor e da Professora em estágio, ficaram apreensivos e simultaneamente curiosos de como se iria desenvolver um trabalho colaborativo entre as três pessoas a lecionar e a aplicação entre diferentes conteúdos programáticos para resultar num único produto final. Na calendarização do Professor Castro Mendes, o resultado final que deveria ter sido exposto no final do 2º período, viria a ser exposto no início do 3º período. O trabalho incluiu, então uma tríade de UT, que culminou num exercício ímpar, muito mais enriquecido, pessoalizados e com trabalhos extremamente positivos.

A ligação da minha UT com a escola de estágio, abeira-se desde o seu nascimento, como descrevi no ensejo II, já antes da Escola de Desenho Industrial Francisco de Holanda, à época, as fábricas e os domicílios trabalhavam os têxteis. Contudo, na década de 1930, a oferta formativa da Escola Francisco de Holanda era composta pelos cursos de tecelão debuxador, bordadora, entre muitos outros e vinte anos depois, de tecelagem, de fiandeiro, de costura e bordados, entre outras áreas. E ainda hoje encontramos, nos corredores da escola, indícios dos cursos têxteis que se desenvolviam nas instalações, através dos teares ou caldeiras de tinturaria expostos. No atual Projeto Educativo (PE) do Agrupamento de Escolas Francisco de Holanda, pode ler-se: “O AEFH tem, nas suas escolas, um vasto património histórico, cultural e científico, que se reflete na imagem que ele tem na sociedade em que se insere e num conjunto vasto espólio que se conservou até hoje e que deve ser respeitado e promovido. [...] Além disso é necessário que todo esse esforço seja partilhado com a comunidade educativa e melhorado através dessa interação.” (Projeto Educativo 2022-25:12). Para além de um património histórico, os têxteis continuam atualmente a ser muito representativos, produzidos e trabalhados nas empresas e eventos culturais vimaranenses.



Figura 8 - Tear manual



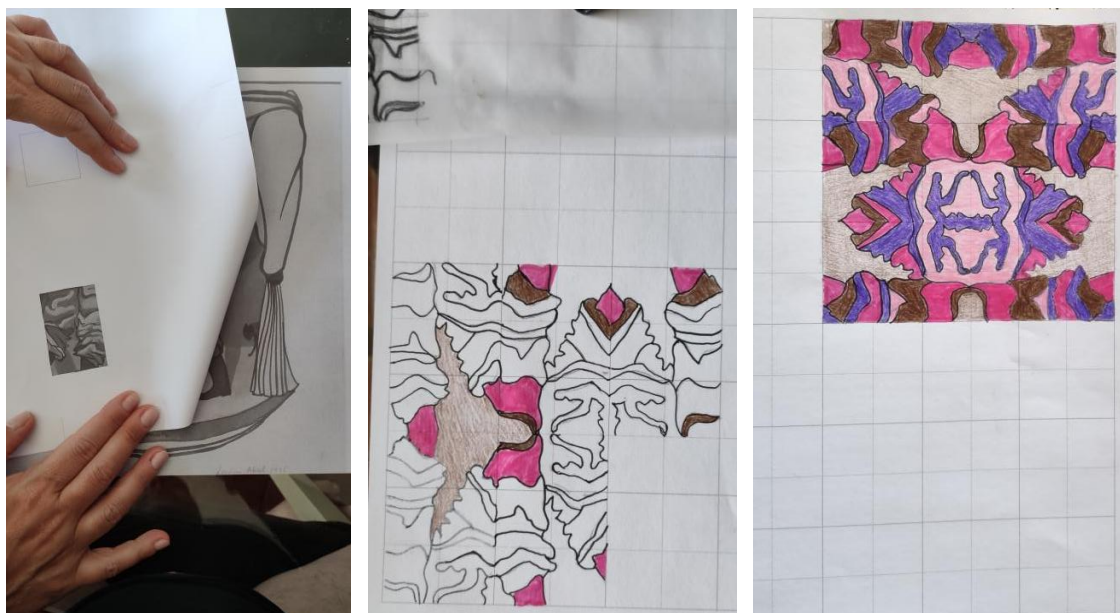
Figura 9 - tapeçaria em lã



Figura 10 - Caldeira de tingimento

Como se pode ler no site da Câmara Municipal de Guimarães “o sector secundário revela-se, em Guimarães, como a atividade económica dominante, em que 70% das empresas representam a indústria têxtil.” Essa relevância também é visível, na procura das/os estudantes pelos cursos superiores, existentes no Campus de Guimarães da Universidade do Minho, relacionados com o design têxtil que continuam a ter saída, na zona geográfica de Guimarães. (Em Universidade do Minho). Todavia, além dessas singularidades, *desvelei* novos olhares na existência do módulo como elemento único e do padrão na repetição, com o *desdobramento* da complexidade na sua rede, na sua bidimensionalidade e tridimensionalidade e novas possibilidades na aplicação dos mesmos. Foram revisitados conceitos conhecidos do 3º ciclo, da disciplina de Educação Visual e expostas características mais elementar da abrangência dos padrões, para que todos/as alunos/as partissem com os mesmos saberes sobre a temática. Após uma exposição verbal e visualização de imagens de reforço de significados. Os/as discentes tiveram que mobilizar elementos de obras escolhidas, observadas na visita de estudo a Lisboa e aplicar partes dessas mesmas obras. Apesar de ter abordado a possibilidade de alterar as posições dos estiradores, apercebi-me de um certo desconforto, por parte do Professor Cooperante. Certamente, pelo exercício inverso. que exigiria esforço e dispêndio de tempo, da duração da aula ou do próprio intervalo,

para que voltassem os móveis para os *lugares de origem*. E, não menos importante, Havendo outras disciplinas após a aula de desenho, é legítimo, que um espaço comum, as alterações sejam devidamente acauteladas, ou evitadas, sem consenso de outros/as docentes e até não docentes. Contudo, a turma realizou, em pares ou tríades, tarefas de experimentação e criação, com espelhos. Tem sido um exemplo abordado, desde logo, como uma das operações básicas de duplicação do módulo, (a reflexão ou em todo o ensino básico, apelidado de simetria), mas correntemente, sem o objeto em mãos. Após a explicação do material que havia sido distribuído anteriormente. No desafio seguinte, cada elemento do grupo focal procurou e escolheu, através de um recorte quadrangular num folha, a parte da obra que lhe iria servir de módulo, que transferiu para papel vegetal, (uma operação elementar que algumas criaturas, também nunca tinham realizado), para a próxima etapa. A partir de uma malha gráfica representada por linhas, verticais e horizontais, paralelas e equidistantes, cada um/uma experimentou e *vestiu* a estrutura. Repetindo o módulo, com o auxílio das múltiplas operações apresentadas, já descritas. No caso *das figuras*, abaixo, a obra de origem é “ Le théâtre de la petite révolution.” de Paula Rego³⁸.



Figuras 11, 12, 13 - sequência de operações: Procura e experimentação do módulo; conjugação de operações; Estudos pintura a lápis de cor

³⁸ Na exposição “Paula Rego e Salette Tavares: Cartografias da criatividade feminina nos anos 70, que a artista ofereceu ao marido.

A planificação mais detalhada, no que concerne o cumprimento dos itens das Aprendizagens Essenciais (AE), os domínios respetivos do currículo de desenho baseados no PASEO da UT, realizada em grelha, por sugestão do próprio Professor Castro Mendes, foi-lhe atempadamente apresentada, assim como enviada à Professora Orientadora, no do mês de janeiro 2023 (Apêndice X). Porém, por variados constrangimentos, como uma reunião de Conselho Pedagógico inesperada e uma saída da escola da turma em causa, não prevista no plano de atividades, criou um maior desafio, na calendarização a acrescentar as interrupções letivas do Carnaval, que que quebravam um trabalho sequencial.

Relativamente à apresentação da minha UT decorreu no dia 15 de fevereiro, com a presença a dois tempos letivos, das personagens apropriadas: Professora Orientadora: Orquídea Coelho, Professor Cooperante: Manuel Castro Mendes, Professora Estagiária: Adília Gouveia, eu própria. A criaturas que integram a turma 10AV2, puderam movimentar-se livremente, apesar de não sentirem suficientemente à vontade, pelo facto de ter uma pessoa desconhecida e que o momento provocou um deslocamento do Professor Castro Mendes para o fundo da sala. Tinham à disposição, material imagético, teórico e físico, na bancada do *pequeno* espaço oficial ao fundo da sala de aula, catálogos de papel de parede com coordenados, (que a maioria nunca tinha visto), com motivos mais orgânicos ou mais geométricos, com texturas, *falsos lisos*³⁹, cabides de amostras de tecidos, livros⁴⁰ mais figurativos sobre azulejaria, história, tecnologia e imagens de obras de autores relacionados. Assim como, papel vegetal, papel quadriculado e até papel milimétrico, que algumas nunca tinham visto. Como já tinha referido no ponto acima, a minha UT teve como linha orientadora o património industrial têxtil pela sua forte incidência no tecido social e nesse sentido, a Escola, enquanto instituição, tem o dever de conservar os patrimónios, mas cabe à comunidade, às alunas e aos alunos, ativá-lo e utilizá-lo para o progresso do conhecimento, para a cimentação da sua identidade e das relações de pertença e de cuidado, bem como para a fruição das comunidades das cidades e das regiões. “A relevância do elemento têxtil na arte contemporânea é um facto que ninguém se

³⁹ Falsos lisos: em ITV : tecidos tom sobre tom, com muita textura que cria sombras ou padronização numa escala muito reduzida, em que as representações se apresentam mescladas num só tom, visto no seu todo.

⁴⁰ Livros : Escher, Vasarely, Bauhaus, Gestalt, Introdução aos textéis, desenhar alhambra.

atreve a discutir hoje em dia”.(Lala de Dios⁴¹, 2012 s/p). A sua presença nos principais eventos do mundo da arte demonstra o seu potencial para falar sobre os grandes temas do nosso tempo de uma forma que a maior parte das pessoas entende sem esforço. Seguramente porque os têxteis estão muito perto das nossas experiências mais íntimas e pessoais e, simultaneamente, não se pode negar, “a sua capacidade de serem portadores da memória coletiva”(Idem). O passado têxtil de Guimarães como já referi, com a sua tradição em tecelagem e bordados e história como centro de um território onde a indústria têxtil, faz com que a bienal de arte têxtil contemporâneo na cidade não tenha apenas sido acertada, sendo mesmo premonitória de novidades interessantes no futuro. O património têxtil contam-nos uma história similar de êxito. Nas palavras de Lala de Dios,”com os meus colegas de júri tivemos a sempre difícil tarefa de selecionar obras de arte entre mais de mil propostas dos cinco continentes, incluindo obras a ser instaladas em espaços públicos da cidade. Essas obras foram produzidas por 52 artistas residentes em 34 países diferentes, ainda que nem todos originários do país de residência”. Talvez seja um sinal mais de um tempo em que a globalização e as migrações são comuns. “o facto de a CONTEXTILE se celebrar no Sul da Europa, um território tão rico em património têxtil e criatividade contemporânea como escasso de eventos têxteis internacionais bem desenhados e produzidos, apenas realça o seu significado para toda a região. É uma inspiração para todos nós.”(Idem) . Voltando à minha UT, propriamente dita, apesar de me ter baseado nos têxteis, parece-me extremamente redutor lembrar os módulos e os padrões apenas no debuxo e na estampa. O módulo/ padrão é um conceito e conteúdo programado e planificado nos diferentes anos de escolaridade desde o 1º ciclo do ensino básico. Naturalmente que a sua apresentação e o seu desenvolvimento nas atividades, nas diversas idades das alunas e dos alunos, têm uma abrangência e uma complexidade menor ou maior. São considerados elementos relacionais da forma e estruturantes do Desenho.

Para que todas e todos possam partir do mesmo estádio, nesta UT, foram lembrados e revisitados os conceitos básicos, como simetria, rotação, translação.... a multiplicidade de estruturas padronais, criando possibilidades infinitas para a introdução de novas propriedades formais e relacionais nas composições, como, a

⁴¹ Lala de Dios. Presidente da ETN – European Textile Network. Moderadora na Conferência Internacional, 2012: “Arte Têxtil Contemporânea: que perspectivas?”

padronização cromática, a tridimensionalidade, a irregularidade dos módulos, a deformidade da matriz, o defeito propositado, a pavimentação exemplificado com Escher, numa abordagem superficial. Para além de terem sido nomeadas e nomeados artistas e visualizados exemplos de muitas obras, durante os 6 tempos letivos, mobilizando maioritariamente as que tiveram oportunidade de ver durante a visita de estudo e outros trabalhos principalmente portugueses sobejamente reconhecidos para facilitar a compreensão trabalhos que demonstrem as possibilidades artísticas da temática, visto os/as alunos/as, não contemplarem a disciplina de História e Cultura das Artes, ser uma turma do 10ºano e dispor de apenas 6 tempos letivos, já com o produto final em união. Todavia, o tempo foi escasso, mas ainda assim aflori o Gestaltismo, ao longo de toda a unidade, imprescindível para a realização de composições, conscientemente, equilibradas e apurar o sentido crítico próprio e de outrém. A Teoria da Gestalt, também conhecida como Psicologia da Forma, é uma corrente de pensamento que propõe que a simples união das partes não explica o todo. Segundo esta teoria, o que acontece no cérebro não é idêntico ao que acontece na retina. A excitação cerebral não se dá por pontos isolados, mas por extensão. A primeira sensação já é de forma, já é global e unificada. "A percepção humana é estruturada e organizada e, por isso, não deve ser reduzida a elementos menores". (Wertheimer, M.1944:78–99). Como exemplo: uma cadeira é mais do que quatro pernas, um assento e um encosto. Uma cadeira é tudo isso, mas é mais que isso: está presente na nossa mente como um símbolo de algo distinto de seus elementos particulares. Através dos estudos das teorias elaboradas pela Gestalt no início do século XX referentes à psicologia das imagens, foi possível criar condições favoráveis para a *pragmatização* racional, na construção de projetos gráficos. Esse pertinente conceito reforça a ideia de que o todo, é mais que a soma das suas partes, existindo um envolvimento psicológico e cultural. Segundo Rudolf Arnheim, pode obter-se o padrão de equilíbrio visual de maneiras infinitamente diferentes, percebemos que o pesos e distribui desigualmente em padrões visuais, quando é introduzido um elemento intrínseco ou extrínseco à obra que se distribua desigualmente, este deve ser compensado. "Por que os artistas devem se esforçar para conseguir equilíbrio? [...] para estabilizar as inter-relações entre as várias forças de um sistema visual[...] o homem procura equilíbrio em todas as fases da sua existência física e mental e que esta mesma

tendência pode ser observada não apenas em toda a vida orgânica, mas também nos sistemas físicos”.(1995:27) Então como representam as crianças? Para Arnheim, elas desenham o que vêem”[...] A triangularidade é uma percepção fundamental, não é um conceito secundário. A distinção entre triângulos diferentes vem depois não antes. O caráter de um cão é percebido antes da característica particular de qualquer cão”.(1995:158). A tendência à estruturação explica como se pode distinguir grupos de estrelas e reconhecem constelações no céu. Aflorei, igualmente a escola da Bauhaus e o princípio: less is more. Especialmente, no sentido de despertar curiosidade e sentirem que os resultados não são acasos.

Se bem que a UD tenha sido, *projetada* para 4 momentos; a apresentação da unidade, conteúdos e objetivos, tarefas em grupo e estudos individuais, o trabalho final realizado após o desenvolvimento da UT do meu colega Diogo Cardoso que culminou na simbiose das duas unidades que passou a 3 UT, com a UT do Professor Cooperante já iniciada, como já foi referido acima; por último momento, realizar-se-ia a auto e heteroavaliação. Porém apenas foi realizado a heteroavaliação, pelo parecer do Professor Cooperante, que faria mais sentido a autoavaliação, fosse a semblante das 3 UT, no final do período, como era *habitual*.

Compreender a construção de imagens é imprescindível para a construção de objetos visuais, viabilizando a ampliação de soluções artísticas. A tendência à estruturação explica como os diferentes povos distinguem grupos de estrelas e reconhecem constelações no céu ou a configuração a proporção áurea e geômetras gregos, o que explica muitas das formas que se tornam agradáveis aos olhos humanos. Os criadores de são grandes usuários da descoberta dos símbolos em *malhas* e de seu poder de atração “pregnância”. Para além de vários artistas que utilizaram ilusões de óptica. Também explicadas pela lei da “segregação” da figura e fundo, a exemplo das obras de Escher e Salvador Dalí ou dos discos ópticos de Marcel Duchamp. A ilusão de perspectiva e a proposição cubista de criação de uma cena com (sob) múltiplos pontos de vista também são explicados pela teoria da gestalt.

“De acordo com a gestalt, a arte se funda no princípio da pregnância da forma. O resultados de relações. A Gestalt, após sistemáticas pesquisas, apresenta uma teoria nova sobre o fenómeno da percepção. Segundo esta teoria, o que acontece no cérebro não é idêntico ao que acontece na retina. A excitação cerebral não se dá por pontos

isolados, mas por extensão. A primeira sensação já é de forma, já é global e unificada”.

(Wertheimer, M. 1944).

Todos os elementos, produzidos e participados, observados foram avaliados segundo os critérios específicos de avaliação definidos pelo departamento de Artes da ESFH, no ano letivo 2022/23. Considerados nos instrumentos de avaliação. A metodologia desenvolve-se em quatro domínios das aprendizagens essenciais (AE): - Interpretação e comunicação – 10%; - Apropriação e reflexão – 10%; -Experimentação e criação – 65%;- Atitudes e valores 15%. E abarcam as seguintes áreas de aprendizagens essenciais (AE) definidas pelos descritores do perfil, das seguintes alíneas: A, B, C, D, G, I e J, considerado no PASEO. Para além do texto explicativo, realizei uma planificação em grelha, por aconselhamento do Professor Cooperante, como estipulado na ESFH. O produto final, unido pelas 3 UT culminou com a exposição no início do 3º período. Desta modo, foram promovidas, por parte do/a aluno/a: a reflexão crítica sobre os conhecimentos específicos da disciplina e as suas interpretações possíveis. A combinação de atividades e exercícios que valorize, simultaneamente, a descoberta e a interrogação, aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoa e a reflexão coletiva⁴².O esquema compositivo apresentado na galeria dos alunos, foi realizado com o recurso a processos de síntese que se consideraram adequados, para que as propostas finais fossem plasticamente interessantes e formalmente dinâmicas. Para isso, foi usado um tratamento cromático expressivo, em função da ideia e do desenvolvimento formal de cada proposta. A técnica mista utilizada foi o ecoline e/ou pastel de óleo com lápis de cor, caneta, marcadores, entre outros materiais. Cada trabalho é composto pelo autorretrato dentro de uma lógica metamórfica, como proposta do Professor Castro Mendes, que foi trabalhada a partir da apropriação de obras de Arte que foram observadas pelos alunos, dentro do contexto da visita de estudo a Lisboa, ao Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, à Casa das Histórias de Paula Rego, ao Atelier-Museu Júlio Pomar e ao Centro Cultural de Belém. igualmente conjugada com a unidade didática da professora estagiária Adília Gouveia, Padrões Modulares; e do Desenho de Memória do professor estagiário Diogo Cardoso que frequentam o 2º ano do MEAV da

⁴² A contextualização da exposição, pode ser lida assim como os trabalhos vistos, na página do Facebook do departamento de Artes da ESFH - com o endereço: FHdepartes.

Caracterização do grupo focal

A turma que irei descrever é a 10AV2, porém farei uma abordagem leve, no sentido de explicar que a sua composição é peculiar em algumas disciplinas de tronco comum, o grupo compunha mais elementos que pertenciam a um conjunto que frequentava o conservatória de música, o que acontece já em variadíssimas escolas, no ensino básico e secundário, o que, naturalmente, implica um regime articulado no horário da turma, (o que como gracejo, não poderia deixar de apontar, as criaturas de Artes Visuais costumavam apelidar de “os articulados”).

Para além das/os frequentadoras/es das aulas de música, a meados de novembro, acolheu um grupo de 11 jovens refugiados/as vindos/as do Afeganistão, porém essa partilha em sala de aula apenas aconteceu até ao final do primeiro período e em poucas disciplinas, que não Desenho A. Esses/as discentes terão sido distribuídos nas várias possibilidades das turmas dos cursos Profissionais e os maiores de idade, por opção individual, nos cursos de Educação e Formação. Estas pessoas nunca chegaram a assistir às disciplinas de Artes Visuais, pois foram encaminhados para as disciplinas das Artes Musicais. Através do Concelho de Turma (CT), soube que muitos, antes de chegar a Portugal, nunca chegaram a ter aulas de forma assídua e que nem sequer estavam habituados a ter horários e ainda menos rotinas, que tinham vindo sem família. Todavia, um certo episódio se *desenrolou*, a Professora de Música, estaria de modo informal, ser considerada “tutora” ou “mediadora” e deslocava-se, ao encontro do grupo de jovens, ao local de acolhimento em que moravam, para que eles assistissem às aulas, sob pena de não aparecerem à escola. Esses procedimentos, neste caso, talvez insólitos, foram descritos na reunião de CT da turma 10AV2, do 1º período, ao qual não assisti, pelo horário ser coincidente com outras reuniões de CT, na escola onde lecionava.⁴³ mas não podia deixar de comentar pela sua estranheza.

Relativamente, às pessoas estudantes de origem afegã, não cheguei a ter

⁴³ Não assisti às reuniões de CT na ESFH no 1º período, porém foi acordado com o Professor Cooperante que assistiria no 2º período e nas suas palavras compreensivas, já iria assistir a reuniões suficientes, na outra escola, neste caso só de CT foram 10. Mas este assunto foi comentado em alguns momentos com os/as professores/as

contacto com elas, apesar de saber que também se dividiram entre outras turmas dos cursos profissionais e de Educação e formação de adultos. No meu entender, a possível vantagem terá sido pelo facto desses cursos serem constituídos por um número menor de jovens por turma e uma maior carga horária de disciplinas mais “práticas”, para facilitar a comunicação e colmatar os horários reduzidos da disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM), questão, aliás, que é cada vez mais mais preocupante, nas “nossas”escolas, pelos indivíduos não falantes da língua portuguesa. Esse tema tem vindo a ser discutido, há já alguns anos e com mais ênfase, este ano, apesar de, ainda não me parecer, bem resolvido. Isto é, a turma 10AV2 chegou a ser composta por 37 elementos Só os elementos de artes formavam um grupo de 18 aprendentes, porém, houve alterações para a 2º período, um aluno e uma aluna trocaram de turma no final do 1º período, ambos por situações adversas sabiam antecipadamente, que iriam sair da turma 10AV2, veio a denotar-se um claro desinteresse nas aulas de desenho, especialmente na última Unidade de Trabalho (UT); o aluno foi para uma turma de Ciências e Tecnologias, enquanto que a aluna que pretendia transferência para outro estabelecimento de ensino, o que não se veio a verificar, ficando incluída na turma 10TDS, (curso profissional Técnico de Design), grupo que também já acompanhávamos, o Diogo e eu, na disciplina de Desenho de Comunicação.

E pelo contrário, no mesmo momento do ano letivo, uma nova aluna foi incluída no grupo focal, vinda de uma turma de Ciências e Tecnologias. E, com agrado, verificou-se que não sentiu dificuldades em acompanhar o desempenho das/os colegas na realização das tarefas, nem na integração da turma. O grupo focal foi desde logo, acolhedor, tornando-se cada vez mais afável e ávido dos nossos comentários e da nossa orientação. Ao nível do desempenho, a turma 10AV2, (grupo das Artes Visuais)

Em cada período, as aulas do Professor Cooperante abarcavam, na disciplina de Desenho A, uma a duas UT⁴⁴, uma ficha sumativa e ainda a observação do caderno gráfico, mensalmente, que notavelmente, os/as discentes, não aproveitavam para experimentar diferentes abordagens gramaticais, materiais, instrumentais e errar, libertarem-se, (mesmo que fosse apenas porque cada folha do caderno não custa 2 ou 3 euros). Todavia, é compreensível, pelo menos a umas criaturas do 10º ano de

⁴⁴Os enunciados das UT eram enviados aos/às alunos/as pelo e-mail institucional e descrita e esclarecida na aula a iniciar o trabalho.

escolaridade que estiveram no mínimo os 5 anos anteriores a ter disciplinas semelhantes a expressões artísticas *sem folha de rascunho*. A turma era assídua exceto à terça que devido ao transporte público algumas alunas tinham uma tolerância, (que por vezes chegavam a ultrapassar, sem justificação, todavia sem consequências necessárias.) o caso do grupo de discentes de Música, o único contacto foi na visita de estudo a Lisboa, o que representa muito pouca interação, porém, volto a citá-lo devido a uma perpétua reflexão minha, quanto à importância da disciplina de História e Cultura das Artes e à sua presença no currículo do regime articulado de Música e a obrigatoriedade da sua frequência pelas/os alunas/os, o que não acontece com as turmas de Artes Visuais, que podem optar pela disciplina de Matemática B. Sendo o caso do 10AV2, aferi alguns conteúdos desenvolvidos na disciplina de Matemática B, está, de certo modo, englobado no currículo de Geometria Descritiva A. Segundo a Direção Geral da Educação,(DGE), a disciplina de matemática B[...] “No tema de Geometria insiste-se no trabalho por via intuitiva com uma grande ênfase no desenvolvimento de capacidades de visualização geométrica. Inicia-se o 10º ano com o estudo da Geometria no Plano e no Espaço, porque a Geometria é, por excelência, um tema formativo no sentido mais amplo do termo que, [...]” É por isso que é tão importante, desde o início, trabalhar com a Geometria, “[...] permite o desenvolvimento de capacidades de visualização e representação através de figuras, que tão necessárias são para o estudo de todos os outros temas.

Em suma, os conteúdos abrem portas para a possibilidade de alterações, se o Projeto Educativo ou o Plano de Atividades da Escola o aconselhar, os docentes poderão fazer planificações diversas da indicada, “desde que seja elaborado um projeto específico justificativo e que essa alteração fique devidamente registada em ata”(Idem: 15). (Claro, sem esquecer as formalidades). Relativamente ao grupo focal, algumas pessoa teriam escolhido História e Cultura das Artes, se por ventura houvesse vaga na outra turma de 10ºano de Artes Visuais.

Tirando benefício dos contactos com os professores Viana Paredes e Agostinho Ferreira numa das conversas informais interroguei-os sobre esse assunto;

- AG: Acompanhei, no estágio, principalmente, a turma do 10AV2 e o horário não contempla a disciplina de história e cultura das artes, qual é a sua opinião, sobre a possibilidade das turmas de artes visuais poderem optar entre história das artes e

matemática B?

- Professor Viana Paredes: “Não descurando a maior importância da disciplina de matemática, estruturante de muitos e variados cursos é, contudo, de ter em conta que a preparação no conhecimento e sensibilidade “às coisas da arte e da cultura”, num destes cursos, é fundamental. Aliás, e sem pretensão descabida, a disciplina de HCA, deveria ser transversal em muitos cursos - trata-se da formação cultural e artística, imprescindíveis na sociedade atual que pretendemos construir.”

- Professor Agostinho Ferreira: “ Parece-me que essa possibilidade deveria ser equacionada. Faz todo o sentido que os alunos de artes tenham a disciplina de História e Cultura das Artes, no mínimo, como outra opção. “Há mais vida para além da matemática”.

A voz da turma no desempenho da “disdocente”⁴⁵

No sentido de apurar e melhorar o meu desempenho e os sentimentos provocados pelas criaturas que acompanhei, apresentei-lhes um pequeno questionário, que contem 2 tipos de perguntas, 1 de resposta múltipla apenas referente à UT desenvolvida e outras 3 por extenso. No sentido de receber o retorno de opiniões em 3 momentos: a primeira questão prende-se com a minha presença na escola e mais especificamente na sala de aula, ao longo do ano, durante os 3 períodos e da visita de estudo. Facultativamente, poderiam assinar o documento⁴⁶. Relativamente ao meu desempenho na UT, os resultados foram excelentes. Porém, ressalvo a questão 1 que atingiu a excelência, mas no limite da média, esse meio ponto de diferença deve-se, ao facto de os/as alunos/as terem realizado menos uma aula de experimentação que estava planeada que provocou um desapontamento que associaram diretamente à temática. Obrigo-me a lembrar que a ficha foi entregue e lida, no entanto não foi preenchida na aula para não perturbar a aula do Professor Castro Mendes e seria

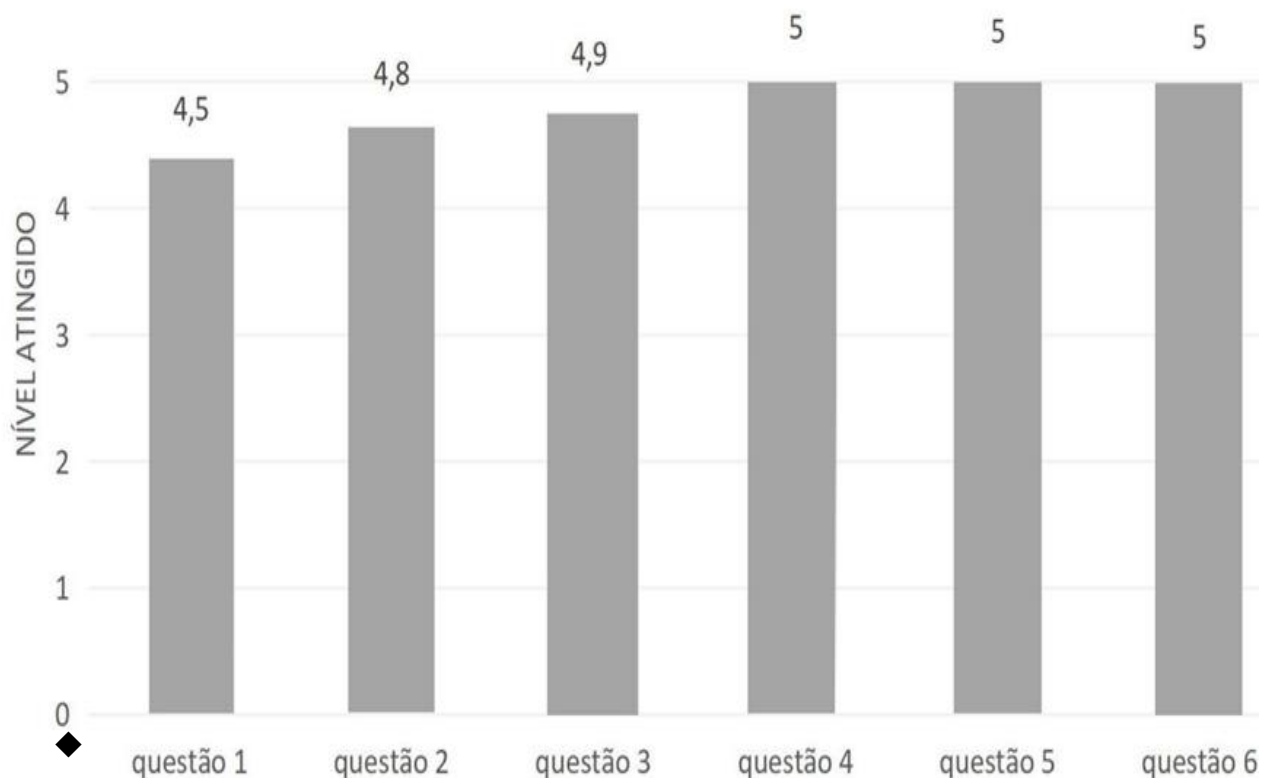
⁴⁵ Vocábulo utilizado para a exposição patente na reitoria da UP de 17 de a 23 de setembro de 2023. “DISDOCENTES” foi o neologismo com trabalhos de artistas que passaram como discentes e docentes da FBAUP. Coleção de arte moderna e contemporâneo da Fundação Ilídio Pinho.

⁴⁶ Ver apêndice X o documento completo entregue a cada discente.

entregue na semana seguinte, 3º período estava prestes a terminar lrei transcrever do documento entregue a cada discente as 6 questões de resposta múltipla, diretamente relacionadas desempenho do desenvolvimento da UT.

Em contrapartida realizei a heteroavaliação dos exercícios do grupo focal, que foi aprovado pelo parecer do Professor Cooperante, apesar das criaturas não terem expressado as suas autoavaliações, nem terem recebido o retorno da minha, que pelo parecer do Professor Cooperante, seria mais adequado, assim “como habitualmente”, os/as discentes verbalizarem a suas auto-avaliação aquando o final do período, com a evolução de todo o trabalho desenvolvido.

Transcrevo as 6 perguntas, (do 3.1 ao 3.6): 1. Interesse temático da UT; 2. Consecução dos objetivos; 3. Adequação da metodologia utilizada; 4. Clareza do discurso e do conteúdo; 5. Contribuição para a mobilização de conhecimentos; 6. Articulação dos conteúdos com as artes e o património.



Relativamente às respostas de desenvolvimento escrito, abaixo apresentarei, igualmente, com vaidade, alguns recortes das fichas, que sem a unicidade do grupo focal e a incomparável diversidade de cada criatura, não seria possível o excelente de resultado de ambas partes em o acolhimento, empatia e honestidade da aceitação das orientações.

1. Na tua opinião, quais foram os aspetos mais positivos e menos positivos da minha presença na sala de aula, durante o tempo letivo, quanto ao papel de estagiária? (Podes recorrer a exemplos, se assim o desejares).

Apesar de sermos uma turma barulhenta, etc., a professora tem/teve sempre muita paciência ao dar a aula. A professora sabe como nos deixar atentos e interessados.

1. Na tua opinião, quais foram os aspetos mais positivos e menos positivos da minha presença na sala de aula, durante o tempo letivo, quanto ao papel de estagiária? (Podes recorrer a exemplos, se assim o desejares).

Na minha opinião a professora ^{pois} tem um papel bastante importante nas nossas aulas, sempre nos ajudou em tudo o que precisávamos e a melhorarmos os nossos trabalhos. Especialmente para mim a professora foi importante porque quando estava descontente com a disciplina, ela exercitou em mim e fez-me trabalhar mais e mais, nunca desistir. Acho que não houve um único aspeto negativo na sua presença.

2. Na tua opinião, quais foram os aspetos mais positivos e menos positivos da minha presença durante a visita de estudo a Lisboa, com o tema "Descobrir a obra de Arte e o Design"? (Podes recorrer a exemplos, se assim o desejares).

A professora ^{e explicou} mostrou ~~interesse e~~ conhecimento que por vezes ~~(não)~~ não nos era transmitido ~~(completamente)~~ completamente. Assim como o dom para a organização e ~~a~~ coordenação dos alunos.

2. Na tua opinião, quais foram os aspetos mais positivos e menos positivos da minha presença durante a visita de estudo a Lisboa, com o tema "Descobrir a obra de Arte e o Design"? (Podes recorrer a exemplos, se assim o desejares).

A meu ver a professora foi indispensável nesta visita. Quando tínhamos dúvidas, seja de obras, artistas... era ela que nos dirigíamos para nos esclarecer. Apesar de professora foi amiga, o que mostra muita da sua ótima personalidade. Nesta visita algumas pessoas ficaram indispostas e a professora preocupou-se sempre em explicar-se que toda a gente estava bem. Mais uma vez, não tenho aspetos negativos a apontar.

3.7. Deixa um comentário ou uma sugestão relativos à Unidade de Trabalho Padrões Modulares. (Podes recorrer a exemplos, se assim o desejares).

Obrigado por me aturar a mim e às minhas palermices durante os trabalhos e estudos do padrão onde me ajudou a ~~progr~~ progredir no trabalho.

Nome da/o discente (facultativo).

ENSEJO III

lugar da (não) aceitação da padronização

“Mais do que criar uma certa padronização na apresentação dos trabalhos, pretende-se facilitar o trabalho dos candidatos.”

FPCEUP, normas para relatório MEAV, 2023

“É claro que há virtudes em ter objetivos e na capacidade de os concretizar. O que é problemático é o empurrão para a uniformidade, uniformidade nos objetivos, uniformidades nos conteúdos, uniformidades na avaliação, uniformidades nas expectativas. Claro que para os tecnocratas a uniformidade é uma bênção; ela elimina as complicações - ou assim se acredita.”

Elliot E. Eisner, 2008:08

Intento, aqui, uma breve reflexão sobre as relações entre tecidos díspares, das políticas educacionais, sociais e culturais. Ver com outras lentes, a importância estrutural e *vontade basilar* do aproveitamento do *estreito* lugar de liberdade, que ainda persiste, com a abolição dos programas e afastando para a *ourela*⁴⁷ todas as “formalidades”⁴⁸. Conscientemente, digo que não é fácil. Ainda subsistem múltiplas resistências que continuam invariavelmente na mesma rota, quase impeditivas e obrigam a lutar contra o vento. Já em 1984, Vieira transcrevia as palavras que Perdigão afirmava “Vamos correr riscos, vamos cometer erros. Vamos permitir que outros corram riscos e cometam erros. Vamos ser um fórum aberto para a discussão dos problemas da cultura”⁴⁹. (Ana Bigotte Vieira, p.439). Um indivíduo professor é um

⁴⁷ “Ourela”, Extremidade mais grossa de tecido, peça de vestuário ou calçado que lhe serve de acabamento. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/ourela>.

⁴⁸ A palavra formalidades surge entre aspas porque não esqueço a chamada de atenção que me foi proferida, por uma Professora Coordenadora do Departamento de Expressões, quando apliquei o vocábulo burocracia ao referir-me a toda a documentação obrigatória a entregar, que difere em cada escola ou agrupamento.

⁴⁹ Declaração de Maria Madalena de Azeredo Perdigão [MMAP] a 17 de Maio de 1984. Momento fundador do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACARTE), último projecto em que esteve envolvida, passa-se no recém-inaugurado Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa, na prática, o primeiro Museu de Arte Moderna do país, perante a assistência de jornalistas, artistas e funcionários.

conceito imagético sobre a qual são projetadas muitas contradições económicas, sociais e culturais. Contudo seria um erro considerar que as contradições enfrentadas pela professora⁵⁰, no quotidiano, são um simples reflexo dessas contradições. A situação é mais complexa. Existem tensões inerentes ao próprio ato de educar e ensinar. Embora o desenho da malha educacional tenha um resultado significativo na prática de ensino, os resultados indicam que os/as docentes têm um papel fundamental na promoção de alterações educacionais. Isso pode ser alcançado através de projetos, especialmente aqueles que incentivam experiências em sala de aula que promovam a democratização do ensino das artes e ampliem as oportunidades para que o trabalho escolar tenha mais significado.

Como podemos verificar no documento do Perfil do Aluno à Saída do Ensino Obrigatório (PASEO) “A referência a um perfil não visa qualquer tentativa uniformizadora, mas sim criar um quadro de referência que pressuponha a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia.”(PASEO:5) Esta anotação incentiva para desfilar o tecido uniforme de uma padronização escolar existente. Possibilita o coser, descoser, cortar, estampar, amarfanhar, rasgar, preguear, franzir e desconstruir ou não. Experimentar. Desmanchar essa malha hegemónica e fruir a irregularidade, a deformidade. Ou seja, o que habitualmente é considerado o erro ou defeito a descartar. Todavia, na ESFH não senti esses entraves, no ensino secundário das Artes, em que por parte dos/as profissionais de educação artísticas. Denotei as suas preocupações em abordar os conteúdos curriculares, sem exposição verbal ou escrita ou imposição da forma como seria trabalhados. Apesar de, realização de certos documentos que *obrigatoriamente* teriam que ser *arquivados*. Contudo, essa atitude normativa, habitualmente acontece muito mais no 3º ciclo do ensino básico. Em que todos os exercícios fichas, parâmetros e cotações são definidos para cada período e ano de escolaridade. Em quantos momentos ouvimos falar na necessidade de valorizar a capacidade de pensar dos/as alunos/as? De prepará-los para questionar a realidade? De *coser* a teoria e prática? De provocar a problematização? Essas questões inquietam-me, mas já albarroei, por vezes, mesmo sem saber, alguns desses

⁵⁰ Uso a palavra professora quando penso na minha pessoa em singular, no cumprimento dessa função.

conceitos defendidos por John Dewey que influenciou e influencia educadores ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes *pigmentos* da educação. Para o filósofo, “a aprendizagem acontece quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento”, (1979). Para isso, a escola deve proporcionar práticas conjuntas e promover situações de cooperação, em vez de lidar com as crianças de forma isolada.

Porém, irei desviar-me um pouco e ressaltar que a filosofia *deweyana* remete, segundo a leitura do texto “Les ambiguïtés sociales du progressisme pédagogique de John Dewey⁵¹”, de Sébastien Akira Alix, que existe uma posição educacional racial, na teoria pedagógica de Dewey. Queria, assim, afirmar que os seus estudos estariam concentrados nas crianças brancas de classe média, ignorando as afro-americanas. O tema não está, intrinsecamente contido nesta reflexão, mas não poderia deixar de o apontar, tendo utilizado o autor anteriormente, que nessa vertente *descola* de uma verdadeira democracia e sociedade plural.

Após *este acabamento, descoso* e volto. Segundo Cosme, o Decreto-Lei nº 55/2018, advém de um projeto-piloto desenvolvido em 230 instituições escolares no ano anterior, em 2017. O projeto de Autonomia e flexibilidade Curricular (PAFC) que impulsionou a um considerável *novelo* de reflexões meticolosas, que remetem docentes e discentes a membros ativos. “[...] a escola é um espaço de socialização cultural incontornável no mundo e nas sociedades em que vivemos e que por isso, os docentes deverão contribuir ativamente para que um tal objetivo se concretize.” (Cosme. 2018: 12). É ainda no mesmo Decreto-Lei , que se apontam os domínios de

⁵¹ “Progressismo educacional e segregação racial: um impensado Deweyano. Ao afirmar já em 1909 a sua rejeição da ideia de que existe inferioridade biológica entre raças, Dewey é, em muitos aspectos, um dos reformadores educacionais progressistas menos conservadores do seu tempo. No entanto, no seu trabalho educativo e político, o filósofo nunca apela à igualdade de direitos civis para os afro-americanos e permanece surpreendentemente silencioso sobre a questão da segregação racial nas escolas americanas; Em nenhum lugar do seu trabalho podemos encontrar uma crítica a tal separação (Taylor, 2004). Tais silêncios levaram alguns filósofos e historiadores da educação, como Walter Feinberg e Frank Margonis, a argumentar que a concepção deweyana de educação era constitutivamente “racializada”, isto é, implicitamente concebida para crianças brancas protestantes da classe média americana na viragem dos séculos XIX e XX nos Estados Unidos.”Ao estudar a relação entre as escolhas políticas, filosóficas e educacionais do filósofo, este artigo mostra que não podemos considerar o progressismo pedagógico do Dewey sem analisar, questionar e discutir as ambiguidades sociais que ele transmite. Em “Les ambiguïtés sociales du progressisme pédagogique de John Dewey”, de Sébastien Akira Alix. Revista Lusófona de Educação, 43, 2019: 119.124

Autonomia Curricular (DAC), como *patchwork*⁵² de trabalhos interdisciplinares e ou de articulação do currículo, em que a sua operacionalização advém da “matriz curricular-base de uma oferta educativa e formativa”(Idem 2018:35). Uma das componentes *modelada* em muitos projetos interdisciplinares é a componente de cidadania e desenvolvimento igualmente prescrita no Decreto-Lei nº 55/2018.” Na verdade, os métodos pedagógicos só adquirem sentido em função do modo como os utilizamos.” (Cosme, 2018:20).

Acerca da articulação de outras áreas ou disciplinas, nas aulas de Desenho A, questionei, o Professor Castro Mendes, numa conversa informal⁵³, anotada no diário gráfico, que passo a transcrever :

- AG: *Tem havido movimentos, como PNA (plano Nacional das Artes), DAC (Domínio de Autonomia Curricular) que incentivam atividades em articulação com diferentes disciplinas e em especial as Artes e cidadania, com valores patrimoniais materiais e imateriais. Na sua opinião, devemos, como professores, promover a interdisciplinaridade e considerar as atividades artísticas como transversais?*

- Professor Castro Mendes: “Como é evidente as áreas de competências são complementares nenhuma delas, corresponde a uma área curricular específica, e pressupõem o desenvolvimento de literacias múltiplas. Reconhecer as especificidades e as intencionalidades das diferentes manifestações culturais autonomamente em atividades artísticas e culturais e tecnológicas, com diferentes finalidades e contextos socioculturais”.

Pude constatar algumas dessas possibilidades de verdadeiras Práticas de trabalho em: “Práticas de trabalho em DAC: o poder Educativo das Artes e dos Patrimónios nos Domínios de Autonomia Curricular” - workshop com Dina Soares⁵⁴. O objetivo do workshop era a partilha de propostas de ação pedagógica que pudesse inspirar os/as docentes no desenvolvimento dos seus projetos. O processo de

⁵² Patchwork - Trabalho de costura que consta de pequenos retalhos de tecido de vários tamanhos, feitos e cores, cosidos ou unidos uns aos outros. Porto Editora – Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>

⁵³ Conversa informal verbal, transcrita, vista e com aval do Professor Castro Mendes, na sequência acerca da UT em que o trabalho deveria conter elementos do património arquitetónico vimarenense

⁵⁴ Dina soares - Coordenadora Intermunicipal do Plano Nacional das Artes. Formadora ,na conferência Património e Educação, no dia 27 de Maio de 2023, no Museu dos Coches, inserido na bienal das artes do plano nacional das artes, promovido pela (ainda atual) Direção Geral do Património Cultural (DGPC)

operacionalização das opções curriculares pode concretizar-se através dos DAC. Como professora contratada, não percebia por que razão os DAC eram e são, ainda, definidos logo no início do ano letivo, na maioria dos casos, se pressupõe o mínimo conhecimento das próprias turmas para apurar os seus anseios?

E se é um trabalho colaborativo, e para aquisição de conhecimentos mais abrangentes, por que seriam trabalhadas em momentos distantes, nas diferentes disciplinas envolvidas. Essas eram as minhas maiores questões e ficaram de uma forma clara, muito bem resolvidas: sumariamente, concluo que as minhas estranhezas eram válidas, pois um projeto que seja realizado com essas premissas não pode ser intitulado de DAC, assim anula o propósito de projeto de autonomia, é preciso lembrar que já não existe programas e é basilar dar voz aos/às alunos/as. A solução ideal seria construir um currículo para cada turma, adequado à turma.

Devemos ter a consciência que o conhecimento é um todo e não temos motivo para espartilhá-lo. Por parte da formadora também foi exposta uma questão pertinente: “Como é que, a partir do património curricular de cada disciplina, se pode estabelecer uma relação autêntica, significativa e plausível entre tal património e as experiências e desafios culturais, sociais, relacionais e éticos que se espera que os alunos possam viver?” - Através da Autonomia: para assumirem projetos curriculares capazes de desafiar os alunos a crescer como pessoas mais inteligentes e humanamente mais competentes, beneficiando do legado cultural que hoje têm ao seu dispor, em que as Aprendizagens Essenciais (AE) se configuram como um suporte para basear as decisões curriculares dos professores, com o intuito de promover a autonomia no processo educativo e facilitar a flexibilidade do mesmo.

Os DAC proporcionam um leque de possibilidades de ação, especialmente no âmbito interdisciplinar. A construção de projetos interdisciplinares não deve ser vista como um objetivo em si mesmo, mas sim como um meio para atingir determinados fins. Só é justificável a implementação desses projetos se eles representarem a melhor opção disponível. Se a abordagem de justaposição de conteúdos não nos permitir estabelecer uma relação autêntica, significativa e plausível, então essa abordagem não nos fornecerá a resposta desejada.

Nesse sentido, é claro que não se pode aceitar, por exemplo, impor a obrigatoriedade de envolver todas as disciplinas no desenvolvimento de projetos

interdisciplinares. O foco principal deve ser a autenticidade e a relevância da conexão entre as disciplinas, sendo esse o principal aspecto a ser considerado por aqueles que se envolvem no desenvolvimento desses projetos.

O objetivo é que essa articulação entre disciplinas possa enriquecer as oportunidades de aprendizagem dos alunos, ampliando os significados e otimizando os processos de ensino. Dessa forma, evita-se a redundância curricular, aproveitando o tempo disponível de trabalho. Obtermos pessoas culturalmente autônomas e criativas.

E, já em 1924, Fernando Pessoa afirmava, “Tem duas formas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjetivo da vida. Esse aperfeiçoamento é direto ou indireto; ao primeiro se chama arte, ciência ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo.”(1924:s/p)

A interação entre as artes e as outras disciplinas curriculares tem se tornado mais comum, especialmente incentivada pela tentativa de promover a interdisciplinaridade. No entanto, muitas vezes, as artes são relegadas ao papel de *meio*, ou seja, são utilizadas para o ensinamento das ciências ou outras, com o objetivo de cumprir a comunicação de mensagens restritas. Porém, isso não é o que se deseja. O objetivo é colocar a arte na *fileira* com as demais, cedendo-lhes o status equivalente, nos seus conteúdos com metodologias próprias de pesquisa e cedências de processos para resolvê-los. É isso que realmente precisa ser feito.

(Com)fiar no ensino das artes

“ A habilidade desenvolvida pelo processo artístico para interagir, não somente com processos mentais, é equivalente à capacidade para lutar com as relações inerentes aos problemas criativos de outra natureza.” (Barbosa, 1975:61)

Existe, na diagramação das tarefas escolares, uma nítida castração dos desafios artísticos experimentais. Estamos perante uma dupla problematização do ensino artístico que obriga a justa posição que “propõe relacionamento dialético entre dois

campos ideologicamente tão diversos, Arte e Educação”. (Barbosa, 1975:11)

Se por um lado, ela pode ajudar a garantir que todos os alunos recebam uma educação de qualidade consistente e que os professores tenham diretrizes claras para seguir, por outro, a padronização pode limitar a criatividade e a flexibilidade dos/as professores/as e impedir que os alunos explorem seus interesses e competências individuais.

Segundo Barbosa, a predisposição para a interação é o processo fundamental, para aprender e ensinar através de uma metodologia criativa. Para aprender a interagir é primordial para a/o aluna/o “viver responsiva e criativamente”. O que constitui o objetivo da educação artística, para que aconteça tanto dentro como fora da sala de aula. Para que isso aconteça, saliento que a ação criativa deve ser a *configuração* mais capaz de abranger todos os indivíduos de comunicação humana, que brotou nos seres humanos ao mesmo tempo que a linguagem, como uma forma de simbolizar uma realidade física e psíquica e como uma forma de compartilhá-la com os outros. E segundo Dewey, “A arte é a mais universal das formas de linguagem, por ser composta pelas qualidades comuns do mundo público, é a mais universal e mais livre das formas de comunicação.” (1934:270).

E para Eisner, acrescentando mais um *elemento*, a imaginação que assim como a arte não é um “mero ornamento”. Juntas podem *cardar* as nossas *robustas estopas*. “Elas podem ajudar-nos a restaurar um propósito decente para os nossos esforços e a criar o tipo de escolas que as nossas crianças merecem e que a nossa cultura precisa. Tais aspirações, meus amigos, são estrelas pelas quais vale a pena esticar-se.” (2008:16). “Vale a pena esticar-se”, movimentar-se, procurar, sentir, comprometer todos os sentidos. Para Lope,. “a arte é um modo de conhecimento que envolve o corpo, os diferentes sentidos - a capacidade visual, espacial, proprioceptiva e sonora.” A arte permite o desenvolvimento do olhar atento, ensina a “olhar”, base da pesquisa e das relações humanas. “O processo criativo permite a expressão organizada dos impulsos internos, base de uma educação em bem-estar psicossocial”. A arte aporta a brecha “para o jogo e a experimentação, permitindo a tentativa e erro”, o trabalho com a frustração, a perseverança e o planejamento. O processo criativo ajuda-nos a criar uma história, a dar sentido, algo essencial numa educação que trabalha com projetos. A arte apela para a liberdade e a responsabilidade de se construir. Coloca em jogo a responsabilidade pessoal na opção estética, implica compromisso com o processo e o

objeto final, e coloca em jogo a crítica construtiva e a autocrítica. A arte aporta sensibilidade estética, base da educação patrimonial. A arte nos faz sentirmos parte de uma comunidade sem perder nossa singularidade, um aspeto vital em uma educação que é corresponsável com os outros. A arte oferece uma visão alternativa de outras possibilidades vitais, estimulando uma imaginação que desenvolve a capacidade de lidar com crises pessoais e sociais”. (López Fernández-Cao⁵⁵,2017:s/p).

Espero do ensino do das artes, como um lugar que ao invés de trabalhar para a reprodução de arte e representação, na infância e na juventude, do *bem feito e do igual*, e de contínua educação prescritas de padrões estáticos perpetuados, que assuma par si o poder de desconstruir e colocar em tensão e afirmar a experimentação. Tentar novas ou velhas, outras, possibilidades. O Pintor Sá Nogueira uma das soluções, que seria” libertar o ensino de ser artístico, no início. No começo, todas as capacidades que o homem adquire são abordadas com modéstia, para progressivamente se alargar o seu campo de ação mais tarde.”(2001:68) Sabotar o hábito hegemónico de trabalhar *para* e ter liberdade de trabalhar *com* escuta e reflexão conjunta, explorando uma dimensão holística sem preconceitos.

Não resisto a *tricotar* um diálogo que Sá Nogueira expôs num seminário⁵⁶ em 2001, na FBAUP : “[...] Não me lembro quanto tempo estive calado [...] , ele em silêncio e nós à espera ,[...], a certa altura encarou a assistência e perguntou onde estava[...] era a Escola de Belas Artes, foi-lhe respondido, embora ele soubesse bem. - Ah! [...] Então o que é que se ensina aqui? Alguém recitou: - Arquitetura, pintura, escultura, etc. - Vão todos ser arquitetos, pintores ou escultores?, perguntou o artista. E aqui é que achei extraordinária a prontidão e sinceridade da sala: - Não, vamos ser professores, não temos outra saída. - Era o que o maroto queria ouvir, e disse: - Ah, professores! Mas, então, é por essa razão? Ou querem mesmo ser professores? E todos, nesta altura, estavam já na linguagem da verdade:- Não. Nós queremos ser pintores... escultores, mas é o que há... eventualmente.[...] E o artista “nórdico”concluiu: - Acabo de chegar[...] e digo-vos uma coisa, os dois ordenados mais elevados que há é o de

⁵⁵ Fernandez-Cao. M. ,(2017). La necesidad del arte en la educación. Palestra inaugural na faculdade de Educação. Universidade Complutense de Madrid. Transcrito na publicação da Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (ed. 2023)

⁵⁶ Texto escrito em atas do seminário: Os desenhos do Desenho - Novas perspetivas sobre Ensino Artístico em 2001:72. Organizado pela Fpceup.

ministro e o de professor [...], mas têm razão porque são os cargos mais pesados que existem, que ser professor tem uma grande responsabilidade.[...] Quando se pretende responder a uma pergunta destas: - Então um artista deve ensinar? - Eu digo, isso é igual a qualquer outra profissão. Um professor é um professor e essa é uma missão de tremenda responsabilidade.” Esta *entretela*⁵⁷ daria *pano para mangas*, mas vou apenas enfatizar a responsabilidade da profissão, e isso deve ser em qualquer país! A restante *confeção* deixa à *experiência* de cada qual.

Instituição museológica versus escola institucional

“If you think education is expensive, try ignorance”. (Derek Bok⁵⁸)

Apenas em 1953 foi criado o primeiro Serviço Educativo em Portugal, no Museu Nacional de Arte Antiga. Foram necessários quase 30 anos a partir dessa data para ser criada a “carreira de educador/monitor” de museu, nos anos 80. Ainda assim, a profissão era marginalizada e subsidiária.

Catarina Moura⁵⁹ contou como foi, desde a génese do Serviço Educativo que fundou, no Museu Nacional de Arte Contemporânea, em 1994, até aos dias de hoje, defendendo que é fundamental que o Serviço Educativo tenha por missão convocar todos, sem qualquer exclusão de género, idade ou cultura, aceitar todos, sem qualquer preconceito de natureza social, emocional ou física, e “receber todos”, valorizando as aprendizagens estética, lúdica, histórica, criativa e contribuindo para o processo de construção pessoal. O seu trabalho assenta no princípio do “saber olhar” e como criou os Projetos Continuados há 30 anos atrás, processos educativos de longa duração, transversais em conteúdos e temáticas, para qualquer grupo, incluindo escolas.

Descrevo estes testemunhos para confirmar a possibilidade, uma vez mais, que

⁵⁷ Entretela - Tecido rijo que se mete entre o forro e a peça exterior do vestuário. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/entretela>.

⁵⁸ Derek Bok Presidente da Universidade de Harvard, 1971-1991

⁵⁹ Catarina Moura fundadora dos serviços educativos Museu Nacional de Arte Contemporânea desde 1994 até hoje. Oradora na conferência Património e Educação a 26 e 27 de maio de 2023

o tecido da padronização pode ser *gradado*⁶⁰ para um tamanho *over size*⁶¹ de forma a introduzir novos *componentes* que poderão ser acolhidos nestas interligações.

Segundo Alice Semedo, o conhecimento advém de interações casuais e carecemos de uma ampliação e aprimoramento do nosso corpus de conhecimento, de modo a estimular o entusiasmo e a cooperação dos professores.

No estudo “Museus e Escolas: Encontros e Desencontros”, que englobou escolas e museus em todo o território nacional, os resultados obtidos são surpreendentes. “Enquanto os museus são percebidos como espaços de debate, experiência estética, criatividade, inclusão, identidade, felicidade e bem-estar, os professores consideram-nos, primordialmente como locais de arquivo, informação e conhecimento. Para as/os professoras/es, os museus são geralmente encarados como instituições de conservação, preservação e pesquisa de suas coleções⁶².”(2023:s/p) Salienta, igualmente, que os custos associados às entradas e à logística ainda constituem um obstáculo significativo às visitas escolares. Além disso, as escolas enfrentam desafios no que diz respeito à relação com os museus, tais como a seleção de visitas que correspondam aos interesses dos alunos. A visita parece não encontrar ressonância numa exploração subsequente no ambiente escolar, deixando de aproveitar todas as potencialidades que uma visita guiada pode oferecer.

O museu concebe a educação museal como uma ferramenta de democracia cultural e um recurso para promover o bem-estar e a justiça social. No entanto, a escola não compartilha dessa mesma visão, adotando uma perspetiva tradicional e conservadora em relação aos museus. De facto, a educação museal, de forma geral, assume um viés conservador. Transformações urgem e se fazem necessárias, para isso, é preciso promover pesquisas mais aprofundadas e realizar uma redefinição do papel do museu.

⁶⁰ Fazer uma gradação de um molde para outro número. Aumento ou diminuição gradual. “gradação”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/gradar>. escala de tamanhos em ITV.

⁶¹ Oversized - do inglês, acima do tamanho. Peça confeccionada propositadamente, maior que o número. Em ITV

⁶² Estas foram algumas das considerações proferidas por Alice Semedo, (docente na FLUP e CITCEM), na conferência Património e educação, no dia 27 de Maio de 2023, no museu dos coches, inserido na bienal das artes do plano nacional das artes, promovido pela ainda atual DGPC, (entidade, pelo menos previsto até ao final do ano de 2023, que em 2024 será dividida em 2 entidades).

Para Olaia Fontal⁶³ os patrimónios são vínculos que se *dobam*. Que criam nós, uns que se desenlaçam e outros não, mas continuam a *enovelar-se*. Assim sendo, o conceito de património está a mudar. “O património deixa de ser um objeto e passa a ser algo com o qual se pode estabelecer um vínculo”. O património é uma relação com pessoas, relação essa que explica o objeto. “O património é a relação entre bens e pessoas e entre pessoas e pessoas”. O património “não tem valor nem deixa de tê-lo”. “O valor” não é algo que seja próprio do bem, “é atribuído”. “É o ser humano que decide”, o valor ou os valores que tem determinado bem em determinado momento. “O património não pode ser da Humanidade, o património pode ter algum valor desafiante para a Humanidade”, mas terá de ser a Humanidade a decidir quais são os seus bens culturais.

O acesso ao património cultural é um direito fundamental, é contemplado nos Direitos Humanos, no campo dos direitos culturais e, além disso, a Declaração de Faro⁶⁴, (Conselho da Europa 2005), diz que todas as pessoas têm direito a estabelecer vínculos com o património cultural que escolherem. Apesar dos conceitos anteriores, para muitas pessoas, o que define o museu é a existência de uma coleção, contudo parece-se-me uma falsa verdade que a coleção determina o museu. Segundo Nuno Guina Garcia, a coleção “pode ser a base, mas nunca o seu fim do museu do museu”. (2005:20). As definições foram evoluindo por parte das instituições competentes. Ainda na última década do século passado, foi dado um passo fundamental para um renovado conceito, da instituição museológica e do papel da sociedade. O contexto em que os museus atuam está em constante mutação, criando dificuldades de adaptação ao nível das organizações e dos indivíduos, existe um “carácter imprevisível dos acontecimentos e das suas consequências”.(idem:21). Haverá necessidade de um equilíbrio geopolítico mundial e sócio-educativo. “Mas, quais são entre as grandes transformações que se vão dando nesta complexa e pouco previsível sociedade do século XXI, as que mais afetam,(...), as instituições museológicas?”(Garcia, 2005:46). Ainda segundo Garcia, as

⁶³ Ideias defendidas por Olaia Fontal, docente na Universidade de Valladolid, oradora na Conferência “Educação e Património”, que ocorreu no Museu Nacional dos Coches a 26 e 27 de maio de 2023. Organizado pela DGPC.

⁶⁴ Convenção-Quadro Europeia sobre o valor do Património Cultural para as Sociedades é um Tratado aberto à assinatura dos Estados membros do Conselho da Europa e à adesão da União Europeia e de outros Estados não membros desde 27 de Outubro de 2005, data em que Portugal assinou. A Convenção foi ratificada a 28 de agosto de 2009 e entrou em vigor a 1 de Junho de 2011.

modificações devem-se com o facto de, vivermos numa era em constante velocidade de metamorfose social, e que se *mescla*⁶⁵ com diferentes naturezas de sociedades, com ritmos diferentes de vivências. (Idem:47)

Se por um lado podemos considerar uma geração de revolução tecnológica digital, com inúmeros entretenimentos⁶⁶ e se manifesta com ânsia de *ver as coisas feitas*, em simultâneo ter-se-á a possibilidade de obter um conhecimento seletivo de saberes, em que essa dicotomia possibilitará (ou já possibilita) *boicotar* as relações com os museus, e essencialmente com a instituição escolar. Quanto às instituições museológicas, vão se atualizando para se adaptarem às expectativas dos visitantes, que é um aspeto positivo, na engrenagem seletiva concorrencial, apesar da *notória tentação* desviante mercantilista, com o risco de se tornar uma “empresa cultural” ou numa “companhia de serviços”(Idem: 113) .

Contudo, a democratização da sociedade, ao longo do século passado, *estamparia* consigo, entre outros epítetos a adoção de novas formas de olhar tanto a sociedade do presente como as sociedades históricas, ou de um passado, por vezes ainda presente. Assim se *enrola a roca* de novas áreas de investigação, “desde a “história no feminino, a história da vida privada, da história do quotidiano, ao estudo da alimentação ao do vestuário e da habitação”(Mendes:19), ou até de certos artefactos do quotidiano, estes são temas de exemplificação. Todavia esse novos domínios do saberes encontram-se fechados na *caixa da canela*⁶⁷ dos investigadores da história e historiografia, “ não gozando ainda de uma aceitação generalizada por parte do público”. (Idem). Dar-se-ia que os “novos” domínios de investigação encontraram um enorme *defeito de desmalhe* com a história lecionada no ensino básico e secundário. Mesmo considerando e as *impressões* deixadas da “transposição didática”, ou a imprescindível apropriação da “história-ciência à história- docência”. A título de singularidade transcrevo, como Amado Mendes exemplifica o *rasgo* sobre a cultura

⁶⁵ Juntar coisas diferentes ou juntar-se a algo diferente para formar um todo. = amalgamar, misturar" mesclar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/mesclar>. Muito utilizado na ITV.

⁶⁶ Refiro-me a centros de lazer, parques temáticos, jogos de computador, entre outros

⁶⁷ Caixa da canela (ou caixa da bobine). *Cápsula* que contém *um rolo* (*canela*) com a linha que é puxada para coser à máquina.

material de objetos e sua difusão podem ser considerados bem interessantes e servir como módulo, para outras conjugações. Vejamos:

”colher e faca são hábitos já bastantes velhos. Contudo, o uso da colher só se, generalizou no século 16, assim como o hábito de fornecer facas: os convivas dantes levavam os seus talheres . Do mesmo modo, cada qual levava o seu copo e punha-o à sua frente [...]. Os museus conservam colheres de madeira com cabos metálicos, nem sempre de prata, e facas de formas diversas. Mas trata-se de velhos instrumentos. Que sabemos nós, acerca destas e de outras temáticas similares, relativamente ao nosso país?

(Mendes, 2013:20).

Apenas a realização de um projeto político-pedagógico, emancipatório, poderá levar a cooperação entre o museu e a escola, no sentido de predomínio de relações sociais fundamentais à participação de uma cultura atual, de sentimento de pertença.

ENSEJO IV

Lugar do funambulismo da arte e do objeto museal

“Exu matou um pássaro, ontem, com uma pedra que lançou, hoje”. Esta foi a primeira alocação proferida por Paulo Vale⁶⁸ (2023.s/p). E continuou: “E se enfrentássemos o património como uma aventura? Não um território já desbravado, mapeado e seguro.” Nem, sequer, algo passado “Ele permanece como urgente presente. Um continente desconhecido, não a certeza assegurada e imóvel que uns, mais velhos e senhores da verdade, devem ensinar a outros, mais novos e meros consumidores”. É uma tarefa infinita, construção *interminada*, um processo de diálogo intergeracional, de criação de sentido em comum. Implica escuta e participação. “Luta e resistência. Conflito e negociação”. Ou seja: promoção de

⁶⁸ Palavras de Paulo Pires do Vale, comissário do Plano Nacional das Artes e orador na Conferência “Educação e Património”, integrado na bienal PNA, organizado pela Direção Geral do Património Cultural, que ocorreu no Museu Nacional dos Coches a 26 e 27 de maio de 2023

cidadania e de democracia.

“Está a escola a lançar pedras certas?” Nas narrativas dos Orixás, quando Exu aparece, vira tudo *do avesso*. “Separa o inseparável, faz cair os poderosos, ajuda os pobres a enriquecer. Numa palavra: indetina”. Num sentido positivo, sem as maldades de que o controverso Exu também é capaz, precisamos que a escola seja esse lugar de “indetinação.” “Exu é uma velha divindade cheia de contradições”. Essa ambiguidade também é essencial às artes e aos patrimónios em educação. Estas foram algumas palavras que moldaram um conjunto de reflexões e questões sobre as práticas das escolas, dos museus e de outros lugares de cultura, no discurso do Comissário Plano Nacional das Artes (PNA), Paulo Pires do vale.

Muitas pessoas rejeitam a arte contemporânea porque não a compreendem. É difícil aceitarmos o que não compreendemos. Por vezes, a arte contemporânea não se explica por si só e tem de ser traduzida. “Os museus, eventualmente, têm uma linguagem complexa que afasta as pessoas”. (Idem). Se os museus não falarem para as pessoas comuns, correm o risco de essas pessoas não voltarem lá. “Ninguém gosta de sentir-se diminuído por causa da complexidade da linguagem usada”. (Idem).

Os serviços educativos dos museus têm aqui um papel fundamental. “São os Serviços Educativos que muitas vezes ajudam as pessoas não-especialistas a compreender as obras de arte contemporânea”(Idem). Não raramente, corpo discente e docente saem maravilhados dos museus, contagiados pelas reflexões que a arte contemporânea permite fazer sobre assuntos que lhes interessam. Objetos do quotidiano fazem parte do que pode ser considerado arte.

Desde “A Fonte de Marcel Duchamp, um urinol” *de pernas para o ar* (que já tem 100 anos!) “até à cadeira de Joseph Kosuth” (de 1965), passando pelas aranhas de Louise Bourgeois” (de 1990 a 2005), “elementos comuns da vida fazem frequentemente parte das escolhas dos artistas, porque isso lhes permite pensar o presente”(Idem). Isso não quer dizer que qualquer coisa seja arte? Quer dizer que qualquer *roupagem* pode ser arte, desde que seja validada! Por exemplo, se está numa galeria de arte ou se aparece num livro de história da arte é porque alguém especialista em arte, em história da arte, em crítica de arte, em curadoria a validou.

“Nem só os especialistas podem validar a arte, qualquer pessoa pode validar o que é arte e o que não é.” A diferença entre os especialistas e as pessoas comuns são

as consequências dessa validação. “A palavra dos especialistas leva a que as obras de arte possam ser expostas ao público, enquanto a palavra das pessoas comuns tem um alcance mais individual”.(idem) Válido na mesma mas sem valor comercial!.

E para quem pergunta: Porque é que a arte contemporânea nem sempre é *bonita*? Porque a apreciação estética deixou de ser o seu propósito. Os artistas procuram ir além da técnica e da estética, explorando mais o processo do que o resultado. A arte contemporânea pretende lançar perguntas e reflexões. Um dos artistas, a que tivemos oportunidade de ver algumas obras, no MAAT, aquando da visita de estudo foi o experimentalista franco-português, Didier Faustino cujo trabalho tem sistematicamente provocado e transgredido as demarcações formais e conceptuais da arquitetura, do design e da arte em que a simbiose é das maiores propriedades. São obras claramente exemplificativas da abrangência global das representações artísticas e indutoras de reflexão que revelam a tensão propulsora presente nas explorações criativas de Faustino, bem como o eco contínuo do seu trabalho diante das inquietantes condições de sobrevivência física e mental no mundo de hoje. O artista demonstra o desassossego pelo habitat a que pertence. De acordo com Rita Lougares Diretora Artística, Faustino levanta questões incontornáveis como, ao explorar as fronteiras sociais e políticas: “será a emancipação possível face às normas opressoras que regem a nossa existência, da vida doméstica às vivências quotidianas na rua? Quais são as escalas que se interpõem entre essas normas? Qual a relevância do “material”? Como se transforma um corpo único num corpo coletivo? Qual a extensão do corpo nas várias experiências de acolhimento? Como seres humanos, procuramos adaptar os nossos corpos a muitos tipos de abrigo, habitação e alojamento, e isso implica igualmente que nos adaptemos à normalização e às regras [...]”⁶⁹. O propósito da arte contemporânea é a criação de pensamento. É assim pelo menos, desde os anos 50 do século passado. Mesmo considerando *apenas* mais meio século, poder-se-á referir que a maioria das pessoas não compreende e por consequência não aprecia as múltiplas práticas artísticas. Ou seja, quem não percebe, não aprecia, quem não aprecia não procura ver. Assim como afirma Berger, em “Modos de Ver”, “só vemos

⁶⁹ outras informações expressas no folheto informativo da exposição do artista.

aquilo para que olhamos. Olhar é um ato de escolha”. (2018).

Mas afinal quem lê a folha de sala, ou até o texto agregado ao convite seja por que meio o receba? Talvez as mesmas pessoas que irão visitar, por vontade individual, as expressões artísticas culturais. E outrem o que *lê ou vê*?

Há poucos meses, um amigo meu, também trabalhador na educação artística e nas artes, que chamarei de JC, quando após um jantar se dirigia⁷⁰, para sua casa, foi interpelado pela polícia de trânsito. Foi-lhe solicitado os documentos, sair do carro e realizar o exame de alcoolemia. Não havendo qualquer “inconformidade”, a agente, segundo JC me contou, olhou para ele de cima para baixo e pergunta; - O senhor JC o que faz? Ao qual ele responde com muita honestidade: - Sou artista plástico. E a polícia retorquiu; - Sim, mas em que é que trabalha para ganhar a vida? O diálogo continuou, mas acho que já percebemos a moralidade deste episódio. A Arte nem sempre vista como um trabalho⁷¹. A Arte é também trabalho. Evidenciando esse paradigma, acho que a personagem que a cria é também um trabalhador, noção que valorizo. Recordo uma das obras de Alberto Carneiro, (que confesso, já não me lembro onde vi mas foi por volta de 1997) , o espaço expunha trabalhos no chão e outros pousados em plintos, ou nas paredes, de variadas dimensões, mas um peça provocou-me uma certa ambiguidade. Destacou-se pela coluna que se diferenciava dos outros suportes, para mim, era uma mesa de apoio, (um tampo em ardósia com 4 pernas finas de madeira sensivelmente com 1 por 0,5 metro de altura), com 2 volumes pousados, (muito pequenos, de morfologia irregular, relativamente à escala da *mesa*, uma massa com cerca de 10 cm e a outra aproximadamente metade), que poderiam servir de pisa- papéis. Estaria, eu a retirar valor à obra? Naturalmente, a escultura, “Nos jardins de Kyoto”, de 1995 era composta por três corpos, porém poderia ter outra leitura em contextos ou observadores diversificados, como teve no momento descrito. Nessa década, era fundamentalmente, designer de mobiliário e interiores, o que explica o meu olhar *especializado ou distinto* do momento, o que viria a chamar de *(de)formação profissional*, (como se nunca desligasse a máquina

⁷⁰ JC, de barba e cabelo comprido e vestuário informal e desgastado, conduzia o seu carro económico, com mais de 20 anos. Descrevo estes pormenores, não para justificar a posição da agente, mas para reforçar a existência de preconceito e discriminação, vinda de uma pessoa da nossa sociedade, neste caso do nosso serviço público e elemento de autoridade que mantém a nossa segurança.

⁷¹ Trabalho com atividade diária, como emprego diário de subsistência

profissional da pessoa individual). Talvez se possa explicar no limbo desenhado pela *função* dada na origem, pelo criador e a compreensão do espectador/a. E dizer que “é a leitura que se faz da obra que a transforma (Rosário D., 2017:131), é pressupor que o que olhamos é uma imagem de leitura *provisória* e circunstancial. Como defende a declaração de missão do Museu da Civilização de Québec (Canada, 1996:32); “[...] os objetos apenas têm importância em razão do seu significado e da sua utilização⁷².” Será essencialmente o *padrão* a partir do qual *lemos ou vemos*, que o resultado do *produto* transforma (ou não), o nosso próprio pensamento. Aludindo às artes plásticas, mais especificamente ao desenho, Bismark afirma que “é uma operação de conjugação da ideia e da imagem, do conflito entre as duas, e é aí que o desenho se institui se conforma.” E prossegue. “O desenho como opera e não como obra” (2001:51⁷³), Bismark sustenta que não pode nem deve ser apenas a uma resposta formal, a um “objeto artístico”. Porém, nas suas conjeturas, o desenho, hoje em dia, por ação do mercado, ganhou valor artístico mas perdeu valor processual. O desenho como produto pode morrer como desenho no ensino. Acrescentando a peculiar analogia; “será substituir o prazer do jogo para se contentar com o resultado final [...] será substituir o eu autor por um objeto que será visível pelos outros.” (Idem). Apesar do meu humilde juízo ser confluyente com Bismark, qual é o papel do artista neste processo? Qual é o *modelo* que os *artistas do desenho produzem* numa sociedade mercantil? “O objeto artístico encontra-se no final do processo de criação para o seu autor e o início de outro processo para o observador. O que para um é fim para outro é começo e não é de maneira nenhuma compatível a coincidência de sentidos.” (Idem 57) O meu interesse não é sancionar, mas sim, *pontear* uma profícua reflexão, nesta dicotomia, da sociedade contemporânea que *borboteja*⁷⁴ criando botões que florescem ou inversamente se *abotoam*? *Prolongando o debuxo*, irei

⁷² Mission, concept et orientation du Musée de la civilization. Québec 1996. Citado por Garcia, 2003:20. “o museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável”

⁷³ Citado por Natália Lobo nas atas do seminário “Os desenhos do Desenho - Novas perspectivas sobre o ensino artístico” em 2001

⁷⁴ Borbotar - Lançar botões= abotoar (em ITV) ou germinar. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/borbotar>

encadear com a artista Sonia Delaunay dá vida à sua arte⁷⁵! A história da pintura moderna é sobre entrar na vida, disse ela. Artista multi-talentosa, que transita alegremente da pintura para as artes aplicadas, da decoração de parede para a confecção, do design de impressão para a ilustração de livros de poemas, Sonia Delaunay ocupa um lugar especial nas vanguardas europeias e é uma figura pioneira na arte abstracta. Todo o seu trabalho baseia-se principalmente nas pesquisas que realiza em conjunto com o marido Robert Delaunay sobre o dinamismo da luz, a harmonia das cores e a sua disposição pela lei dos contrastes conhecida como “cores simultâneas”. Este movimento artístico, “Simultaneísmo”, inspirará posteriormente outros pintores como Fernand Léger e Jasper Johns. Sonia Delaunay a experimenta nos mais variados suportes: pinturas, cartazes, encadernações, livros de artista, alfaiataria, design de móveis, até vestidos combinando com carros ou o contrário! Em 1924, ela criou um “Bugatti simultâneo: o Bugatti Type 35”. Em 1925, ela mesma dirigiu um Citroën B12 que decorou com padrões para combinar com suas saias, vestidos e casacos.

Lino Cabezas afirmou “uma questão apaixonante da arte é manter constante o buscar de uma resposta que não tem uma solução, mas muitas soluções”. (2001:77). Não obstante, o facto da citação de cabezas, poder não estar no contexto de uma arte plural, mas talvez, os *alicerces* estejam lá. Assim como todos músicos usam o mesmo alfabeto musical, ou o break dance contem ginástica acrobata. Um dos atributos da arte contemporânea é a vastidão de denominações que continuam a desenvolver-se, no sentido de uma clarificação das suas complexidades. Bruno Munari, corrobora com essa clarificação e expõe alguns questionamentos, das pessoas; “como é que a nossa época já não tem um estilo que a caracteriza? A arte, que era um privilégio de poucos, estará a tornar-se numa expressão possível a cada um de nós? Estará a reduzir-se positivamente a distância entre o artista e o homem normal? (1984:9). A partir do final da década de 1980, desenvolvem-se opiniões entre artistas, curadores e críticos de arte, relacionadas com a extensão da Arte

⁷⁵ foi isso que Sônia Delaunay mostrou na Tate Modern de Londres após a primeira exposição apresentada pelo Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris em fevereiro de 2015.

Pública. Contudo, “[...] tornaram-se mais visíveis certas propostas de Arte Pública que anunciavam importantes mudanças. [...] O crescimento da Estética da Participação social é resultado desse desdobramento e do maior desejo dos artistas em ver refletido na sua atividade artística o dilema que caracterizam o tecido social em que se inserem.”(Ponte, 2020:9). No *franzido*⁷⁶ processual de uma designação, surge a Arte Funcional, no âmbito de conceitos que viriam a ser úteis e proveitosos como “viragem social da arte” e arte “pós-conceptual”. O nome, ainda com *lugar pouco definido*, de Arte Funcional, é empregue por artistas, críticos e curadores para definirem “propostas artísticas próximas do Design com uma forte dimensão social e participativa associada.”(idem). Os profissionais das Instituições museológicas já consolidaram que o conceito de obra de arte se modifica, evolui , o que aciona alterações, relativamente, à sua exposição e sua preservação.

(des)fecho de duas entradas

Aproveitemos a polissemia do ato de *laminar*: assim como pode reduzir a espessura do material também pode acrescentar-lhe camadas e oferecer-lhe novas qualidades de laminação. Segundo Fátima Vieira, “(...) estamos em estado de emergência e a mudança só será possível se todos, mesmo nos nossos pequenos gestos, colaborarmos. E foi disso que gostei, na entrevista de Finkbeiner: da ideia de as nossas iniciativas individuais contarem – de sermos parte da solução”.⁷⁷Vieira, 2023: s/p. Sei bem que o texto não foi proferido no âmbito específico da educação, no entanto sabendo que a cidadania é parte integrante e a cultura, dita geral, de qualquer indivíduo que viva em sociedade, tomei a liberdade de a transcrever, na minha modesta opinião, pelo facto de querer realçar a minha convicção. Deve chegar um tempo em que cada um/a avalia o seu percurso individual, interrogando-se sobre as

⁷⁶ Franzido - Enrugado; pregueado. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa , 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/franzido>.

⁷⁷ Fátima Vieira Vice-Reitora para a Cultura e Museus UP. *Fazermos parte da solução*, Casa Comum _Cultura U. Porto, Newsletter

suas opções, os seus motivos, os seus acertos, no seu próprio lugar temporal. Esse tempo tem sempre, a seu favor, a inebriante dimensão do agora. Nunca deverá ser em benefício do/a próprio/a ou de outrem, ser fabricado de olhares com lentes padronizadas que indiciam uma paleta de lamentos. Sendo sempre o lugar do agora, deveria ser afirmativo, mesmo que funde raízes em outros tempos. Foram, já, os *agoras* de outros tempos ou lugares. Que contribuem para benefício do *grande todo*⁷⁸! Nesta *oportunidade*, tentei *cozer 4 materiais* que aprecio: a procura de mais conhecimento⁷⁹; formar a minha opinião ou pelo menos dúvidas concretas; os trapos, a gaveta para guardar os trapilhos, a que tendia chamar de *design poético*; e entregar essas experiências e procura não só às/aos discentes, mas a todas as criaturas que me poderão querer ouvir. O presente estou a vivê-lo, como pessoa, mãe, filha, irmã, cônjuge, amiga, cidadã e professora. O futuro posso esperaná-lo, mas no agora desconheço-o!

“O verdadeiro ensinamento pode ser terrivelmente perigoso. O Mestre tem nas mãos o mais íntimo dos seus alunos, a matéria frágil e incendiária das suas possibilidades – toca na alma e nas raízes do ser, um ato no qual a sedução erótica, por metafórica que seja, é o aspeto de menor importância. Ensinar sem uma grave apreensão, sem uma reverência perturbada pelos riscos envolvidos, é uma frivolidade. Fazê-lo sem considerar as possíveis consequências individuais e sociais é cegueira. O grande ensino é aquele que desperta dúvidas, que encoraja a dissidência, que prepara o aluno para a partida (“Agora deixa-me”. ordena Zaratustra). No final, um verdadeiro Mestre deve estar só.” (Steiner, G. 2005:88)

É meu desígnio potenciar o investimento realizado, ao longo destes 2 anos de MEAV de trabalho, na Educação artística com a escrita das reflexões, sistematizações e dúvidas e sobre a escola de estágio. Fruto do meu padrão desviante e necessidade de percebermos o presente eivado de incertezas, indecisões, incompreensões e revolta (interior ou exterior) recorri à memória da História para nos trazer o elixir da pacificação e, sobretudo, da compreensão. Na Educação como em muitas outras vertentes, precisamos do tempo passado e as suas experiências, vividas ou contadas, para que possamos *peneirar a sementes* que nos tragam essa racionalidade que a pressão do presente muitas vezes não nos deixa alcançar. E podermos, mais facilmente,

⁷⁸ O grande todo - O Universo. "todos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/todos>.

⁷⁹ A curiosidade que não demonstrada, porque muitas vezes advém de sítios periféricos mas não são aqueles de que se estão a tratar!

e em consciência fazer a triagem, no *conta-fios*⁸⁰ que se encontra inúmeras vezes *embaciado*! Assim, particularmente, esta é uma *renovação de votos na docência*! “La culture, comme l’amour, est la seule chose que le partage grandit”⁸¹ (Azoulay, 2022:s/p)

⁸⁰ Conta-fios, Lente para a contagem e análise dos fios de um tecido, utilizado na ITV. Em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/conta-fios>

⁸¹ Mensagem da Audrey Azoulay, Diretora Geral da UNESCO, por ocasião da Semana Internacional de Educação Artística. Estas palavras foram , originalmente, proferidas pelo ex-secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, no pódio da UNESCO há 30 anos, e repetida por Azoulay, que segundo ela “ainda ressoam com relevância hoje”.

Referências bibliográficas

- Actas do Seminário, (2001). “Os Desenhos do Desenho - Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico”. Organizado pela FPCEUP. Edição Faculdade de psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- AEFH -” Projeto Educativo 2022-2025”. Disponível em: <http://www.aefh.pt/#escolas>. Consultado em: 29- 10-2022
- Arnheim, R. (1995).”Arte e percepção visual- Uma psicologia da visão criadora”. Ivraria Pioneira Editora, 9ª ed.
- Barbosa, A. (1975). “Teoria e Prática da Educação Artística”. São Paulo: Editora Cultrix LTDA.
- Berger, J.(2018). “ Modos de ver”. Antígona Editores Refratários.
- Carvalho, Rómulo de (2001) . “História do Ensino em Portugal, desde a Fundação da nacionalidade até o fim do Regime de Salazar-Caetano”. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 3ª edição
- COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO, disponível em:
https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao_sobre_a_proteccao_e_a_promocao_da_diversidade_das_expressoes_culturais.pdf
- Contextile (2022). *Bienal de Arte Têxtil Contemporânea*. Disponível em:
<https://contextile.pt/2022/bienal-de-arte-textil-conteporanea/>, em: 28-01-2023
- Construções Pública E.P.E., Parque Escolar - Escola secundária Francisco de Holanda. Disponível em: <https://parque-escolar.pt/pt/escola/039>
- Cunha, L. (2021). Atividade de trabalho, território, e seus protagonistas : para uma agenda do futuro – Introdução ao dossier, Laboreal [Online], Volume 17 N°2 | 2021, posto online no dia 03 dezembro 2021. URL:
<http://journals.openedition.org/laboreal/18757>; DOI:
<https://doi.org/10.4000/laboreal.18757> . Consultado em 28-08.2023
- DERIVAS#3, (2017). “DERIVAS - Investigação em Educação Artística.” I2ADS - nEA. Instituto de Investigação em Arte e Sociedade FBAUP.
- Dewey, John. “Democracia e educação: introdução à filosofia da educação”. Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

- Direção Geral da Educação; “Aprendizagens Essenciais - Ensino Secundário”. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario>. Consultado em 24-10-2022
- Direção Geral da Educação; “ Matemática B - Documentos curriculares de referência” https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/matematica_b_10_novo.pdf
- Contextil, Bienal de Arte textil contemporânea. Disponível em: <https://contextile.pt/>
- Cosme, Arianne. (2018). “ Autonomia e flexibilidade Curricular, Propostas e Estratégias de ação”. Porto Editora
- Direcção Geral do Património Cultural - SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico disponível em: www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx . Consultado em 31-07-2023
- Direcção Regional de Cultura do Norte. 2011 - Princípios de Dublin Para a Conservação de Património Industrial, Estruturas, Áreas e paisagens, ICOMOS . Disponível em: <https://culturanorte.gov.pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Dorfles, Gillo, (1984). “ A moda da moda”. Coleção Arte & comunicação, Edições 70.
- DUAS (2020).” Colecao-delaunay”. Disponível em: <https://duasdesignblog.wordpress.com/2020/04/01/colecao-delaunay-nosso-processo-criativo/>. Consultado em 15-08-2023
- Durkheim, É. (1972), “Educação e Sociologia”, São Paulo, Melhoramentos
- Eisner, Elliot, (2008); “O que pode a Educação aprender das artes sobre a prática de educação”. Publicado na Revista Currículo Sem Fronteiras, V. 8, nº 2, pp. 5-17, Julho/Dez, 2008.
- Faro Convention Action Plan, Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/culture-and-heritage/faro-action-plan>, consultado em 7-09-2023
- Foucault, Michel (2004); “Vigiar e Punir - Nascimento da Prisão. Editora Vozes, 29ª edição.

- Garcia, Nuno Guina (2003); “O museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável”. Instituto Politécnico de Coimbra - Edição: IPC - Inovar Para Crescer. ISBN: 972-98593-2-9
- Imprensa Nacional; “Biografia de Francisco de Holanda”. Disponível em: <https://impresnanacional.pt/francisco-de-holanda/> . Consultado em 27-05-2023
- Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Património Arquitectónico — Geral, Lisboa, IHRU, IGESPAR, 2010 (Kits - património, nº 3, versão 1.0), URL: www.portaldahabitacao.pt; www.monumentos.pt; www.igespar.pt
- Ípsilon;(2023). “Unesco aprova ampliação da zona classificada património mundial em Guimarães. Disponível em: 20-09-2023
<https://www.publico.pt/2023/09/19/culturaipsilon/noticia/unesco-aprova-ampliacao-zona-classificada-patrimonio-mundial-guimaraes-2063850>
- Jean, Valérie Rellier de; *Sonia Delaunay* - “faire entrer l’art dans la vie. Passeur d’arts”. Disponível em: <https://passeurdarts.com/sonia-delaunay-faire-entrer-lart-dans-la-vie>
Consultado em 14-06-2023
- Jiménez, Lucina;Carbó, Gemma; López Fernandez Cao, Marián; Paula Ariane da Silva; Aláez, Irene (coord.); organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura(ed. 2023). “A Educação Artística dá um passo à frente”. Disponível em: <https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/publicacoes/la-educacion-artistica-da-un-paso-al-frente>.
- Lousa, Maria Teresa Viana, (2013). “Francisco de Holanda e a ascensão do pintor”Tese de doutoramento, Belas-Artes (Ciências da Arte), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9439>
- Machado, José Pedro, (2005). “ O grande livro dos provérbios”. Editorial Notícias, 3ª edição.
- Mendes, J. Amado (2013). “Estudos do Património: Museus e Educação”. Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN 978-989-26-0618-7

- Morin, E. (2019). “Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre” .
Fronteiras do Pensamento. Disponível em:
[https://www.revistaprosaveroearte.com/continuamos-como-sonambulos-e-estamos-
indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin](https://www.revistaprosaveroearte.com/continuamos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin). consultado em: 22-04-2023
- Munari, Bruno (1984).”Artista e designer”. Coleção Dimensões; Editorial Presença 2ªed.
- Município de Guimarães (s/d). disponível em: <https://www.cm-guimaraes.pt/municipio/viver-guimaraes/patrimonio-mundial>. Consultado em: 14-03-2023
- Nicolinos; Associação dos antigos Estudantes liceus de Guimarães, (AAALG).
Disponível em: <https://www.nicolinos.pt/arquivo/>
- Nogueira, P. Ramos (2019).” Indústria Têxtil de Guimarães: do sistema antigo ao advento das máquinas (contributos para uma exposição temática)”.Boletim de Trabalhos Históricos, Centro de Física da Universidade de Coimbra.
- Perdigão, M. (1981). *Educação Artística*. M. Silva e M. I. Tamen (coord.), sistema de ensino em Portugal. (pp285-305). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pessoa, F. (1924). “ *ATHENA*”. Lisboa. Reeditado em “Textos de Crítica e intervenção”.
Fernando Pessoa. Lisboa. Ática, 1980, p-139. Disponível em:
<http://arquivopessoa.net/textos/3127>
- Ponte, Sofia. (2020).” Transformar Arte Funcional em Objeto Museal”. Edição Caleidoscópio
- Rancière, Jacques. (2010). “Estética e Política: A Partilha do Sensível”. Porto: Dafne.
- SALAZAR, Adolfo, A Ciência e a arte. Revista de Guimarães, 1 ; Abr.-Jun. 1884.
publicações da Sociedade Martins Sarmento. <https://www.csarmento.uminho.pt/>
- Saramago, J. *Palavras para uma cidade*. Outros Cadernos de Saramago. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/1253.htm> .Consultado em: 30-07-2022
- Saraiva, José Hermano.(2004). “História de Portugal”, Publicações Europa-América, LDA, 7ªedição

- Sociedade Martins Sarmento. Disponível em:
<https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/sms/item?> Consultado em: 05-04-2023
- Steiner, George (2005). “As Lições dos Mestres”. Lisboa: Gradiva.
- UNESCO Portugal: Disponível em:
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/artes-e-artistas> Consultado em 17-06-2022
- Vieira, Ana Bigotte (2016). Dicionário “Quem é Quem na Museologia Portuguesa - PERDIGÃO, Maria Madalena Biscaia Azeredo”, p.439/442. disponível em:
https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/45904414/PERDIG_O_Maria_Madalena_Biscaia_Azeredo.pdf
- Vieira, Fátima, (2023). “Sermos parte da solução”. Newsletter Casa Comum _Cultura U.Porto Newsletter n.º 148 | 10 de julho 2023
- Vieira, Maria Manuel, (2005). “Análise Social. Artigo: O lugar do trabalho escolar — entre o trabalho e o lazer?” vol. XL (176), 2005, 519-545
- Wertheimer, M. (1944). Teoria da Gestalt. Pesquisa Social, 11, 78–99 Prefácio de Kurt Riezler. (PsycINFO Database Record (c) 2016

Apêndices